

ELENA GODOI

ASPECTOS DO ASPECTO

Tese apresentada ao Departamento
de Lingüística do Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito
parcial para obtenção do título de
Doutor em Ciências.

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por ELENA GODOI

e aprovada pela Comissão Julgadora em
15 / 12 / 1992.

Prof. Dr. Rodolfo Ilari

CAMPINAS - 1992

A

MARINA E WALTER

Ao Professor Rodolfo Ilari, orientador sábio, dedicado e amigo,
pelas valiosas críticas e sugestões;

ao Professor José Borges Neto, pelas incontáveis horas de
discussões e pela motivadora confiança no meu trabalho;

à Professora Lucy Seki, que tanto me encorajou durante esta
travessia;

aos meus amigos, que acreditam em mim;

ao CNPq, pelo apoio financeiro;

ao meu esposo e aos meus filhos, pela enorme paciência,

agradeço.

O que o homem busca em seus deuses, na sua arte e na ciência é o significado. Ele não consegue suportar o vazio.

François Jacob

RESUMO

Esta tese persegue dois objetivos fundamentais: o primeiro é "organizar" o quadro caótico das teorias aspectológicas existentes através de sua análise.

O segundo objetivo deste trabalho é propor as hipóteses sobre a natureza da categoria de aspecto e apresentar uma definição formal da categoria e dos conceitos básicos com ela relacionados. A proposta é aplicada à análise do aspecto em algumas línguas de tipos diferentes e, especialmente, em línguas eslavas.

SUMMARY

This thesis pursues two fundamental goals: the first of them is to "organize" the confused picture of existent aspectological theories. The second goal of this work is to offer some hypothesis on the nature of the aspect category and to present a new definition of this category and of some related concepts. The proposal is applied to the analysis of the of the aspect in some world languages of different types with the special attention to the Slavic languages.

ÍNDICE

	pág.
Introdução	7
Capítulo 1. OS ESTUDOS RELACIONADOS COM O ASPECTO NA TRADIÇÃO ANGLO-SAXÔNICA.	13
1.1 Os precursores	15
1.1.1 Streiberg (1889)	16
1.1.2 Poutsma (1926)	17
1.2 Ryle (1949)/Kenny (1963).	18
1.3 Vendler (1967).	20
1.3.1 A classificação vendleriana.	21
1.3.1.1 As características das classes aspectuais	23
1.3.1.2 Os critérios da classificação	24
1.4 Reichenbach (1947).	26
1.5 Taylor (1977)	31
1.6 Bennett e Partee (1972)	34
1.7 Mourelatos (1978)	35
1.8 Dowty	38
1.8.1 Dowty (1979)	38
1.8.2 Dowty (1986)	42
1.9 Declerck (1979)	46
1.10 Bennett (1981)	46
1.11 Parsons (1989)	48
1.12 Johnson (1981)	50
1.13 Shi (1990)	56

1.14 Verkuyl (1972)	59
1.15 Comrie (1976).	62
1.16 Resumo do capítulo 1	63
Notas	65
 Capítulo 2. ASPECTOLOGIA "ORIENTAL"	67
2.1 Gramática funcional russa	68
2.2 Sobre o conceito da função	71
2.3 Campo semântico	74
2.4 Traços semânticos verbais	76
2.4.1 Maslov (1965)	78
2.4.2 Maslov (1978)	83
2.4.3 Bondarko (1985)	83
2.4.4 Kozintseva (1985)	83
2.4.5 Akimova (1985)	84
2.4.6 Xrakovskij (1985)	91
2.4.7 O problema do traço terminativo/ aterminativo	92
2.4.7.1 Pavlov (1984)	93
2.4.7.2 Referofskaja (1984)	94
2.5 Modelo de Desherieva (1979, 1988)	99
2.5.1 Campo semântico temporal	100
2.5.2 Campo semântico aspectual	101
2.5.2.1 Caracteres de ação	102
2.5.2.2 Modos de ação	102

2.5.2.3 Formalização da semântica aspectual	104
2.5.3 Formalização da semântica aspecto-temporal	105
2.6 Proposta de Padučeva (1990)	106
2.6.1 Classificação vendleriana aplicada ao russo	108
2.7 Proposta de Timberlake	111
2.7.1 Parâmetros	112
2.7 Resumo do capítulo 2	117
Notas	119
Capítulo 3. OS TRABALHOS SOBRE O ASPECTO EM PORTUGUÊS	120
3.1 Castilho (1967)	120
3.2 Travaglia (1985)	121
3.3 Mira Mateus et al. (1983)	124
3.4 O(s) aspecto(s) em português segundo Mira Mateus e Travaglia	126
3.5 Outros	142
3.6 Resumo do capítulo 3	143
Capítulo 4. REVISÃO DA CLASSIFICAÇÃO DE VENDLER	145
4.1 Critérios e testes	145
4.1.1 Estados vs. atividades	145
4.1.2 Atividades vs. accomplishments	151
4.1.3 Achievements	159
4.2 Uma proposta para a modificação da classificação	

vendleriana	162
4.3 Resumo do capítulo 4	169
Nota	171
 Capítulo 5. UMA PROPOSTA PARA A ANÁLISE DO ASPECTO . . .	172
5.1 Perfectividade vs. imperfectividade	172
5.2 As classes aspectuais na linha do tempo	174
5.3 Tempo de referência (TR)	175
5.4 Propriedade-EP	178
5.5 O problema de telicidade/atelicidade	181
5.6 A relação entre o tempo de referência e as classes aspectuais	187
5.7 Definição do tempo de referência	188
5.8 Mais sobre a relação entre o tempo de referência e as classes aspectuais	189
5.9 Definição da propriedade-EP	195
5.10 Classes aspectuais e a propriedade-EP	198
5.11 A propriedade-EP e o progressivo	199
5.12 Definição do aspecto	208
5.13 O aspecto e as formas verbais nas línguas românicas	211
5.14 Os advérbios temporais, a propriedade-EP e o aspecto	216
5.14.1 Os advérbios de precedência	217
5.14.2 Os delimitadores	223

5.14.3 Os advérbios 'de inclusão'	228
5.15 Resumo do capítulo 5	230
Notas	231
 Capítulo 6. O ASPECTO NAS LÍNGUAS ESLAVAS	234
6.1 A tipologia das línguas eslavas	234
6.2 A morfologia da oposição aspectual	238
6.3 Os usos dos aspectos perfectivo/imperfectivo	
conforme as gramáticas russas	241
6.3.1 Uso dos aspectos na expressão da ação única .	242
6.3.2 Uso dos aspectos para expressar ações	
repetidas	244
6.3.3 Uso dos aspectos para expressar o fato do	
acontecimento da ação	245
6.3.4 Uso do aspecto do verbo no infinitivo	247
6.4 As classes aspectuais em russo	249
6.5 O aspecto e as classes aspectuais em russo	255
6.6 O problema do "uso perfectivo" do aspecto	
imperfectivo em russo	259
6.7 Casos problemáticos da análise do aspecto em outras	
línguas eslavas	265
6.7.1 O aspecto em búlgaro	266
6.7.2 O aspecto em sérvio-croata	269
6.8 Resumo do capítulo 6	272
Notas	273

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	275
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	278

INTRODUÇÃO

À primeira vista, o quadro atual dos estudos aspectológicos pode parecer bastante confuso. Esta impressão se deve, pelo menos em parte, ao tremendo acúmulo de trabalhos desenvolvidos nos últimos anos que refletem o crescente interesse por esta área da semântica. A confusão se deve também ao fato de existirem, nesta área, as abordagens dos mais diferentes tipos em que concorrem os "insights" dos estudos aspectológicos tradicionais e as propostas recentes, cujos autores muitas vezes não conseguem definir sua própria posição teórica.

Esta situação contraditória pode ser caracterizada em breves palavras: por um lado, houve um progresso considerável no desenvolvimento da abordagem componencial da semântica aspectual, por outro lado, os estudos aspectológicos sempre sofreram a influência das abordagens morfossintáticas, que muitas vezes impediam a colocação das questões da natureza universal, tratando-se dos fenômenos específicos da língua em questão e chegando-se às vezes às afirmações de que as formas verbais simples do inglês carecem de aspecto ou de que, em português, o aspecto só aparece de vez em quando em algumas formas verbais e em algumas sentenças - cf. Costa; 1990: 8). Por um lado, houve tentativas promissoras de mostrar que o aspecto é uma função do

discurso, por outro lado, houve também tentativas sérias de investigar o aspecto com base no conceito da semântica de intervalo e outros conceitos lógicos.

Existem inúmeras definições de aspecto, uma enorme quantidade de classes e subclasses diferentes e contraditórias entre si, que os lingüistas vêm desenvolvendo. Surgem as surpreendentes caracterizações de algumas formas verbais, como perfectivas por uns e imperfectivas por outros. Este quadro é um indício revelador de que nos encontramos diante de uma categoria mal compreendida.

Exemplifiquemos o que foi dito com algumas definições extraídas da literatura sobre o aspecto:

Comrie (1976):

- a. As the general definition of aspect, we may take the formulation that 'aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation' (p.3).
- b. Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation; one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and the situation-external time (tense) (ibid., p.5).

Guillaume:

- a. L'aspect est une forme qui, dans le système même du verbe, dénote une opposition transcendant toutes les autres oppositions du système et capable ainsi de s'intégrer à chacun des termes entre lesquels se marquent les dites oppositions (1929: 109)
- b. L'aspect est dans le système du verbe une distinction qui, sans rompre l'unité sémantique de ce dernier, le scinde en plusieurs termes différenciés, également aptes à prendre dans la conjugaison la marque du mode et du temps (1963: 46).

Martin & Nef (1981)

Le *temps impliqué* est celui que le verbe emporte avec soi, qui lui est inhérent, fait partie intégrante de sa substance et dont la notion est indissolublement liée à celle de verbe. Il suffit de prononcer le nom d'un verbe comme "marcher" pour que s'éveille dans l'esprit, avec l'idée d'un procès, celle du temps destiné à en porter la réalisation.

Le *temps expliqué* est autre chose. Ce n'est pas le temps que le verbe retient en soi par définition, mais le temps divisible en moments distincts - passé, présent, futur et leurs interprétations - qui le discours lui

attribue.

Cette distinction du *temps impliqué* et du *temps expliqué* coïncide exactement avec la distinction de l'*aspect* et du *temps* (p.18)

Vlach (1981):

L'aspect parfait, tout comme les temps du passé et du présent, est un modificateur d'adverbiaux temporels, dans TA (*sistema temporal e aspectual* - EG) (p.76)

Marin (1987):

El aspecto es la expresión de una acción en cuanto terminada o en progreso (perfectivo/imperfectivo), *Aktionsart* [modo de acción] sería la expresión de una acción en cuanto realizada de cierta manera: iterativa, durativa, etc. (p.268).

Plužnikova & Vladimírskij (1982):

A categoria gramatical de aspecto em russo serve para expressar as diferenças nos modos de acontecer a ação verbal ou nos modos do falante representar o acontecer da ação (p.5).

Rozental (1984):

A categoria de aspecto verbal caracteriza a ação do ponto

de vista de como esta ação se desenvolve no tempo, independentemente do momento de fala. (p.351)

Castilho (1968)

o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo.

Encontram-se também muitos trabalhos sobre o aspecto que não apresentam definição alguma, como, por exemplo, o de Vet (1981) ou o de Hoepelman (1978), que diz:

The problem is, that... a clear undersatnding of what Aktionsarten and Aspects are, is lacking. This makes it difficult to attack or defend the one or the other position, for one doesn't know what exactly one is attacking or defendig. In this paper I am going to advance the position that the Slavic Aspects are something which is lacking in English, German, Duth, but that Aktionsarten are something which is shared by Slavonic and Germanic languages (p.58).

Em vista desta situação caótica e do difícil acesso a uma boa parte da bibliografia por nós consultada, decidimos, antes de mais nada, analisar pelo menos algumas teorias mais influentes

existentes na aspectologia, decorrentes, de acordo com Dahl (1981), das duas posições teóricas: a "ocidental" (ou anglo-saxônica) e a "oriental" (ou eslava). A exposição e a discussão dessas teorias ocupam os capítulos 1 e 2. O capítulo 3 é dedicado aos trabalhos sobre o aspecto em português. No capítulo 4, retomamos, revisamos e modificamos alguns conceitos fundamentais que nortéiam a posição "ocidental", que é a base do nosso trabalho por razões que exporemos oportunamente. No capítulo 5, apresentamos a nossa definição do aspecto. O capítulo 6 é a aplicação dos conceitos por nós definidos à análise das línguas eslavas. Dedicamos uma capítulo à parte ao estudo do aspecto eslavo e não do português por não ser esta nossa língua materna e por faltarem-nos as intuições necessárias. Entretanto, deve ficar claro que jamais tivemos pretensões de apresentar uma análise exaustiva do aspecto em qualquer língua. Acreditamos, no entanto, que a abordagem por nós apresentada permitirá que tais análises sejam feitas.

CAPÍTULO 1.

OS ESTUDOS RELACIONADOS COM O ASPECTO NA TRADIÇÃO ANGLO-SAXÔNICA

As diferentes concepções e teorias sobre o aspecto refletem as tendências que podem ser observadas na história dos estudos aspectológicos.

Em muitas discussões sobre o aspecto e as categorias relacionadas, em muitas teorias aspectológicas, faz-se uma distinção entre as frases verbais do tipo:

- 1) *dançar, andar de bicicleta, escrever, escrever romances, trabalhar, etc.;*
- 2) *concertar um carro, ir para São Paulo, escrever um artigo, matar o marido, etc.*

Intuitivamente, a diferença semântica entre os dois grupos de frases verbais consiste no fato de que as frases do grupo 2) contém uma referência a um ponto terminal, enquanto as do grupo 1) não. As frases dos dois grupos têm comportamentos diferentes em vários sentidos. Por exemplo, as do grupo 1) combinam com frases adverbiais do tipo *durante duas horas (for two hours)*, enquanto as do 2) aceitam advérbios do tipo *em duas horas (in two hours)*. Cf:

- (1.1) *Mary sang for two hours/*in two hours.*
 *Mary cantou durante duas horas/*em duas horas*

- (1.2) *John wrote a paper *for two hours/in two hours.*
 John escreveu um artigo durante duas horas/em duas horas.

Na verdade, como se vê, as frases do grupo 2) não são tão "pacíficas" a respeito deste critério: em português, à diferença do inglês, algumas formas verbais aceitam perfeitamente os advérbios de duração. Cf.:

(1.3) *O meu orientador escreveu/esteve escrevendo um artigo durante duas horas.*

A distinção entre os casos 1) e 2) foi notada pela primeira vez e recebeu sua primeira formalização nos trabalhos de Aristóteles, que deu o nome de *energeia* às frases do tipo 1) e de *kinesis*, às do tipo 2). Na concepção de Aristóteles, estes dois tipos de frases verbais pertencem ao "supertipo" dos processos que, por sua vez, se opõem aos estados.

Mais recentemente, no nosso século, a distinção (aristotélica - ou não, - como veremos adiante) foi retomada por muitos estudiosos (filósofos e lingüistas) e o resultado é uma porção de teorias as mais variadas e uma terminologia caótica:

1) *energeia*, imperfectivo, cursivo, irresultativo, durativo (Verkuyl; 1972), não pontual, não conclusivo, não transformativo, não cíclico (Bull; 1963), atélico (Garey; 1967), não limitado (Allen; 1966), atividade (Vendler; 1957, 1967, Kenny; 1963);

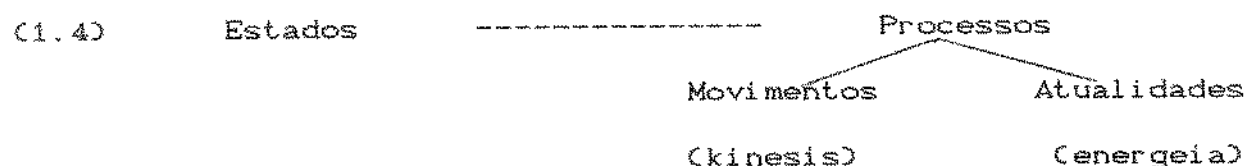
2) *kinesis*, perfectivo, terminativo, resultativo, não durativo (Verkuyl; 1972), pontual, conclusivo, transformativo, cíclico (Bull; 1963), télico (Garey; 1967), limitado (Allen;

1966), accomplishment (Vendler; 1957, 1967), performance (Kenny; 1963) (cf. Dahl, 1981).

Todas as teorias existentes na aspectologia (e os termos com que elas operam) decorrem das duas posições, que Dahl (1981) chama de "ocidental" e "oriental". A "oriental" é a posição dos eslavistas e não-eslavistas, que tentam aplicar os conceitos da aspectologia eslava a outras línguas. A maioria dos adeptos da "ocidental", ou anglo-saxônica, na expressão de Dowty (1979), segue e desenvolve a tradição aristotélica.

1.1 Os precursores

A tradição "ocidental" do estudo do aspecto começa com Aristóteles (Metafísica IX 1048). Como já observamos, Aristóteles distingue duas classes aspectuais de verbos, subdividindo uma delas. Esta classificação pode ser esquematizada como segue:



Mas, por um "acidente histórico", os alexandrinos e a tradição greco-latina influenciaram (e, às vezes, distorceram) as análises gramaticais, introduzindo os termos 'perfeito' e 'imperfeito' - que não são outra coisa que as traduções dos

termos latinos *perfectum* 'completo' e *imperfectum* 'incompleto' - para dar conta das diferenças semânticas das formas verbais. O resultado desta "história lingüística" é a confusão entre os conceitos de passado, presente e futuro, por um lado, o perfeito e o imperfeito, por outro, e ainda entre o tempo e o aspecto para todas essas formas temporais.

1.1.1 STREITBERG (1889)

A discussão sobre o aspecto na lingüística inicia-se em Streitberg (1889) que é seguido por Herbig (1896), Delbrück (1897), Brugmann (1904), Leskien (1919) e outros. A maioria destes estudiosos pertencia ao movimento dos Neogramáticos. Streitberg, inspirado nos estudos dos eslavistas, diz: "Three main semantic categories govern the whole Verbal system of the Slavonic as well as the Baltic dialects" (1889: 3).

Essas três categorias, segundo Streitberg, são as seguintes:

a - o aspecto imperfectivo, ou durativo, ou contínuo, que apresenta a ação na sua duração ininterrupta;

b - o aspecto perfectivo, ou resultativo, que passa ao significado básico do verbo uma noção adicional de término;

c - o aspecto iterativo que apresenta a ação em sua repetição.

O aspecto perfectivo é dividido por Streitberg em b' - perfectivo-momentâneo - e b'' - perfectivo-durativo.

1.1.2 POUTSMA (1926)

A tripartição apresentada por Streitberg é adotada por Poutsma (1926), que, em vez de tomar como base da análise o verbo, trabalha com as "predicações". Estas "predicações" podem ser comparadas *grosso modo* com a interpretação corrente do termo 'predicado lógico'. Poutsma divide as "predicações" em

- a - predicações momentâneas (que cobrem um momento);
- b - predicações durativas que se estendem por uma sucessão contínua de momentos;
- c - predicações iterativas que consistem em uma sucessão indefinidamente prolongada de atos idênticos (Poutsma; 1926: 285-90).

As predicações durativas são divididas, por sua vez em:

- b' - predicações indefinidamente durativas com nenhuma fase particular da predicação especificamente "pensada";
- b" - predicações ingressivamente durativas com a fase inicial "mais pensada";
- b''' - predicações terminativamente durativas, onde a fase final é a mais distintamente "pensada".

É fácil notar que a categoria b''' de Poutsma corresponde à categoria b de Streitberg e que a categoria b' de Poutsma é idêntica à categoria a de Streitberg.

Assim, o estudo de Streitberg representa o começo das discussões sobre o aspecto na lingüística moderna. A proposta de Poutsma marca uma "nova era" nas pesquisas sobre o aspecto,

trazendo a idéia de que a categoria de aspecto não é privilégio das línguas eslavas. Até então, a maioria dos lingüistas que trabalhavam com o aspecto era da opinião de que o aspecto podia existir só nas línguas eslavas porque os sistemas verbais destas línguas distinguem morfologicamente os verbos perfectivos e imperfectivos. Assim, por exemplo, embora em alemão existam verbos "simples" e prefixados (*jagen/caçar* x *erjagen/pegar*), se considerava que esta língua carece de aspecto, porque não existem aqui regras morfológicas que expressam uniformemente a diferença perfectivo/ imperfectivo (como os verbos *ziehen/puxar* e *erziehen/educar*, por exemplo). Assim, a opinião geral dos participantes da discussão era a de que as línguas não-eslavas são incapazes de expressar o aspecto.

1.2 RYLE (1949) / KENNY (1963)

Kenny (1963) retoma as idéias de Aristóteles sobre a divisão de verbos em classes aspectuais. Como ele próprio admite, ele é o mais próximo, o mais fiel seguidor do filósofo grego. A proposta de Kenny é a classificação tripartida:

(1.5)

Estados ----- Atividades ----- Performances

onde, a 'grosso modo', o termo Atividade corresponde a *kinesis* de Aristóteles, e Performance, a *energeia*. Na verdade, Kenny se utiliza também das idéias de Ryle (1949), que distingue entre

achievements (os verbos resultativos) e *atividades* (os verbos não resultativos). Ryle entende os verbos-*achievements* (*win/ganhar*, *find/achar*, *cure/curar*, *convince/convencer*) como aqueles que descrevem algo acontecendo num momento particular, e os verbos-*atividades* (*hunt/caçar*, *keep/manter (a secret/um segredo)*, *listen/escutar*), como aqueles que descrevem algo que pode perdurar através de um longo período de tempo. Ryle apresenta uma lista de advérbios (*conscentiously / conscientemente*, *attentively / atentamente*, *pertinaciously/insistentemente*) que não podem nunca coocorrer com os verdadeiros *achievements* ("purely lucky achievements").

O avanço significativo na proposta de Kenny, em relação a seus precursores, é (além de ser esta proposta sistemática e precisa) a introdução das "implicações temporais" e de critérios lingüísticos complementares que envolvem as possibilidades de coocorrência com os adverbiais, as possibilidades de paráfrase e as transformações de modo e voz, por exemplo:

It is sometimes said by logicians that if a proposition is true now, then the corresponding past-tensed proposition will be true in the future: e.g., if "Mr. McMillan is Prime Minister" is true now, then Mr. McMillan was Prime Minister will be true in the future. This rule as it stands does not apply to performance-verbs. A man may be walking to the Rose and Crown, and yet never walk there, perhaps because he is run over on the way. (Kenny; 1963: 174).

Assim, Kenny observa o fato de que se ϕ é um verbo-performance (esta classe corresponde aos achievements de Ryle), então "*A is (now) ϕ ing*" implica "*A has not (yet) ϕ ed*": "*If a man is building a house, then he has not yet built it*/ Se um homem está construindo uma casa, então ele ainda não a construiu". Mas se ϕ é um verbo-atividade/estado, então "*A is (now) ϕ ing*" implica "*A has ϕ ed*": "*If I am living in Rome, then I already have lived in Rome* /Se eu estou morando em Roma, então eu já morei em Roma" (exemplos de Kenny).

Kenny consegue também uma distinção precisa entre as atividades e os estados: as atividades, como as performances, podem ocorrer nos tempos progressivos, enquanto os estados não. Por outro lado, parece que Kenny não vê por que distinguir entre os "verdadeiros" achievements e os "não-verdadeiros" (*achievements with an associated task*), classificando estes últimos como performances (*find/achar, convince/convencer*).

1.3 VENDLER (1967)

Na proposta de Vendler (1967)¹ a classificação é quadripartida:

(1.6)

Estados --- Atividades --- Accomplishments --- Achievements

Esta classificação divide a única classe de performances proposta por Kenny em duas: accomplishment (que são os

achievements with associated tasks) e *achievement (purely lucky achievements)*. Os verbos que pertencem a estas classes teriam comportamentos diferentes, segundo Vendler. No fundo, esta classificação - a mais aceita e respeitada - é ontológica, no sentido de que representa as categorias situacionais que são partes do mundo como nós o percebemos e conhecemos. Mas Vendler oferece os critérios lingüísticos para distinguir as quatro classes aspectuais: são as restrições à coocorrência com os advérbios temporais, aos tempos e às implicações lógicas. A contraparte lingüística destas quatro categorias são os termos de estado, termos de atividade, termos de accomplishment e termos de achievement.

A quadripartição é feita no nível lexical (como em Aristóteles e Kenny). O termo "termo" é usado para indicar verbos, embora pareça que Vendler estava ciente de que suas categorias dizem respeito a expressões sintaticamente complexas, sendo exemplar o caso do objeto direto, determina a qual das quatro categorias o verbo transitivo pertence. A ideia de que o objeto direto afeta o significado básico já foi levantada por Poutsma (1926) e suscitou muitas discussões desde aquela época, produzindo várias e diferentes soluções. Algumas destas soluções serão discutidas adiante.

1.3.1 A classificação vendleriana

Na verdade, o esquema de Vendler é um refinamento das

distinções estabelecidas por Ryle (1949) e Kenny (1963) (cf. acima).

Vendler ilustra cada uma das categorias com um certo número de exemplos:

activities	run (around) / correr (em torno de)
	walk (and walk) / andar (e andar)
	swim / nadar
accomplishments	run a mile / correr uma milha
	paint a picture / pintar um quadro
	grow up / crescer
	recover from illness / recuperar-se de uma doença
achievements	recognize / reconhecer
	find / achar
	win (the race) / vencer (a corrida)
	start/stop / começar/parar
	be borne/die / nascer/morrer
states	desire / desejar
	want / querer
	love / amar
	hate / odiar
	dominate / dominar

1.3.1.1 As características das classes aspectuais

As características de cada categoria são descritas por Vendler como segue:

Achievements:

- captam ou o começo ou o climax de um ato;
- podem ser datados ou situados indefinidamente dentro do espaço (duração) temporal;
- não podem acontecer por todo (*throughout*) o espaço (intervalo) temporal.

Accomplishments:

- têm duração intrinsecamente;
- só no caso de accomplishments podemos dizer apropriadamente "X V-ed", referindo-nos a um segmento inteiro de tempo (e não a um único momento);
- não são "homogêneos", i.e., pode haver um ou mais lapsos de tempo, onde os accomplishments não se mantêm.

Activities:

- são "homogêneos";
- sua duração temporal é inerentemente indefinida;
- não envolvem culminação ou resultado antecipado.

States:

- podem durar ou persistir através da duração de tempo;
- não podem ser qualificados como "ações";
- não envolvem dinamismo;
- não constituem mudanças.

1.3.1.2 Os critérios da classificação

Para definir estas características, Vendler introduz vários critérios e testes.

Para Vendler, os accomplishments junto com as atividades formam um gênero, e os achievements com os estados, outro. Isso, porque os verbos-achievements, da mesma maneira que os verbos-estados, não admitem o progressivo. Na verdade, este critério nem sempre funciona: existem verbos-estados e achievements que tomam a forma progressiva mesmo em inglês - a única língua trabalhada por Vendler. É muito fácil ver que já em primeira aproximação o critério não se sustenta para o português: os verbos "consagradamente" estativos como *ser*, *pensar*, *saber* são perfeitamente possíveis no progressivo - *estar sendo*, *estar pensando*, *estar sabendo*, etc. O mesmo ocorre com praticamente todos os verbos achievements, ou seja, eles também tomam o progressivo sem problemas:

(1.6) *Este povo está morrendo aos poucos.*

Mais ainda: se este critério não se sustenta para muitas

línguas que possuem o progressivo, o que fazer para classificar rigorosamente os verbos nas línguas que não o têm?

Por isso, muitos autores não aceitam este critério vendleriano como sólido (cf. Leech, 1971; Comrie, 1976; Vlach, 1981 entre outros).

Os critérios que caracterizam as diferenças entre os verbos-atividades e os verbos-accomplishments baseados na coocorrência com certos advérbios ou verbos e nos acarretamentos foram posteriormente desenvolvidos e formalizados por D. Dowty (1979; 1986). No capítulo 4 trataremos mais detalhadamente da classificação proposta por Vendler e dos testes para a identificação das classes aspectuais.

Vale a pena observar que nem Kenny, nem Vendler, ao estabelecerem suas classificações dos verbos e os respectivos esquemas temporais, visavam o estudo do aspecto verbal. Mas a importância deste tipo de classificação foi quase imediatamente percebida pelos lingüistas (cf., por exemplo, Comrie; 1976).

Por outro lado, como a classificação verbal de Kenny/Vendler envolve os advérbios de tempo e as implicações temporais, torna-se imprescindível um mecanismo que dê conta da semântica dos tempos verbais. A literatura lingüística e principalmente a filosófica e a lógica apresentam várias tentativas de formalizar a relação entre o tempo físico e os

tempos lingüísticos. Um dos mecanismos possíveis desta formalização é encontrado na teoria proposta por Hans Reichenbach.

1.4 REICHENBACH (1947)

No seu famoso livro *Elements of Symbolic Logic* (1947), Hans Reichenbach desenvolve um sistema temporal que aplica ao inglês, mas que, em princípio, é entendido como modelo universal. A proposta de Reichenbach incorpora e formaliza o sistema proposto o sistema proposto anteriormente por Jespersen (1924) e abre um novo período no tratamento do tempo nas línguas naturais.

Reichenbach entende que, para formular uma definição adequada das formas temporais, não se pode levar em conta apenas o momento de fala e o momento do evento mas que é necessário um terceiro momento: o ponto de referência. A consideração deste terceiro ponto não representa tanta novidade na lingüística, visto que em trabalhos anteriores ao de Reichenbach já aparecem termos como "ponto de vista", "Bezugpunkt", "Sicht von Innen", etc.

Assim, Reichenbach constroi seu sistema sobre três pontos:

- S - o ponto de fala (speech);
- E - o ponto de evento (event) e
- R - o ponto de referência (reference).

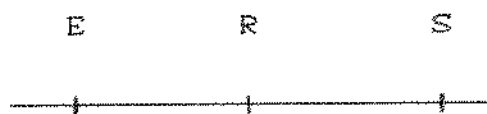
Esses pontos são ilustrados pelo autor através de um

exemplo:

Let us call the time point of the token the *point of speech* (...). From a sentence like "Peter had gone" we see that the time order expressed in the tense does not concern one event, but two events. whose positions are determined with respect to the points of speech. We shall call these time points the *point of the event* and the *point of reference*. In the example the point of the event is the time when Peter went; the point of reference is a time between this point and the point of speech. In an individual sentence like the one given it is not clear which time point is used as the point of reference. The determination is rather given by the context of speech (Reichenbach; 1947: 298).

Assim, o significado do past perfect envolve a referência a três diferentes pontos localizados no eixo de tempo na seguinte ordem:

(1.7)



De modo geral, os vários tempos podem ser reduzidos a diferenças de ordenação de S, R e E. As configurações, para o inglês, de acordo com Reichenbach, são as seguintes:

E-R-S	<i>I had done it</i>	past perfect
E,R-S	<i>I did it</i>	simple past
R-E-S		
R-S,E	<i>I would do it</i>	conditional
R-S-E		
E-S,R	<i>I have done it</i>	present perfect
S,R,E	<i>I do it</i>	present
S-E-R		
S,E-R	<i>I will have done it</i>	future perfect
E-S-R		
S,R-E		
S-R,E	<i>I will do it</i>	future
S-R-E		

Como mostram Verkuyl e Le Loux-Schuringa (1988), Reichenbach constrói seu sistema sobre três tipos de ordenações de conceitos:

- a ordenação estritamente temporal: anterior a; posterior a (linha em Reichenbach) e simultâneo com (vírgula em Reichenbach);

- a ordenação baseada no falante, i.e., as relações temporais entre R e S: $R < S$ (passado); $R = S$ (presente) e $S < R$ (futuro);
- a ordenação baseada no evento, i.e., as relações entre E e R: $E < R$ (anterior); $E = R$ (simples) e $R < E$ (posterior).

O ponto S é o ponto fixo, o ponto de partida das configurações. O papel crucial de ligação entre o falante e o evento cabe a R. Entretanto, justamente este ponto - o R - não definido por Reichenbach, se mostrou como o mais difícil de ser interpretado (cf. Taylor, 1977; Oversteegen, 1980; Jansen, 1983, entre outros).

O sistema temporal de Reichenbach foi criticado por vários lingüistas e por várias razões:

- 1- Vet (1982) contesta o sistema porque nele não há lugar para as formas verbais do tipo:

(1.8)

Hol. *Hij zou gesproken hebben*

Ingl. *He would have spoken.*

Ele teria falado.

e também porque ele gera alguns tempos que não existem nas línguas naturais, como, por exemplo, o futuro do futuro (S-R-E).

- 2 - Prior (1967) observa que o sistema falha por ter apenas um ponto de referência, visto que, para dar conta de alguns tempos, são necessários pelo menos dois pontos de referência:

(1.9) *We shall have been working at this problem for a month when you visit us a second time.*²

Deveremos estar trabalhando neste problema durante um mês quando você nos visitar pela segunda vez.

3 - Comrie (1985) nota que as situações descritas pelos tempos "absolutos" (tempos simples do inglês: past, present e future) não precisam, para sua caracterização do ponto de referência:

present	E simultâneo com S	(E=S; E, S)
past	E antes do S	(E<S; E-S)
future	E depois do S	(S<E; S-E)

Desta maneira, de acordo com Comrie, "in terms of location in time... the perfect is not distinct from the past" (1985; 78). Comrie observa em outra seção de seu livro que

It should also be noted that use of the past tense only locates the situation in the past, without saying anything whether that situation continues to the present or into the future, although there is often a conversational implicature that it does not continue to or beyond the present (...). Thus, English *John was eating his lunch (when I looked into his room)* (...) says nothing about whether the situation continues at the present moment or not. (1985; 41-42).

Em outras palavras, Comrie desloca para a pragmática os significados não estritamente temporais dos tempos verbais.

R. Declerck (1986), contestando a simplificação dos esquemas temporais proposta por Comrie, observa que

the past tense does not simply locate the time of the situation before the moment of speech. Rather, it relates the time of the situation to some reference time and situation before the moment of speech (1986; 313).

1.5 TAYLOR (1977)

Taylor (1977) apresenta uma abordagem formal da tricotomia aristotélica de verbos em termos das propriedades dos tempos progressivos (contínuos na terminologia de Taylor). No espírito

da gramática transformacional chomskiana da fase *Aspects*, Taylor postula que cada sentença de superfície pode receber uma paráfrase de uma linguagem formal de primeira ordem ('Base English') à qual serão atribuídas as condições-de-verdade por uma semântica de modelos. Os predicados de n lugares das sentenças de superfície são representados, neste sistema, pelos predicados de $n + 1$ lugares, onde o lugar extra é ocupado por um termo singular que é o tempo físico (time). O tempo lingüístico (tense) é acomodado por meio de um sistema de predicados que expressam as relações entre os tempos físicos através das constantes 'now' e 'then', expressando a simultaneidade e a posterioridade, indicado por dois tipos de unidades: momentos e períodos. Para dar conta das diferenças semânticas entre os tempos do passado como o present perfect e o simple past (e outros), Taylor introduz o mecanismo teórico de Reichenbach com

três pontos que se levam em consideração na análise temporal de uma sentença (S, E, R). Assim, por exemplo, a sentença

(1.10) *Esau had been hirsute*

Esau foi hirsuto.

receberá a paráfrase de base:

(1.10') $(\exists t)(t < \text{then} \ \& \ \text{then} < \text{now} \ \& \ \text{Hirsute}(\text{es}, t))$,

ou seja: existe um tempo *t* tal que *t* é anterior a *then* e *then* é anterior a *now* e, neste tempo, Esau é hirsuto.

Este sistema permite analisar a classificação aristotélica em termos das propriedades temporais. Taylor parte do sistema tripartido aristotélico/kenniano:

(1.11)



e subdivide a classe dos verbos-energeia (verbos-E) em homogêneos: *fall* 'cair', *move* 'mover(-se)', *blush* 'corar' e heterogêneos: *walk* 'passear, caminhar', *talk* 'falar', *chuckle* 'cacarejar, dar estalos com a língua' baseado na analogia espacial (*illuminating spatial analogy*) que traça. Para Taylor, então, um

verbo como *fall* 'cair' preenche o tempo da mesma maneira como a "matéria" homogênea (ouro, por exemplo) preenche o espaço por menor que este espaço e a quantidade desta matéria sejam, enquanto um verbo como *stub* 'roçar, arrancar tocos' delimita o tempo como uma "substância", um objeto (uma cadeira, por exemplo). Taylor conclui que a implicação temporal da classificação original de Aristóteles/Kenny de que *x is V-ing* implica *x has V-ed* se mantém apenas para os verbos-E homogêneos (observe-se que, para Vendler, os verbos-atividades são, em princípio, homogêneos). Ao mesmo tempo, a teoria de Taylor exige que todos os verbos-atividade (os verbos-E) sejam verdadeiros para um intervalo com o ponto inicial aberto (open-fronted). Desta maneira, Taylor introduz entre seus primitivos o conceito de intervalo e abre a discussão sobre a distinção limitado/ilimitado (*bounded/unbounded*). Assim, a classificação modificada por Taylor fica como:

(1.11')



A intuição de que as formas temporais têm algo a ver com os intervalos aparece já nos trabalhos de alguns gramáticos, que não podem ser "acusados" de serem familiarizados com a lógica. H. Sten, por exemplo, escreve em 1952 a propósito dos tempos

verbais do francês:

La figure du passé simple, c'est $| \text{—————} |$. Celle de l'imparfait est $(| \text{---}) \text{---} (\text{---} |)$. La phase médiane, qui, pour ainsi dire, n'existe pas si on regarde l'action sous l'aspect du passé simple, est la seule que compte pour celui qui se sert d'un imparfait: on voit l'action en train de se dérouler (p.125).

Se traduzirmos esta explicação de Sten para o sistema da lógica temporal, diremos que uma sentença em passé simple é verdadeira em um intervalo fechado, enquanto uma sentença em imparfait é verdadeira em um intervalo aberto.

1.6. BENNETT E PARTEE (1972)

Bennett e Partee (1972) são os primeiros a afirmarem explicitamente que a noção de 'verdade em/para um momento' deve ser substituída pela noção de 'verdade em/para um intervalo'. Esta exigência surge a partir das dificuldades que eles encontraram ao tentar definir o present perfect e o simple past em termos da gramática Montague que utiliza os operadores priorianos³.

A vantagem desta proposta de Bennett e Partee é sua flexibilidade e a possibilidade de avaliar a sentença não apenas em relação aos intervalos, mas também aos subintervalos,

superintervalos e ainda em relação aos intervalos abertos e fechados (tal como Taylor (1977), como vimos, o faz)⁴.

1.7 MOURELATOS (1978)

Mourelatos (1978) faz uma revisão da classificação vendleriana, observando que os verbos-atividades são homogêneos: *It is an essential feature of ACTIVITIES that they ARE homogeneous* (1978: 192), e destacando a relevância do aspecto verbal para a tipologia dos verbos. Mourelatos nota que as distinções aspectuais são encontradas (talvez não da maneira tão marcada como nas línguas eslavas ou em grego) em inglês e em outras línguas ocidentais, e introduz os termos 'perfectivo'/'imperfectivo' (porém, sem defini-los):

The simple perfect in English is often, but not always, perfective (*He has arrived* and *He has been to Australia*, are both perfective, whereas *He has lived here all his life* is imperfective (idem: 195)).

Outros fatores notados por Mourelatos que relacionam as classes aspectuais e os aspectos são a multivalência dos verbos estativos, como, por exemplo em

(1.12) *And suddenly I knew!*

E de repente eu soube!

com o sentido de 'insight' que é o sentido do achievement, e as transposições performance-atividade que já aparecem em Vendler:

But even if it is true that a runner has run a mile in four minutes, it cannot be true that he has run a mile in any period which is a real part of that time, although it remains true that he was running, or he was engaged in running a mile, during any substretch of these four minutes (Vendler; 1967: 101)

Mourelatos nota que esta distinção (performance/atividade) é marcada, na passagem acima, morfologicamente: pelo uso das formas simples (o aspecto perfectivo) e das formas progressivas (o aspecto imperfectivo).

Outras transposições já foram notadas por Ryle e Vendler. Este último observa, por exemplo, que é "no question that seeing can be an achievement" no sentido de " 'spotting' sense of seeing" (Vendler; 1967: 113), mas que, por outro lado, em

(1.13) *I saw him run/cross the street.*

Eu vi ele correr/atravessar a rua.

o verbo *saw* não pode ser achievement, porque ele "must have a sense that admits a period of time" (idem: 115).

Em vista de tudo isso, Mourelatos postula que na predicação verbal são envolvidos os seguintes fatores:

1. - significado inerente do verbo;
2. - natureza dos argumentos do verbo;
3. - advérbios, se houver;

4. - aspecto;
5. - tempo como fase (por exemplo, o perfeito);
6. - tempo como referência ao passado, presente ou futuro.

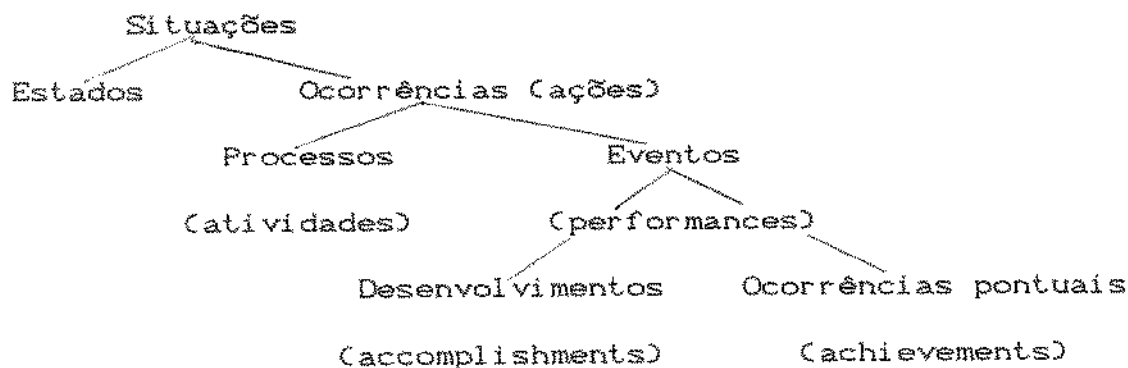
Assim, conclui Mourelatos, nas classificações de Kenny e Vendler dos tipos de verbos são levados em conta os fatores 1, 2, 3, 5 e 6 e o 'peso específico' do fator 4 (aspecto) sequer foi notado.

Para dar conta da influência do aspecto nas 'transposições' e 'multivalências" das classes aspectuais, Mourelatos faz suas modificações da classificação de Kenny/Vendler. Assim,

the correct category for the *saw* of Vendler's sentence (*I saw him run/I saw him cross the street*) is **EVENT** (1977: 200),
e os eventos
are those situations that can be directly or intrinsically counted (idem: 209).

Assim, Mourelatos deixa de considerar apenas os verbos (ou os sintagmas verbais) e vê a necessidade de considerar as sentenças. Por isso sua classificação se refere a situações e é como segue:

(1.14)



1.8. . DOWTY

1.8.1 DOWTY (1979)

Dowty (1979) apresenta uma análise das classes verbais em inglês baseada na "decomposição lexical".. Ele confessa que sua análise é inspirada nos trabalhos dos estruturalistas "clássicos", como Hjelmslev (1953), e nas versões estruturalistas mais modernas, como a semântica gerativa (McCawley; 1968, Katz; 1972, Lakoff; 1965, 1968, 1971). Procurando representar a estrutura "mais profunda" que subjaz à estrutura sintática, os gerativistas sugeriram que o significado de uma sentença não contém as palavras específicas da língua natural (como acontece na estrutura de superfície) mas é composto de expressões complexas. Sem entrar na questão das inúmeras possibilidades de representação da estrutura subjacente e das transformações propostas pelos gerativistas da época, lembremos que a decomposição já antológica do verbo *kill* 'matar' é feita através dos componentes (predicados) abstratos CAUSE - BECOME -

NOT - ALIVE. Dowty observa nestas representações uma relação significativa entre os adjetivos e os verbos incoativos e causativos que lhe servirá de ponto de partida.

Dowty retoma a classificação vendleriana para desenvolver sua hipótese de que as diferenças entre as classes verbais podem ser explicadas em termos da presença dos operadores abstratos, tais como CAUSE, BECOME e outros. A diferença de Vendler, Dowty apresenta os critérios e os testes de maneira sistemática e mais lingüística, procurando representar as classes aspectuais como parte da gramática. A análise de Dowty é reducionista, visto que os verbos-atividades, accomplishments e achievements são representados a partir de um ou mais predicados estativos (que subjazem aos verbos-estados) e alguns operadores (DO, BECOME e CAUSE). A noção de predicado estativo é um primitivo na teoria de Dowty e a própria teoria tem muitas afinidades com a teoria de papéis temáticos de Gruber (1976) e de Jackendoff (1976). Além disso, ele introduz na sua teoria os conceitos da teoria da mudança de Von Wright (1963, 1968). O que Dowty procura fazer neste seu trabalho, na verdade, é estabelecer e formalizar a divisão entre os verbos de atividade e estado, por um lado, e os accomplishments e achievements, por outro. Como observamos, o SV-estado é um dos primitivos na metalinguagem que Dowty propõe para esta análise. No cálculo das outras classes aspectuais entram os operadores DO para as atividades, CAUSE para as atividades e os accomplishments e BECOME (que expressa a

mudança) para os accomplishments e os achievements.

Ao estabelecer a "decomposição lexical" das classes aspectuais, Dowty levanta um problema que provocará inúmeras discussões. Acompanhemos seu raciocínio.

Os SVs do tipo *draw a circle* são accomplishments e

The meaning of an accomplishment verb phrase invariably involves the coming about of a particular state of affairs (1979: 133).

A forma lógica do SV-accomplishment é estabelecida como

(1.15) $[\phi \text{ CAUSE } [\text{BECOME } \psi]]$.

Por outro lado, um SV do tipo *push the cart* é atividade e sua forma lógica é a seguinte:

(1.16) $[\phi \text{ DO } [\text{CAUSE } \Psi]]$.

As sentenças com os accomplishments no progressivo terão a forma lógica com o operador progressivo:

(1.17) $[\text{PROG } [\phi \text{ CAUSE } [\text{BECOME } \psi]]]$

Entretanto, as sentenças com os accomplishments na forma progressiva do tipo

(1.18) *John was drawing a circle.*

John estava desenhando um círculo.

não implicam o advento obrigatório do resultado. Este problema é chamado por Dowty de 'paradoxo do imperfectivo'. Os achievements como *fall off a table/cair da mesa* têm a forma lógica como

(1.19) [BECOME ϕ]

e o 'paradoxo do imperfectivo' os envolve também. Dowty conclui que

the solution to the 'imperfective paradox' lies in correctly formulating the truth conditions for [PROG ϕ] and [BECOME ϕ] and does not (...) directly involve the truth conditions for [ϕ CAUSE ψ] (idem: 137)

Dowty estabelece estas condições-de-verdade em termos da verdade da sentença em relação a um intervalo de tempo (e não em relação ao momento de tempo), incorporando assim na sua análise uma inovação essencial na lógica temporal introduzida pela primeira vez, como vimos, por Bennett e Partee (1972). A idéia de Dowty é que

PROG ϕ is to be true at I if and only if there is an interval I' including I (and thus extending into some but perhaps not all possible future(s) of I) at which ϕ is true (idem: 151).

Em outras palavras, para dar conta do 'paradoxo do imperfectivo', Dowty recorre aos mundos possíveis. Em alguns destes mundos, nos

"mundos de inércia" (*inertia worlds* ou *inertia futures*), o fato que está afirmado na sentença com o verbo-accomplishment no progressivo chegará a seu resultado, a mudança de estado.

Thelin (1990), analisando a teoria de Dowty (1979), nota que o problema do 'paradoxo do imperfectivo' se levanta devido a seu

implicitly aspectual treatment of basic situational conditions in terms of change-of-state with the operator **BECOME**, on the one hand, and his privative aspectual understanding of the progressive represented by ad-hoc operator **PROG** presupposing the aspectual neutrality of simple forms, on the other (p.14).

1.8.2 DOWTY (1986)

Em Dowty (1986), todas as classes aspectuais recebem as definições de acordo com suas condições-de-verdade em relação ao intervalo temporal (cf. Dowty; 1986: 42):

- (a) A sentence ϕ is stative iff it follows from the truth of ϕ at an interval I that ϕ is true at all subintervals of I .

Por exemplo, se é verdade que John dormiu da 1 até as 2 da tarde, então para/em todos os subintervalos deste intervalo é verdade que ele dormiu. Assim, dormir é um estado.

- (b) A sentence ϕ is an activity (or *energeia*) iff it follows

from the truth of ϕ at an interval I that ϕ is true of all subintervals of I down to a certain limit in size.

Por exemplo, se é verdade que John andou da 1 até as 2 da tarde, então é verdade que John andou em/para a maioria dos subintervalos deste intervalo. Assim, *andar* é atividade.

(c) A sentence ϕ is an accomplishment/achievement (or *kinesis*) iff it follows from the truth of ϕ at an interval I that ϕ is false at all subintervals of I .

Por exemplo, se é verdade que John construiu a casa no intervalo entre o dia 1 de abril e o dia 1 de setembro, então é falso que ele construiu a casa em qualquer subintervalo deste intervalo. Assim, *construir a casa* é accomplishment/achievement. (Todos os exemplos são de Dowty).

Como se vê, estas definições são feitas inteiramente dentro dos moldes da semântica temporal. Entretanto, as definições das atividades e dos accomplishments/achievements são algo estranhas. A definição das atividades carrega uma certa vagueza (*down to a certain limit*). Se tirarmos este elemento da definição, teremos uma única classe de estados/atividades que se caracteriza pela homogeneidade (ou distributividade) em relação aos subintervalos do intervalo, no qual é verdadeira. A não-distinção entre os accomplishments e os achievements é deliberada. Dowty argumenta que a afirmação de que os achievements são pontuais, enquanto os

accomplishments têm duração, não se sustenta, porque freqüentemente é possível um achievement ocorrer no progressivo:

(1.20) *John was dying when the doctor arrived.*

John estava morrendo quando o doutor chegou.

(exemplo de Dowty)

Vale observar também que as definições acima são as definições de sentenças e não de verbos ou sintagmas verbais (as condições-de-verdade para os sintagmas verbais e para os verbos decorrem das condições-de-verdade para as respectivas sentenças) e que o intervalo temporal, para o qual é estabelecida a verdade da sentença é o intervalo do E (tempo de evento) de Reichenbach.

Em 1984, B. Partee, reanalisando as categorias verbais de Vendler com base no conceito do intervalo de tempo, usa o termo *evento* para os accomplishments/achievements, visto as duas categorias terem a mesma característica de ser heterogêneas, ou não distributivas e manterá os termos *estado* e *atividade* para as duas categorias vendlerianas que são homogêneas, ou distributivas. A propriedade de distributividade é uma relação entre a situação e qualquer uma de suas subpartes. No caso de estados e atividades, cada uma de suas subpartes realiza o mesmo estado ou a mesma atividade (ou seja, o estado e a atividade se mantêm os mesmos nos seus subintervalos). O evento, pelo contrário, não se mantém em suas subpartes, em seus

subintervalos. Dowty (1986), pela mesma razão, tampouco faz a distinção entre os *accomplishments* e *achievements*.

Mais uma observação deve ser feita. Dowty (1979) traça uma distinção entre a classe aspectual e o aspecto, dizendo que o aspecto

is usually understood to refer to different inflectional affixes, tenses, or other syntactic "frames" that verbs acquire (*aspect markers*), thereby distinguishing "different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation" (Comrie, 1976, p.3) (cf. Dowty; 1979: 52).

Dowty chama os marcadores aspectuais particulares que ocorrem numa sentença de *forma aspectual*; os únicos exemplos do aspecto em inglês, na opinião de Dowty, são o quase-auxiliar habitual *used to* e o "tempo" progressivo. Lembremos que justamente o *accomplishment* na forma progressiva provoca o problema do 'paradoxo do imperfectivo'.

A solução encontrada por Dowty para o 'paradoxo do imperfectivo' e as condições-de-verdade estipuladas para o progressivo encontraram inúmeras críticas e revisões (cf. Declerck; 1979, Rohrer; 1981, Vlach; 1981, Parsons; 1989, entre outros).

1.9 DECLERCK (1979)

Declerck (1979) chama a atenção para o fato de que a distinção vendleriana (aristotélica, na verdade) entre os accomplishments e as atividades é a distinção entre as expressões 'limitadas' e 'ilimitadas' (*bounded/unbounded*) testada através da coocorrência com os advérbios do tipo *in an hour/numa hora* e *for hours/durante horas* respectivamente.

Lembremos que o 'paradoxo do imperfectivo' é o problema de explicar como é possível usar um 'SV-accomplishment' do tipo *draw a circle/desenhar um círculo* (i.e., um SV que implica a existência do estado-resultado) numa sentença no progressivo, que implica não ser obrigatório que o estado-resultado venha a existir. Nos termos introduzidos por Declerck, o problema se lê: como podemos dar conta do fato de que um SV limitado, que implica que seu ponto terminal é atualizado (existe), pode ser usado numa sentença progressiva, onde não existe tal implicação? A resposta de Declerck é que simplesmente uma sentença como

(1.18) *John was drawing a circle*

John estava desenhando um círculo

não coocorrendo com os advérbios do tipo *in an hour*, não envolve um SV limitado e, portanto, não é accomplishment.

1.10 BENNETT (1981)

A proposta de Bennett (1981) consiste em que, para evitar o

'paradoxo imperfectivo', é necessário trabalhar com as noções de intervalos aberto e fechado⁵. Já em Bennett (1977), ele afirma que

Let us say that activities are represented by open intervals,... and that performances are represented by closed intervals (1977: 505).

A idéia básica de Bennett (1981) é simples:

uma sentença em present perfect, como

(1.21) *Jones has left*

Jones saiu (foi embora)

(ou qualquer sentença não progressiva) é verdadeira num intervalo fechado, enquanto uma sentença com o verbo na forma progressiva é verdadeira num intervalo aberto. O 'paradoxo do imperfectivo' é, assim, evitado. Além disso, fica explicado que uma sentença progressiva não é um accomplishment, mas uma atividade.

Ainda nesse trabalho, Bennett chega a estabelecer parcialmente a relação entre a classe aspectual e o aspecto (não definido). Cf.:

One intuition motivating this analysis (das sentenças no present perfect - E.G.) is that if Jones is in the extension of leave at an interval I, then the event of Jones' leaving is regarded as starting at the beginning of I, taking place during I, and finishing at the end of I. This reflects our intuition that the truth condition should

involve some past **INTERVAL** of time during which Jones is leaving and eventually completes this act. The requirement that the past interval be closed reflects the intuition that the present perfect tense always describes a performance: the perfect aspect indicates a completion (Bennett; 1981: 14-15).

O problema que se levanta a partir da análise de Bennett é que, estabelecendo as condições-de-verdade para um intervalo de tempo que é o E de Reichenbach, fica impossível determinar se este intervalo é aberto ou fechado. Parsons (1989) faz uma crítica semelhante, perguntando-se

by what means of scrutiny do we tell whether the interval before us is open or closed? (Parsons; 1989: 232).

1.11 PARSONS (1989)

Parsons (1989) propõe uma abordagem da semântica do progressivo em inglês que pressupõe uma revisão da classificação dos verbos aristotélico-vendleriana. Recusando as análises do progressivo propostas por Bennett e Partee (1972), Dowty (1979) e Bennett (1981), Parsons busca o mecanismo adequado na teoria da forma lógica de Davidson (1967). Esta teoria sugere que as sentenças podem receber as formas lógicas que se referem a, ou quantificam sobre os eventos (accomplishments/ achievements), estados e processos (atividades), sendo 'eventualidade' o termo

genérico que abrange todas estas classes. Por exemplo, a sentença

(1.22) *Mary saw John*

Mary viu John

pode receber a forma lógica como

(1.22') $(\exists e) [\text{Seeing}(e) \ \& \ \text{Subject}(e, m) \ \& \ \text{Object}(e, j)]$,

onde e é o evento, $\text{Seeing}(e)$ significa que e é um evento de *seeing*, $\text{Subject}(e, m)$ significa que Mary é o sujeito deste evento de *seeing*, e $\text{Object}(e, j)$ significa que John é o objeto de *seeing*. Observe-se que esta forma lógica é atemporal.

Parsons introduz também as noções de *culminating* (culminar) no tempo t - $\text{Cul}(e, t)$ - e *holding* (manter-se) no tempo t - $\text{Hold}(e, t)$. Para os tempos passados e futuros, se introduz a quantificação sobre o tempo. Assim, por exemplo,

(1.23) *Agatha crossed the street*

Agatha atravessou a rua

receberá a forma lógica completa como

(1.23') $(\exists t) [t < \text{now} \ \& \ (\exists e) [\text{crossing}(e) \ \& \ \text{Subject}(e, \text{Agatha}) \ \& \ \text{Object}(e, \text{the street}) \ \& \ \text{Cul}(e, t)]]$

e a sentença no progressivo

(1.24) *Agatha was crossing the street*

Agatha estava atravessando a rua

terá a forma lógica como

(1.24') $(\exists t) [t < \text{now} \ \& \ (\exists e) [\text{crossing}(e) \ \& \ \text{Subject}(e, \text{Agatha})$
 $\ \& \ \text{Object}(e, \text{the street}) \ \& \ \text{Hold}(e, t)]]$.

Com isto evita-se o 'paradoxo do imperfectivo', porque dizer que um evento se mantém num tempo dado não implica que tal evento culmine neste ou em qualquer outro tempo. A abordagem evita também o uso das noções não-definíveis de intervalos abertos e fechados: a eventualidade simplesmente se mantém, correspondendo à verdade para um intervalo aberto, ou culmina, e isto corresponde à verdade para um intervalo fechado.

Este raciocínio leva Parsons a sugerir que um processo (atividade) é uma série ou amálgama de eventos. Cf.:

A so-called "process verb" is a verb which has the property that when it is true of an event *e* it is typically true of many culminated "subevents" of *e* which have the same subjects and objects (Parsons; 1989: 235).

1.12 JOHNSON (1981)

A teoria de Johnson que resumiremos a seguir é uma das poucas, dentro da tradição 'ocidental', que tentam dar conta do aspecto. As propostas que apresentamos até aqui, como vimos,

tratam principalmente da classificação verbal e, embora tenha sido observado por vários lingüistas que existe uma certa interrelação entre a classe aspectual e o aspecto, as poucas tentativas feitas neste sentido se restringem à análise do progressivo, na opinião de muitos o único (ou quase único) aspecto em inglês (cf. Comrie; 1976, Dowty; 1979, entre outros).

Johnson (1981), com base em seus estudos de outras línguas que não o inglês (ela trabalha principalmente com Kikuyu - uma língua da família Banto da África Oriental) apresenta uma "teoria temporal unificada de tempo e aspecto" influenciada em grande parte por Reichenbach (1947).

Johnson considera o tempo real como domínio semântico das distinções entre o tempo (lingüístico), aspecto e estatuto. Este domínio contém três categorias de tempo (lingüístico) significativas em relação a um ato de fala: S, E e R (cf Reichenbach).

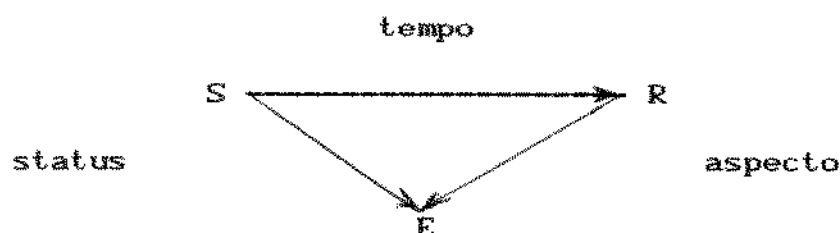
A proposta principal da teoria consiste em que o esquema temporal de Reichenbach com os três tempos (S, E e R) pode ser usado para caracterizar as três classes de categorias semânticas que se supõem universais e que fazem parte dos sistemas temporais verbais das diferentes línguas: tempo, aspecto e estatuto. As três categorias correspondem às três combinações de relações logicamente possíveis entre S, R e E. Assim,

- a categoria de tempo lingüístico relaciona o tempo de referência e o tempo de fala;

- a categoria de aspecto relaciona o tempo de evento^o e o tempo de referência;
- a categoria de estatuto relaciona o tempo de evento e o tempo de fala;

Estas relações são mostradas no esquema seguinte:

(1.25)



Johnson postula que S é um *momento* de tempo, enquanto R e E são *intervalos* temporais (cf.1981: 150). O tempo de referência R, sempre de difícil interpretação no sistema reichenbachiano, Johnson caracteriza como

a point of reference that functions for the speaker as an alternative to the time of speaking, in the sense of being the time of some situation other than his own that the speaker might want to describe (idem),

e admite que, em muitos casos, R pode ser representado como momento de tempo.

Na definição de Johnson,

verb aspect involves reference to one of the temporally

distinct phases in the evolution of an event through time.
(Johnson; 1981: 152)

O ponto chave é que um evento se entende como evoluindo ao longo de uma série de "fases" temporais. Uma destas fases temporais é o tempo (físico) real (*actual time*) do evento, incluindo seu ponto final. Por exemplo, o tempo do evento de desenhar o círculo inclui o momento em que se pode afirmar que o círculo está desenhado. A outra fase que pode ser distinguida é a 'fase de desenvolvimento' (*developmental phase*) que se constitui no período de tempo anterior ao término do evento. Esta fase incluirá, no exemplo acima, aqueles tempos (*times*) em que acontecem vários processos associados ao desenhar-o-círculo. A última fase distinguida por Johnson, em sua avaliação do aspecto, é a fase-resultado (*result phase*), que segue ao término do evento e que, no nosso exemplo, incluirá os tempos em que o círculo existe. O aspecto de um verbo que descreve um evento como desenhar-o-círculo é, então, algo que determina se o verbo se refere ao tempo do evento inteiro, ou o seu desenvolvimento, ou ao seu estado subsequente.

Johnson justifica sua análise do aspecto, traçando uma distinção entre a classe e a forma aspectual, distinção esta que, como vimos, é mencionada por Dowty (1979). Segundo Johnson, a classe aspectual é

the lexical classification of the verb, which determines
which part of a complex event is the basic denotation of a

verb stem (Johnson; 1981: 153).

A classe aspectual do verbo pode ser modificada pela forma aspectual, que é

any form of a verb whose temporal meaning (in relation to some event named by the verb) contrasts systematically with the temporal meanings of other forms of the verb (idem).

Desenvolvendo estas ideias, Johnson chega a distinguir três aspectos:

- aspecto *completivo*: se refere ao tempo do evento inteiro;
- aspecto *imperfeito*: se refere aos tempos em evolução anteriores ao fim do evento;
- aspecto *perfeito*: se refere aos tempos posteriores ao fim do evento que se encontram em fase-resultado.

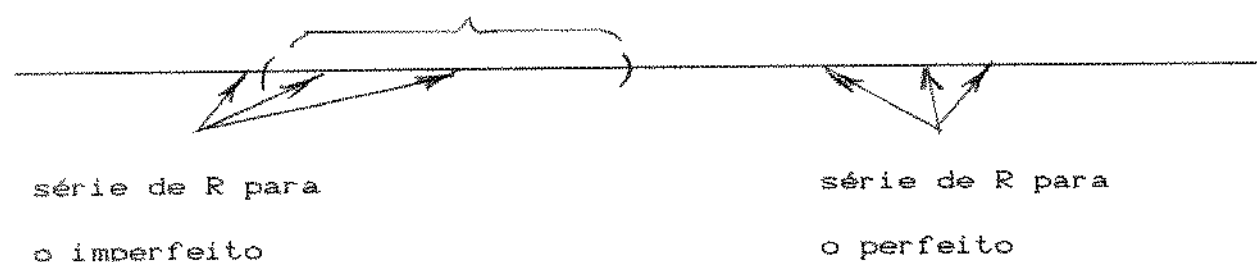
Estas três categorias correspondem aos aspectos 'completive', 'imperfect' e 'perfect' de Comrie (1976) respectivamente.

Esta classificação é ilustrada pelo seguinte esquema (onde os parêntesis indicam o intervalo de tempo E):

(1.26)

$R = E$ para o aspecto completivo

E



Esta concepção do aspecto leva Johnson a propor as seguintes definições temporais gerais para cada categoria:

Completivo: $R = E$

Imperfeito: Para algum t em E , $R < t$

Perfeito: $E < R$

Assim, as definições apresentadas por Johnson requerem que, para o aspecto completivo, o tempo de referência deve ser igual (simultâneo) ao tempo de evento; no caso do aspecto imperfeito, alguma *porção* (*portion*) do evento deve ser anterior (<) a R e, no caso do aspecto perfeito, todo o evento deve ser anterior a R .

Estas categorias podem ser ilustradas pelas formas verbais do inglês, como *run* (Compl), *be running* (Imp) e *had run* (Perf), e pelas formas da língua Kikuyu, como mostram os exemplos de Johnson:

Completivo:

(1.27) *a* *ra* *ak* *ire* *nyumba*
 ele Pas.Pr. *construir* Compl *casa*
 Ele construiu a casa

Imperfeito:

(1.28) *a* *ra* *ak* *aga* *nyumba*
 ele Pas.Pr. *construir* Imp *casa*
 Ele construía/estava construindo a casa

Perfeito:

(1.29) a ra ak ite nyumba
 ele Pas.Pr. construir Perf casa
 Ele construiu a casa

Todos os exemplos em Kikuyu estão no tempo passado próximo (Pas.Pr.). As distinções entre os tempos próximos, imediatos e remotos se referem ao 'status' do verbo (cf. acima).

1.13 SHI (1990)

Shi adota a proposta de Smith (1985) em considerar estados e ações como dois tipos primitivos de situações (lembrando que Dowty (1979) considera apenas o estado como primitivo), sendo ambos as categorias verbais (não de frases verbais ou sentenças). O teste para distingui-los é o teste do progressivo (que, como já vimos, não serve para o português e para tantas outras línguas).

A diferença entre os accomplishments e as atividades está no fato de que a ação acarreta uma mudança de estado do *objeto direto* (= atividade causativa), quando o verbo é de accomplishment, e nenhuma mudança quando o verbo é de atividade (observe-se a semelhança com o modelo de Dowty 1979).

Com os achievements, é o sujeito do verbo que é o paciente da atividade causativa (de um agente não especificado) e a ação do verbo de achievement acarreta a mudança de estado do sujeito

do verbo.

A terminatividade (*boundness*) é considerada por Shi como uma propriedade aspectual inerente de sentenças. Seguindo Dahl (1985), Shi define a terminatividade como

a class of situations or a characterization of a situation,
i.e. a sentence, is bounded if and only if it is an
essential condition on the members of the class or an
essential part of the characterization that a certain
limit is attained (Shi; 1990: 59).

Com isso, os testes com os advérbios *in an hour/numa hora* e *for an hour/durante uma hora* só podem ser testes das propriedades de sentenças e não de verbos. Portanto, dentro desta abordagem, não é que os *accomplishments* e *achievements* mudem suas propriedades aspectuais quando co-ocorrem com os SN's aterminativos, como sugerem Verkuyl (1972), Dowty (1979) e Smith (1985), mas são as sentenças que se tornam aterminativas, neste caso, e, com isso, adquirem a capacidade de coocorrer com os advérbios do tipo *for an hour/ durante uma hora*. No caso de *accomplishments*, a terminatividade da sentença decorre da terminatividade do objeto direto, e no caso de *achievements*, isso acontece devido à terminatividade do sujeito.

Shi mantém a definição do aspecto apresentada por Comrie (1976) e, retomando as idéias de Dowty (1979) /Johnson (1981),

analisa o aspecto em termos de dois componentes: a classe aspectual e a forma aspectual. Shi entende a forma aspectual como marcadores aspectuais (partículas ou flexões da língua particular) que distinguem o começo, o meio e o fim de uma situação e indicam a que ponto do eixo de tempo uma situação dada se refere. A classe aspectual, para Shi, se refere à terminatividade da sentença (cf. Shi; 1990: 62).

Assim,

perfectivity simply refers to bounded situations viewed as relatively anterior to the reference point of time axis, i.e. the Reference Time. If, however, the terminal boundary of a situation is not available, as in the case of an unbounded situation, then the anteriority viewpoint refers to the initial boundary of the situation. If the unbounded situation is a state, then an inchoative interpretation is denoted (...) If the unbounded situation is a non-state, then the schema says that the situation has started and is on-going (idem).

Esta teoria permite a Shi analisar os dados do chinês que são tidos na literatura como verdadeiros "quebra-cabeças":

- (1.30) *Zhāngsān chī le yí kuài niúròu*
 Zh. comer le um pedaço bife.
 Zh. comeu um bife.

(1.31) Zhāngsān chī niúròu le

Zh. comer bife le

Zh. come bife (agora, porque antes ele não costumava
comer bifes)

Na análise de Shi, a partícula *le* é simplesmente o marcador de anterioridade. Tratando-se de situações limitadas (1.30), a interpretação é de completamento; nas situações ilimitadas (1.31), a interpretação deve ser inceptiva.

1.14 VERKUYL (1972)

Existem alguns trabalhos que fazem a abordagem do aspecto dentro do modelo gerativo. A primeira tentativa neste sentido foi feita por Kraak (1967) que trabalha com a distinção sintática entre os verbos 'durativos' e 'não-durativos', partindo das noções [+ Duração] e [+ Momento] esboçadas por Chomsky (1965) para a subcategorização dos verbos.

O estudo do aspecto baseado no modelo gerativo mais importante e mais influente é, sem dúvida, o de Verkuyl (1972).

Partindo dos conceitos de aspecto durativo e não-durativo como primitivos semânticos, Verkuyl analisa a co-ocorrência das sentenças com os advérbios duracionais e chega à conclusão de que

The Durative and the Nondurative Aspects in these sentences appear to be composed of a Verbal subcategory on the one hand and the configuration of categories of a nominal

nature on the other (Verkuyl; 1972: X).

Isto quer dizer que a natureza durativa/não-durativa da sentença depende não só do verbo (que é composto das subcategorias verbais tais como MOVEMENT, AGENTIVE, PERFORM, TAKE, ADD), mas também de seus constituintes nominais, que contêm a informação quantificacional (contabilidade, delimitação de X, etc.). Assim, o esquema da composição do aspecto não-durativo é estabelecido como

(1.32) $VP \left[V \left[VERB \right]_V + NP \left[SPECIFIED QUANTITY OF X \right]_{NP} \right]_{VP}$

Conforme este esquema, a sentença

(1.33)

De Machula speelde het celloconcert van Schumann

De Machula played Schumann's cello concerto

De Machula tocou o concerto para violoncelo de Schumann

deve ser analisada como tendo o aspecto não-durativo por ter o objeto direto especificado, enquanto

(1.34)

De Machula speelde (urenlang) muziek.

De Machula played music (for hours).

De Machula tocou música (durante horas).

teria o aspecto durativo por ter o objeto não-especificado

("music can be played for a virtually infinite time", Verkuyl; 1972: IX) e seu esquema correspondente seria:

(1.35)

$${}_V[VERB]_V + {}_{NP}[UNSPECIFIED\ QUANTITY\ OF\ X]_{NP}$$

Desta maneira, Verkuyl estabelece os esquemas composicionais dos SVs para os dois aspectos, levando em consideração a quantificação das categorias nominais. Ampliando esses esquemas, Verkuyl mostra que o objeto indireto e o sujeito também são envolvidos na composição dos aspectos, chegando assim à conclusão de que os aspectos não são propriedades do SV mas que seu limite mais alto (*upper bound*) é a sentença. O esquema geral das configurações das categorias que compõem o aspecto é, então, como segue:

(1.36)

$${}_{NP}[(UN)SPECIFIED\ QUANTITY\ OF\ X]_{NP} + {}_{VP}{}_V[VERB]_V (+ {}_{NP}[(UN)SPECIFIED\ QUANTITY\ OF\ X]_{NP})]_{VP}$$

O trabalho de Verkuyl levanta problemas importantes de coocorrência. No entanto, devido ao modelo adotado, Verkuyl não consegue analisar a relação íntima entre o tempo e o aspecto.

Vale observar aqui que recentemente Verkuyl abandonou as

tentativas de dar conta do aspecto dentro do modelo gerativo e partiu para os modelos lógicos (cf. Verkuyl; 1989).

1.15 COMRIE (1976)

Por último, devemos mencionar aqui um trabalho antológico sobre a categoria de aspecto que é o de Comrie (1976).

Comrie discute o termo 'aspecto' e os conceitos relacionados com esta categoria e apresenta breves esboços de algumas abordagens, exemplificando os conceitos discutidos através dos dados de uma enorme quantidade de línguas.

A definição do aspecto formulada por Comrie que é a mais aceita pelos lingüistas brasileiros (cf. Travaglia; 1985, Lopes; 1987, Ruiz; 1992) e pelos anglo-saxões (cf. Dowty; 1979, por exemplo) é a seguinte:

aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation (Comrie; 1976: 3).

Partindo desta definição, Comrie define os aspectos perfectivo, imperfectivo (trataremos adiante das definições desses aspectos apresentadas por Comrie) e perfeito. Os conceitos de habitualidade, continuidade e progressividade são tratados por Comrie como subdivisões da imperfectividade. Com esta distinção aspectual principal, Comrie relaciona também os conceitos de situações durativas e pontuais, télicas e atélicas, estativas e

dinâmicas. Esses conceitos são, na verdade, como veremos adiante, os parâmetros quantitativos e qualitativos usados pelos estruturalistas para estabelecer a combinatória dos aspectos. Comrie, entretanto, não faz tentativas de apresentar conjuntos de parâmetros, limitando-se à apresentação dos conceitos envolvidos.

1.16 Resumo do capítulo 1

Antes de resumir o esboço de histórico dos estudos sobre as categoria relacionadas com o aspecto que constitui este primeiro capítulo, vale ressaltar que este histórico está muito longe de ser completo. Não temos conhecimento de trabalhos que apresentem um histórico deste tipo e uma análise mais completa e mais profunda da literatura existente seria, sem dúvida, importante. Aqui tentamos apenas traçar as principais linhas do desenvolvimento das pesquisas que, de uma maneira ou outra, envolvem a noção do aspecto. Os trabalhos aqui resenhados foram selecionados por serem, com exceção de Johnson (1981) e Shi (1990), os mais influentes para as pesquisas que os seguiram. Incluímos os trabalhos de Johnson e Shi porque através deles (e comparando-os com os outros, "puramente anglo-saxônicos") se torna claro como as línguas com que o linguísta trabalha influenciam a escolha dos conceitos e das hipóteses de trabalho.

A tradição dos estudos aspectológicos que Ö.Dahl chama de "ocidental" tem como denominador comum, como base conceitual, a

classificação dos verbos em termos de categorias lexicais de Aristóteles-Vendler. Os "ocidentais", elaborando os modelos teóricos de base lógica, usam, entre os primitivos de seus modelos, para dar conta das propriedades verbais (e não apenas verbais), o conceito de intervalo de tempo, que permite calcular o valor de verdade da sentença. O conceito de intervalo substituiu, com sucesso, o conceito lógico de momento.

Como as formas verbais inegavelmente têm no seu significado um componente temporal, muitos modelos "ocidentais" incluem entre seus conceitos primitivos, explícita ou implicitamente, os conceitos de tempo de fala, tempo de evento e tempo de referência de Reichenbach. Outro ponto comum nos modelos ocidentais é a preocupação com o papel de outros componentes sentenciais, principalmente dos argumentos do verbo, com sua contribuição semântica para o significado total da sentença.

NOTAS

1. Esta proposta de Vendler é normalmente referida como Capítulo 4 (*Verbs and Times*) do livro *Linguistics in Philosophy* de 1967. Na verdade, a versão anterior deste capítulo foi publicada em *Philosophical Review* LXVI de 1957. Sendo assim, se torna difícil afirmar que a proposta de Vendler seja posterior à de Kenny (1963) e que este último seja o "inspirador" das idéias de Vendler.
2. Uma tentativa de construir um esquema temporal com mais de um ponto de referência se encontra em Vet (1981).
3. A decisão de Prior (1957) de tratar os tempos como operadores sobre as proposições vem da idéia de relacionar os tempos e as modalidades. Na lógica modal, os operadores modais operam sobre as proposições, assertando a verdade relativamente aos mundos possíveis. Da mesma maneira, os operadores da lógica temporal permitem assertar a verdade da proposição em relação aos segmentos de tempo (instantes, momentos).
4. A única crítica violenta do conceito do intervalo que conhecemos é a de Tichy (1985).
5. A idéia de distinguir entre os intervalos abertos e fechados é

de Montague (1974).

6. Observe-se que Johnson usa o termo 'evento' sempre no sentido reichenbachiano, que corresponde aproximadamente a 'situação' de Comrie (1976) e Mourelatos (1981) e a 'eventualidade' de Parsons (1989).

CAPÍTULO 2.

ASPECTOLOGIA "ORIENTAL"

Passemos agora em revista alguns modelos apresentados dentro da tradição chamada por Dahl de "oriental". Dentro dessa tradição, a escola dos estudos aspectológicos mais influente e mais respeitada é a da "gramática funcional" russa.

Os sistemas aspectuais das línguas eslavas sempre ocuparam um lugar importante nas discussões sobre o aspecto em geral. Desde o século XIX mantém-se na eslavística a idéia de que existem dois aspectos verbais: o perfectivo e o imperfectivo. Esta divisão se deve principalmente às diferenças morfológicas entre as duas classes de verbos.

Durante décadas, os estudos aspectológicos estruturalistas se concentraram na busca dos significados invariantes dos aspectos perfectivo e imperfectivo, recorrendo ao mesmo tempo à noção tradicional de "subjetividade" como uma espécie de parâmetro, algo que o próprio rótulo *aspecto* ("modo de encarar a ação") implica.

A abordagem estruturalista substitui a descrição empírica do significado (ou dos significados) de cada uma das formas aspectuais tomadas separadamente, introduzindo a noção de correlações sistêmicas entre os dois aspectos. Com isto, os múltiplos significados do imperfectivo foram explicados pela apresentação desta forma aspectual como o membro não marcado da

oposição binária imperfectivo/perfectivo (Jakobson; 1931: 3-4, 1956: 48-9, Isačenko; 1960: 201-2) com base na conhecida idéia de que o membro não marcado de uma oposição é sempre o que comporta o maior número de usos. Entretanto, os estudos posteriores mostraram que o perfectivo também tem uma grande diversidade de usos (Bondarko; 1971: 11-21). Mas, sendo o perfectivo caracterizado como o membro marcado da oposição aspectual, o modelo estruturalista se viu impotente para explicar esta diversidade.

2.1 Gramática funcional russa

Atualmente, a aspectologia é considerada uma parte importante da gramática funcional, desenvolvida nas últimas décadas na Rússia (ex-União Soviética) e que representa uma evolução do paradigma estruturalista. Nos estudos funcionalistas, a variedade dos fatores morfológicos, lexicais e sintáticos relevantes é usada para explicar a difusão dos significados aspectuais concretos e os critérios que servem para a escolha da forma aspectual na sentença pelo falante.

Neste tipo de gramática, as estruturas lingüísticas não são mais estudadas de acordo com os níveis de descrição. O sistema dos "meios lingüísticos" é analisado com base em agrupamentos autorizados pelo princípio semântico. Assim, a gramática funcional é uma gramática

- 1) orientada para o estudo e a descrição das funções e das

regularidades do funcionamento das unidades gramaticais em sua correlação com os elementos de diferentes níveis lingüísticos que participam da transmissão do sentido do enunciado;

2) que pressupõe a possibilidade da síntese das duas direções da análise - das formas para o conteúdo (dos meios para as funções) e do conteúdo para as formas (das funções para os meios) (Bondarko; 1985: 16 - trad. EG).

Com isto, a gramática funcional russa mostra-se herdeira do pensamento das escolas estruturalistas de Praga, de Copenhague e dos funcionalistas franceses: aqui, a relação é com os estudos de G. Guillaume sobre a correlação entre os significados sistêmicos e funcionais e sobre a atualização das unidades lingüísticas na fala, e com os trabalhos de E. Benveniste e de A. Martinet que analisam os aspectos gramaticais do ponto de vista da função comunicativa da linguagem.

Por outro lado, a abordagem funcional entendida como uma "síntese das duas direções da análise" fica coerente com as idéias filosóficas do materialismo dialético. O funcionamento de um objeto é um tipo de movimento e, de acordo com F. Engels, só estando em movimento um objeto revela o que ele é (Cf. Engels, 1873).

Contudo, os teóricos da abordagem funcional russa lembram que esta abordagem

deve fundamentar-se na abordagem estrutural e complementá-la. Uma abordagem puramente funcional obscurece as particularidades da estrutura interna do objeto. Por exemplo, na sua análise funcional, A. Martinet "perdeu" uma unidade estrutural de língua tão importante como a palavra (Gak; 1985: 9 - trad. EG).

Um modelo da construção da gramática funcional da língua russa foi proposto por A. Bondarko (1981, 1983). Para este autor, uma categoria semântica é deduzida através de uma análise feita em três passos. No primeiro passo, é definido o significado principal de uma forma gramatical no contexto mínimo, i.e., é realizado o movimento "da forma para o significado". Por exemplo, é encontrado o significado do futuro das formas verbais do tipo *budu pisat'* 'vou escrever', *napišu* 'escreverei'. No segundo passo, são determinados outros meios lingüísticos que expressam o mesmo significado, ou seja, se realiza o movimento "do significado para a forma". Por exemplo, se encontra o significado do futuro nas construções do tipo

(2.1) *Vam zavtra dežurít'.*

Amanhã, o plantão é seu.

Por fim, no terceiro passo, se estabelece a invariante semântica comum para todas as possibilidades levantadas e, assim, se deduz a categoria semântica do futuro.

A teoria construída desta maneira passa a operar com o

conceito-chave de *campo semântico*, que representa as particularidades específicas das uniões sistêmicas das unidades lingüísticas de diferentes tipos, e com o conceito de "potencial semântico da forma gramatical". Entretanto, para outros autores (cf. Xrakovskij; 1985, Xolodovitch; 1979, Leontiev, 1983), os verdadeiros primitivos são o traço semântico (= significado mínimo) e a proposição.

2.2 Sobre o conceito da função

Na lingüística, a função às vezes é entendida como oposta à semântica de um elemento lingüístico e às vezes como fazendo parte desta semântica. A primeira concepção remonta a Bloomfield que considerava "funcionais" as preposições, as conjunções, etc., afirmando que seu papel é apenas gramatical.

À diferença desta concepção e da de Hjelmslev (1953) que entendia a função matematicamente como dependência, a escola de Praga interpreta a função como o objetivo do elemento lingüístico. Assim, a função pode ser tanto semântica como assemântica (estrutural).

A gramática funcional russa define função como a potencialidade do funcionamento de uma unidade lingüística. Esta potencialidade é entendida como um complexo das principais regras de funcionamento que fazem parte da característica funcional de uma unidade dada.

O funcionamento, por sua vez, inclui uma série de processos: a "programação" interna do enunciado, a escolha de determinados elementos lingüísticos do conjunto dos elementos possíveis, a interação de estruturas e de funções de unidades de diferentes níveis, a transformação das funções potenciais em funções/objetivos-alcançados.

Assim, os funcionalistas russos definem (dialeticamente) a função

por um lado, como a capacidade de alcançar um determinado objetivo (em particular, como a potencialidade "reduzida" do funcionamento que determina os limites e as regras do próprio processo do funcionamento de uma unidade dada) e, por outro lado, como resultado do funcionamento, como objetivo alcançado, realizado (Bondarko; 1985: 20, trad. EG).

Se entende, assim, que o processo do funcionamento se realiza na fala, mas as regras do funcionamento pertencem à estrutura da língua, representando seu componente ativo, dinâmico. Em outras palavras, o funcionamento é a transformação de funções como potencialidades em funções como objetivos comunicativos realizados.

A programação interna de um enunciado a ser formado é relacionada com aquela parte do conhecimento lingüístico que é o conhecimento das possibilidades (= potencialidades) das unidades

lingüísticas. Baseado neste conhecimento, o falante escolhe entre as alternativas de expressão do sentido que ele quer transmitir. Assim, o "lado potencial" do conceito de função não é considerado um construto teórico mas uma noção que reflete, na teoria, aquelas características funcionais reais das unidades lingüísticas que são realmente usadas pelos falantes na prática. Nesta programação interna existe um objetivo potencial do próprio falante de dirigir o enunciado para a transmissão de um determinado sentido.

Numa outra etapa do processo de fala, quando o enunciado já foi realizado, a função dos meios lingüísticos utilizados já é um objetivo realizado, alcançado. Nesta função-objetivo, é salientado o lado "ouvinte" (embora aqui também esteja incluído o lado "falante"). Assim, a segunda parte da definição da função também reflete a realidade da comunicação verbal com suas figuras centrais: o falante e o ouvinte. O funcionamento se apresenta, desta maneira, como uma transformação dinâmica da língua em fala, uma transformação das funções como "potenciais" em funções como objetivos comunicativos realizados, uma transformação de funções "para o falante" em funções "para o ouvinte".

Com isto, o conceito de funcionamento abrange três aspectos:

- o intralingüístico;
- o psicolingüístico, relacionado com os processos de programação e de formação do enunciado, com o dinamismo da fala e da

percepção da fala; e

- o sociolinguístico que inclui os fatores sociais que determinam a realização das funções linguísticas.

Dando uma dimensão psicolinguística a sua gramática funcional, os linguistas russos afirmam que o verbo gera na consciência humana uma representação do tempo necessário para realizar a ação nomeada, visto que qualquer ação, por mais longa ou curta que seja, encerra alguma quantidade de tempo "de operação". O próprio conceito de tempo é representado na consciência humana como ação - processo - duração. Este tempo da ação é um traço inerente de sua natureza e representa seu tempo "interno".

Além disso, toda ação pode ser situada em um determinado plano temporal, ou seja, a ação pode acontecer no passado, no presente ou no futuro. Este é o tempo externo da ação, o tempo que flui e que pode ser dividido em períodos.

Assim, a relação entre um verbo (que representa uma ação) e o tempo é dupla: ele inclui o tempo e é nele incluído. Com isto, resulta que:

- tempo externo = 'tempo';
- tempo interno = aspecto.

2.3 Campo semântico

Como já mencionamos, no modelo de Bondarko, os objetos

fundamentais, os primitivos são os campos semânticos. O campo semântico

é um conceito que reflete o conteúdo lingüístico e a expressão lingüística em sua unidade, que faz parte da estrutura de uma língua particular (Bondarko; 1981: 487).

O "conteúdo lingüístico" do campo semântico é uma determinada área semântica. Por exemplo, podem ser delineados os campos semânticos da modalidade, da aspectualidade, da temporalidade, etc. À "expressão lingüística" pertencem os meios lingüísticos - gramaticais (morfológicos e sintáticos), lexicais e até mistos - dos quais a língua dispõe para expressar os significados de uma determinada área semântica.

Na estrutura formal de um campo semântico funcional se destaca o centro - normalmente alguma categoria gramatical - e a periferia, onde entram as unidades de diferentes níveis lingüísticos, cuja semântica encerra alguns elementos correlacionados com o significado da categoria central.

Um dos campos semânticos funcionais que pode ser determinado numa língua é o da aspectualidade. Bondarko e Bulanin (1967: 50) definem o centro deste campo semântico como

uma categoria cujo conteúdo é o caráter do desenvolvimento da ação e cuja forma é representada pelos meios morfológicos e lexicais com a participação de alguns

elementos sintáticos da sentença (trad. - EG).

Assim, tratando do campo semântico funcional da aspectualidade, os lingüistas russos necessariamente levam em conta os *modos de ação* (*Aktionsart*), que, na maioria dos modelos funcionais, são tratados como traços semânticos.

2.4 Os traços semânticos verbais

Nas línguas eslavas, o sistema aspectual tem como marca formal certos sufixos e principalmente prefixos que permitem, a partir de um verbo "simples" (tradicionalmente chamado de aspecto imperfectivo), formar um verbo "complexo" (tradicionalmente chamado de aspecto perfectivo). Em russo, por exemplo, existem 22 destes prefixos (Janko-Trintskaia, 1982; Szulmajster-Celnikier, 1986). Contudo, estes prefixos, além de marcar o aspecto, provocam uma mudança no significado lexical do verbo. Assim, por exemplo, o prefixo *пере-*/*pere-* tem dois significados principais: 1) percorrer uma distância (no espaço ou no tempo) relativamente curta e limitada: *перелететь* / *perelet'et'* "atravessar (alguma distância, algum espaço) voando"; *пережить*/*perezit'* "percorrer, atravessar um período de tempo, vivendo"; 2) repetição da ação (próximo do prefixo *re-* em português): *перечитать*/*perečitat'* "reler"; *пересмотреть*/*peresmotret'* "rever". Isso não quer dizer que um verbo com prefixo seja obrigatoriamente de aspecto perfectivo.

A partir de um verbo perfectivo prefixado é possível

derivar - agora por meio de um sufixo - outro verbo com o mesmo significado lexical, mas, desta vez, o verbo será de novo imperfectivo. É uma cadeia de derivação que se mantém regularmente nas línguas eslavas, como, por exemplo, em russo:

читать/^Včitat' (imp.) "ler" -> перечитать/^Vperečitat' (perf.)
 "reler" -> перечитывать/^Vperečityvat' (imp.) "reler"

Justamente estas mudanças no significado lexical do verbo inspiraram Agrell (1908) a introduzir pela primeira vez a noção de *modo de ação*. Agrell escreve:

Por *modo de ação* (Aktionsart) eu entendo não as duas categorias básicas do eslavo, não as formas que indicam ações incompletas e completas - essas categorias eu denomino *aspectos* (Aspekte). Pelo termo *modo de ação* eu indico as *funções semânticas* dos verbos prefixados (e também de alguns verbos sem prefixo e alguns formados por sufixação), que até agora quase não atraíram a atenção de ninguém e não foram ainda classificadas, cujo significado é determinar com precisão como a ação se realiza, expressar sua maneira de realização. (Apud Maslov; 1962: 36 - trad. Soares; 1984).

Dentro da gramática funcional, tanto o aspecto como os modos de ação são situados no campo semântico da aspectualidade. A idéia é mostrar que é necessário distinguir os traços semânticos (os modos de ação) sistematicamente para poder dar a

descrição adequada da codificação do aspecto na morfologia. Este argumento foi levantado por Haltof (1967, 1968), Bondarko (1971), Maslov (1973) e outros.

2.4.1 MASLOV (1965)

As listas dos modos de ação apresentadas para o russo são numerosas. A mais respeitada¹ (e uma das mais extensas que conhecemos), é a de Maslov (1965: 75-7), que ressalva existirem possibilidades de aumentá-la. Maslov subdivide os verbos russos em:

- 1 - *ingressivos* (ou *inceptivos*): *pobežat'* (perf.) começar a correr x *bežat'* (imp., de movimento unidirecional, nesta classificação) correr;
- 2 - *aumentativos*: *rassvirepet'* (perf.) ficar terrivelmente furioso x *svirepet'* (imp., incoativo, nesta classificação) ir ficando furioso;
- 3 - *delimitativos*: *pogovorit'* (perf.) falar um pouquinho x *govorit'* (imp., evolutivo, nesta classificação) falar;
- 4 - *perdurativos*: *proviset'* (perf.) ficar pendurado um longo tempo x *viset'* (imp., estático, nesta classificação) ficar pendurado;
- 5 - *atenuativos*: *porazuleč'* (perf.) distrair um pouquinho x *razuleč'* (perf., semelfactivo, nesta classificação) distrair;
- 6 - *resultativos de maneira geral*: *pročitat'* (perf.) ler até o

fim x ^ŷčítat' (imp., evolutivo, nesta classificação) ler;

7 - resultativos com nuances especiais:

a - totalmente: isxodit' (perf.) percorrer x xodit' (imp., de movimento multidirecional, nesta classificação) andar;

b - exageradamente: peretrudit'sja (perf.) trabalhar demais x trudit'sja (imp., evolutivo, nesta classificação) trabalhar;

c - intensamente: zaigrat' (perf.) brincar até acabar com o brinquedo x igrat' (imp., evolutivo, nesta classificação) brincar;

d - qualificativos: izolgat'sja (perf.) mentir até ganhar fama de mentiroso x lgat' (imp., evolutivo, nesta classificação) mentir;

e - com absorção total na ação: zagovorit'sja (perf.) falar até esquecer do mundo x govorit' (imp., evolutivo, nesta classificação) falar;

8 - completivos: dorisovat' (perf.) desenhar até o fim x risovat' (imp., evolutivo, nesta classificação) desenhar;

9 - cessativos: otužinat' (perf.) terminar de jantar x užinat' (imp., evolutivo, nesta classificação) jantar;

10- saturativos: narabota'sja (perf.) trabalhar até cansar x rabotat' (imp., evolutivo, nesta classificação) trabalhar;

11- cumulativos:

a - cumulativos propriamente ditos: najezdit' (perf.) 20 000 km ter viajado (ter feito) 20 000 km x jezdit'

(imp., de movimento multidirecional, nesta classificação) viajar; *natkat'* (perf.) tecer uma grande quantidade x *tkat'* (imp., evolutivo, nesta classificação) tecer;

b - *partitivo-cumulativos*: *nanosit'* (perf.) trazer algo e amontoar x *nosit'* (imp., de movimento multidirecional, nesta classificação) trazer;

12- *distributivos*:

a - *com sucessividade*: *pereprobovat'* (perf.) provar, degustar coisas, uma após a outra x *probovat'* (imp., evolutivo, nesta classificação) provar, degustar;

b - *distributivos simples*: *pootkryvat'* (perf.) abrir (várias coisas) em momentos diversos x *otkryvat'* (imp., evolutivo, nesta classificação) abrir, estar abrindo;

13- *cumulativo-distributivos*: *ponastroit'* (perf.) construir em grande quantidade em momentos diversos x *nastroit'* (perf. cumulativo, nesta classificação) construir em grande quantidade x *stroit'* (imp., evolutivo, nesta classificação) construir;

14- *semelfactivos*: *prygnut'* (perf.) dar um pulo x *prygat'* (imp., multiplicativo, nesta classificação) pular; *kol'nut'* (perf.) dar uma espetada x *kolot'* (imp., multiplicativo, nesta classificação) espetar;

15- *incoativos* (ou *mutativos*): *soxnut'* (imp.) secar, ir secando;

16- *iterativos* (ou *freqüentativos*): *našivat'* (imp.) vestir com freqüência ou habitualmente x *nosit'* (imp., de movimento

multidireccional, nesta classificação) vestir;

17- intermitentes-atenuativos: *počityvat'* (imp.) dar uma lida de vez em quando x *čityvat'* (imp., iterativo, nesta classificação) ler com frequência ou habitualmente x *čitat'* (imp., evolutivo, nesta classificação) ler;

18- comitativos: *podpevat'* (imp.) cantar, acompanhando alguém x *pet'* (imp., evolutivo, nesta classificação) cantar;

19- complexo-intensivos: *vytantsouyvat'* (imp.) dançar, executando com cuidado evoluções complicadas x *tantsevat'* (imp., evolutivo, nesta classificação) dançar;

20- distributivos perdurativos: *razmaxivat'* (imp.) abanar prolongadamente para todos os lados x *maxat'* (imp., multiplicativo, nesta classificação) abanar;

a - distributivos perdurativos atenuativos: *naigryvat'* (imp.) tocar baixinho x *igrat'* (imp., evolutivo, nesta classificação) tocar;

b - distributivos perdurativos recíprocos: *perepisyvat'sja* (imp.) corresponder-se por cartas x *pisyvat'* (imp., iterativo, nesta classificação) escrever com frequência, habitualmente x *písat'* (imp., evolutivo, nesta classificação) escrever;

21- multiplicativos: *kolot'* (imp.) espetar muitas vezes x *zakolot'* (perf., resultativo de maneira geral, nesta classificação) espetar, matando;

22- estáticos (ou estativos): *grustit'* (imp.) estar triste; *znat'*

(imp.) saber, conhecer;

23- *evolutivos* (ou *durativos*): *plsat'* (imp.) escrever; *rasti* (imp.) crescer;

24- *de movimento unidirecional*: *nesti* (imp.) carregar, movimentando-se numa única direção; *bežat'* (imp.) correr, movimentando-se numa única direção;

25- *de movimento multidirecional*: *nosit'* (imp.) carregar, movimentando-se sem direção determinada; *begat'* (imp.) correr, movimentando-se sem direção determinada.

Não é difícil ver que a lista é bastante questionável. Qual seria a diferença entre os verbos *delimitativos* e os *atenuativos*, ou os *iterativos* e *multiplicativos*, por exemplo? Qual seria a finalidade de subdividir os verbos *resultativos* em várias classes? Ou os *distributivos*?

Como se vê, tomando como base de análise os modos de ação e levando este procedimento até as últimas consequências, poder-se-ia chegar a listas infinitas.

2.4.2 MASLOV (1978)

Maslov (1978) divide o campo semântico-funcional de aspectualidade em duas partes: a aspectualidade quantitativa e a qualitativa. Esta última inclui as seguintes oposições:

- dinâmico/estático;
- ação terminativa/ação aterminativa;

- ação terminativa que alcança seu limite;

A aspectualidade quantitativa caracteriza a ação por:

- quantidade de vezes (repetições);
- ininterruptividade/interruptividade da realização;
- duratividade;
- intensidade.

2.4.3 BONDARKO (1985)

Bondarko (1985) inclui no campo semântico de aspectualidade as seguintes categorias:

- terminatividade/aterminatividade;
- processualidade;
- integridade;
- localização/não-localização da ação no tempo;
- atividade/estatividade;
- relatividade;
- perfectividade;
- as categorias que determinam fase da ação e
- as categorias de aspectualidade quantitativa.

2.4.4 KOZINTSEVA (1985)

Kozintseva (1985), por sua vez, considera como universais as seguintes categorias (traços):

- 1 - terminatividade/aterminatividade;

- 2 - alcance/não-alcance de um limite;
- 3 - unicidade (semelfatividade)/iteratividade;
- 4 - duração limitada/ilimitada;
- 5 - repetição limitada/ilimitada;
- 6 - concretude/não-concretude da ação.

Neste esquema, as oposições de traços 3-6 são de aspectualidade quantitativa e podem caracterizar tanto as situações terminativas como as aterminativas. Os traços alcance/não-alcance do limite entram na análise da semântica das formas dos verbos terminativos.

2.4.5 AKIMOVA (1985)

Akimova (1985), partindo das "oposições semânticas" de Bondarko (1967) e Maslov (1978), estabelece, na sua análise do verbo inglês, uma combinatória de traços semânticos da aspectualidade qualitativa. A autora observa que, no seu sistema, entram os traços "propriamente aspectuais" e os traços que se encontram nas interseções com outros campos semânticos funcionais. Cf.:

I. Traços propriamente aspectuais:

- 1 - direcionalidade/não-direcionalidade da ação para um limite. A expressão deste traço é uma função do lexema verbal. É um traço binário que corresponde a *terminativo/aterminativo* de Maslov (1978), Bondarko (1985) e Kozintseva (1985) (cf. acima) e a *télico/atélico* na tradição "ocidental" (trataremos desta oposição

no capítulo 5);

2 - limite alcançado/não alcançado. Segundo Akimova, é este o traço que fundamenta a oposição *progressivo* (membro marcado) : *não-progressivo* em inglês;

3 - dinamicidade/estatividade. Por dinamicidade se entende o desenvolvimento do processo ao longo do eixo de tempo. Esta oposição estabelecida por Akimova, na verdade, não é outra coisa que a retomada da divisão de verbos em *estados* e *processos* feita por Aristóteles (cf. capítulo 1);

4 - resultatividade. Se trata de "atualidade das conseqüências da ação anterior para o plano temporal posterior" (Akimova; 1984: 74). A expressão deste traço é a função das formas do perfeito em inglês junto com os lexemas verbais que têm o traço de direcionalidade da ação para um limite;

5 - generalidade do fato. Assim se chama a "ação que teve lugar no passado independentemente do modo de seu desenvolvimento e de sua distribuição no tempo e independentemente de sua localização na linha de tempo" (idem: 75). É a função do perfeito que Leech (1969: 155) chama de *indefinite past* e Comrie (1976: 56-61) de *experiential*.

II. Traço que se encontra na interseção com o campo semântico funcional da temporalidade:

- localização/não-localização temporal. O conceito da localização temporal foi introduzido por Košmider (1962: 132), que divide os

fatos relativamente à sua ocorrência no tempo em dois grupos: os concretos, que ocupam um lugar próprio na linha de tempo, e os abstratos, não relacionados com nenhum lugar (ponto, período) no eixo temporal. O traço de não-localização temporal se encontra, por exemplo, nos provérbios e nas ações chamadas habituais (*He smokes/ Ele fuma*), freqüentativas (*I often meet him in this park/ Eu freqüentemente o encontro neste parque*).

III. Traço que também se encontra na interseção com o campo semântico funcional da temporalidade:

- orientação/não-orientação temporal dependente/independente. A expressão deste traço é a função das formas do perfeito e do mais-que-perfeito (past perfect em inglês).

Os traços descritos serão facilmente reconhecidos pelo leitor na seguinte combinatória proposta por Akimova (os exemplos são da autora):

A. Localização temporal determinada.

A.I.1. - direcionalidade para um limite + limite alcançado.

A.I.1.1. - direcionalidade para um limite + limite alcançado +
+ orientação temporal independente:

(2.2) *When he tips his head and winks at her, she gives that
 little sideways jerk of her head.*

Quando ele vira a cabeça e lhe dá uma piscadela, ela
dá uma leve sacudida com a cabeça.

A.I.1.2. - direcionalidade para um limite + limite alcançado +
+ localização temporal determinada + orientação temporal
dependente:

(2.3) *As soon as they had come through the hedge they saw
Fiver.*

Quando eles atravessaram a cerca, eles viram Fiver.

A.I.2. - direcionalidade para um limite + limite não alcançado.

A.I.2.1. - direcionalidade para um limite + limite não alcançado
+ dinamicidade + localização temporal determinada + orientação
temporal independente:

(2.4) *When we are going out, Whitfield comes.*

Quando estamos indo embora, chega Whitfield.

A.I.2.2. - direcionalidade para um limite + limite não alcançado
+ dinamicidade + localização temporal determinada + orientação
dependente:

(2.5) *It's all so much work at the end of the season.*

Sophie's been cleaning all day, and I've been cooking.

Há tanto trabalho no final da temporada. Sophie
passou o dia inteiro limpando e eu cozinhando.

A.II. não-direcionalidade para um limite.

A.II.1. - não direcionalidade para um limite + localização temporal estreita.

A.II.1.1. - não- direcionalidade para um limite + localização temporal estreita + dinamicidade + orientação temporal independente:

(2.6) *She turned again to the garden. Axel and Rupert were talking...*

Ela voltou de novo ao jardim. Axel e Rupert estavam conversando...

A.II.1.2. - não-direcionalidade para um limite + localização temporal estreita + dinamicidade + orientação temporal dependente:

(2.7) *Do you want to know - something has been worrying me all day.*

Você quer saber - algo ficou me aborrecendo o dia inteiro.

A.II.1.3. - não-direcionalidade para um limite + localização temporal estreita + estatividade + orientação temporal independente:

(2.8) *While we watch she swaps the fan to the other hand.*
 Enquanto nós olhamos, ela passou o leque para outra
 mão.

A.II.1.4. - não-direcionalidade para um limite + localização
 temporal estreita + estatividade + orientação temporal
 dependente:

(2.9) *I really want to see because she looks like my mother.*
The last six months I've thought a lot about my mother.
 Eu realmente quero ver porque ela se parece com minha
 mãe. Nos últimos seis meses eu penso muito sobre minha
 mãe.

A.II.2. - não-direcionalidade para um limite + localização
 temporal ampla.

A.II.2.1. - não-direcionalidade para um limite + localização
 temporal ampla + estatividade + orientação temporal independente:

(2.10) *Simon was far from too delicate to imagine that*
Axel disliked Morgan because Simon loved her.
 Simon estava longe demais da delicadeza de imaginar
 que Axel deixou de gostar de Morgan porque Simon a
 amava.

A.II.2.2. - não-direcionalidade para um limite + localização temporal ampla + estatividade + orientação temporal dependente.

(2.11) *Simon had never felt guilty about his preference.*

Simon nunca se sentiu culpado por sua preferência.

B. Localização temporal indeterminada.

B.I. - direcionalidade para um limite + limite alcançado + resultatividade + localização temporal indeterminada + orientação temporal dependente:

(2.12) *When I came back, they had disappeared, so I sat down and read...*

Quando eu voltei, eles tinham desaparecido, assim, eu sentei e li...

B.II. - generalidade do fato + localização temporal indeterminada + localização temporal dependente:

(2.13) *Are you General Benjamin Griggs? I've read about you in Raymond's Book.*

O senhor é o General Benjamin Griggs? Eu tenho lido sobre o senhor no Raymond's Book.

As análises feitas levam Akimova a concluir que "os traços

semânticos aspectuais são heterogêneos", visto que "pertencem a quatro áreas distintas da aspectualidade qualitativa" (p.90). Estas quatro áreas, segundo a autora, são:

- localização/não-localização temporal, que tem interseção com o campo da temporalidade;
- orientação temporal independente/dependente, que tem interseção com os campos da temporalidade e da taxa;
- direcionalidade para um limite que inclui os traços da direcionalidade para um limite, do alcançamento/não-alcançamento do limite e da dinamicidade/estatividade;
- resultatividade e generalidade do fato, que tem interseção com a área da direcionalidade para um limite, e o significado da resultatividade se realiza sempre em combinação com o traço de limite alcançado.

2.4.6. XRAKOVSKIJ (1985)

Xrakovskij (1985: 73) propõe que o conceito do traço semântico (significado mínimo) seja considerado como primitivo. Sendo assim, poder-se-ia passar dos significados dos traços semânticos para os meios formais de sua expressão, obtendo-se as "unidades de duas faces" (os signos). A partir destas unidades, poderiam ser formados

os agrupamentos dos meios gramaticais, léxico-gramaticais, derivacionais e lexicais que realmente interagem no sistema da língua e da fala e que realmente formam sistemas

semântico-funcionais que pertencem (pelo menos através de seus componentes nucleares) à estrutura gramatical da língua (Bondarko; 1981: 489 - trad. EG).

Xrakovskij (1985: 76) observa, entretanto, que o conjunto completo dos traços semânticos aspectuais ainda está por ser determinado e que só ao estabelecer-se este conjunto de traços será possível modelar um campo semântico funcional.

2.4.7 O problema do traço terminativo/aterminativo

Entre os traços semânticos categoriais do significado lexical verbal muitos autores colocam como o mais importante o traço terminativo/aterminativo.

Pensa-se que as ações indicadas pelos verbos são terminativas ou aterminativas "por natureza" no mundo real. Por isso o traço de terminatividade/aterminatividade se transfere para os significados lexicais dos verbos e estes acabam sendo divididos em terminativos e aterminativos.

Por terminatividade se entende a orientação da ação para um limite interno. Este limite é um ponto na evolução da ação que, quando alcançado, significa o completamento da ação, sua realização em toda a plenitude. Quaisquer coisas relacionadas com a ação terminativa, seus sujeitos e/ou objetos mudam seu estado à medida que esta ação se desenrola. As ações que não possuem estas características são qualificadas como aterminativas.

2.4.7.1 PAVLOV (1984)

Para distinguir o caráter das ações reais do das suas representações lexicais, V.Pavlov (1984) propõe introduzir outro par de conceitos: "ação transformativa" (ação real) e "ação estativa" (representação lexical), reservando os termos "terminativo/aterminativo" para as últimas. Tal distinção é justificada pelo fato de que uma ação transformativa pode não ser representada em sua "integridade", "completude", mas em seu lado processual. Isso não quer dizer que a ação deixou de ser "transformativa" no mundo, mas a sua representação sim excluiu o limite da existência de um certo estado das coisas. Assim, a "processualidade" se torna um traço que une as representações típicas das ações estativas com uma boa parte das representações das ações transformativas. Com isso, a oposição entre os significados que "interpretam" as ações estativas e transformativas fica de certo modo enfraquecida. De acordo com os postulados do materialismo dialético, o significado lexical de qualquer palavra (inclusive do verbo) não pode ser reduzido a uma representação direta e imediata de um fragmento da realidade, ele não é sua "cópia" no sentido literal. A subjetividade faz parte da atividade representativa da consciência humana.

Assim, qualquer verbo que representa uma ação transformativa se caracteriza pela terminatividade. Mas quando a "tarefa comunicativa" exige uma representação processual da ação

transformativa, esta terminatividade fica ligada a um ponto final na projeção potencial da evolução posterior da ação, ponto este que se encontra fora dos limites da área temporal da situação descrita. Sendo assim, o traço terminativo fica desatualizado.

2.4.7.2 REFEROVSKAJA (1984)

De acordo com Referovskaja (1984), na maioria das línguas indo-européias (não eslavas), tanto o tempo externo como o interno são representados pelas formas verbais flexionadas. A representação do tempo externo é seu significado principal, enquanto a representação do tempo interno é seu significado secundário, seu significado aspectual, próprio em graus diferentes das diferentes formas flexionadas.

Toda a ação é pensada como um "acontecer", como um processo. Mas este "acontecer" não é estável, ele está em movimento e todo processo necessariamente chega ao fim. A passagem do "acontecer" ao "acontecido" retira da consciência a imagem do processo e evoca a imagem da finalização, do cessamento do processo, do seu resultado.

Os diversos modos de ação não possuem formas especiais (na maioria das línguas indo-européias, pelo menos), mas podem ser explicitados, expressos pelas formas verbais sob determinadas condições. Estas condições, em primeiro lugar, incluem as relações entre o significado gramatical das formas verbais e o caráter terminativo/aterminativo da ação representada

pelo verbo.

Toda ação supõe ou a representação do limite a ser alcançado que é o momento natural de sua finalização a partir do qual a ação não pode continuar, ou não supõe limite algum. Neste último caso, a ação, para terminar, deve ser interrompida por uma outra ação ou por alguma outra circunstância. Assim, os funcionalistas russos concluem que todos os verbos em todas as línguas se dividem necessariamente em terminativos e aterminativos. A causa desta universalidade está no caráter profundamente semântico da dicotomia.

O caráter terminativo/aterminativo do verbo, entrando em diversas relações com o significado gramatical das formas, gera o significado final.

Os verbos terminativos podem supor certa duração ou podem supor uma ação momentânea, onde o momento do começo e o do fim parecem coincidir.

Os verbos aterminativos representam ações cujos limites encontram-se fora da própria ação, ou seja, para terminar, a ação deve ser interrompida por alguma causa externa.

Para apoiar a tese funcionalista da universalidade do traço terminativo/aterminativo, Referovskaja, analisando as formas do verbo francês, argumenta que a caracterização dos verbos como terminativos ou aterminativos influencia o significado dos participios deles derivados. Assim, o significado dos participios passados dos verbos terminativos transitivos corresponde

perfeitamente a seu nome, i.e., estes participios situam a ação no tempo passado e indicam uma qualidade resultante da ação acabada e dirigida para o objeto. Cf.: *le travail terminé* 'o trabalho terminado', *l'objet trouvé* 'o objeto encontrado'.

O significado dos participios passados dos verbos transitivos mas aterminativos, na verdade, contraria este nome, porque não situa a ação no tempo passado, mas no presente. Cf.: *un portrait admiré de tout le monde* 'um retrato admirado por todo o mundo'.

Os participios passados dos verbos terminativos usados intransitivamente indicam uma qualidade ou, melhor, uma característica do objeto resultante de uma ação realizada anteriormente pelo sujeito da ação: *le train arrivé avant l'heure* 'o trem chegado (que chegou) antes da hora'.

O caráter terminativo ou aterminativo do verbo reflete-se também no significado dos substantivos derivados. Assim, os substantivos derivados dos verbos aterminativos (só atividades) normalmente nomeiam a ação como processo: cf. *nager* - (la) *nage* 'nadar - natação'; *méditer* - (la) *méditation* 'meditar - meditação'. Os substantivos derivados dos verbos estativos serão nomes do sentimento, relação, etc.: *respecter* - (le) *respect* 'respeitar - respeito', *haïr* - (la) *haine* 'odiar - ódio', etc.

Os substantivos derivados dos verbos terminativos representam a ação normalmente como um fato consumado ou até como resultado desta ação: *acheter* - (l') *achat* 'comprar - compra';

mourir - (la) mort 'morrer - morte'.

No entanto, quando o significado dos verbos terminativos inclui a representação de uma certa duração anterior ao alcançamento do limite, os substantivos derivados terão o significado duplo, "bipartito": *tomber* - (la) tombée 'cair - queda'.

Entretanto, os aspectólogos russos reconhecem que a terminatividade/aterminatividade não pode ser considerada uma característica estável. Uma ação representada pelo verbo terminativo, pode, sob certas condições (não explicitadas por ninguém), ser vista não como um ato global que tem seu começo e seu fim, mas como uma ação em processo, por mais breve que ele seja, abstraído assim seu limite final. Pelo contrário, uma ação representada por um verbo aterminativo mas indicada do ponto de vista do recorte temporal que limita "por fora" esta ação, esta última será representada como acabada, terminada.

Nas línguas românicas, onde o aspecto representa um certo co-significado das formas temporais, a influência da terminatividade/aterminatividade do verbo se reflete fortemente nos significados das formas verbais simples do passado. Referovskaja observa que

"os significados do pretérito e do imperfeito são vários:

às vezes contrários, às vezes idênticos. As duas formas representam a ação no plano temporal do passado. O tempo externo é o mesmo, mas o tempo interno é representado de maneiras diferentes. Estas diferenças se refletem inclusive na multiplicidade dos termos que os lingüistas usam para caracterizar estas formas aspectualmente."(p.97 - trad. EG)

Ora, se tudo isto é verdade, então não é o significado lexical do verbo que tem o traço terminativo/aterminativo, mas, no mínimo, a forma verbal.

Referovskaja adota a interpretação do imperfeito e do perfeito em francês de Guillaume (1929, 1963) e Martin (1971), para quem o significado "sistêmico" das formas do pretérito é da ação acabada no passado; o significado "sistêmico" do imperfeito é mais complexo: o acabado no passado + "em acabamento" no passado. Ou seja, o imperfeito é uma forma que reflete certo dinamismo; nele "existe uma partícula, maior ou menor, do inacabado que sempre se transforma no acabado" (p.96 - trad. EG). Mas, considerando o traço terminativo/aterminativo, Referovskaja deduz que a caracterização aspectual final em cada caso concreto não depende apenas do significado da forma aspecto-temporal: ela é composta da combinação deste significado com o traço terminativo/aterminativo do verbo. Assim, a autora chega à conclusão de que

em francês, não apenas inexiste a categoria gramatical de

aspecto como também o caráter aspectual das formas temporais, que é um componente de seus significados, está longe de ser estável e se revela de maneiras diferentes sob a influência da terminatividade/aterminatividade... Também a própria caracterização dos verbos pela terminatividade/aterminatividade é instável e é facilmente influenciada pelo contexto (p. 108 - trad. EG).

Esta conclusão se deve em grande parte ao fato de que, tendo o sistema aspectual russo como referência, Referovskaja "descobre" que

os meios morfológicos que denotam a nuance aspectual da ação formam pares de oposições mas abrangem apenas uma parte mínima de verbos. As construções perifrásticas que possuem significados aspectuais são muito poucas e não formam um sistema (p.109 - trad. EG).

2.5 Modelo de Desherieva (1979, 1988)

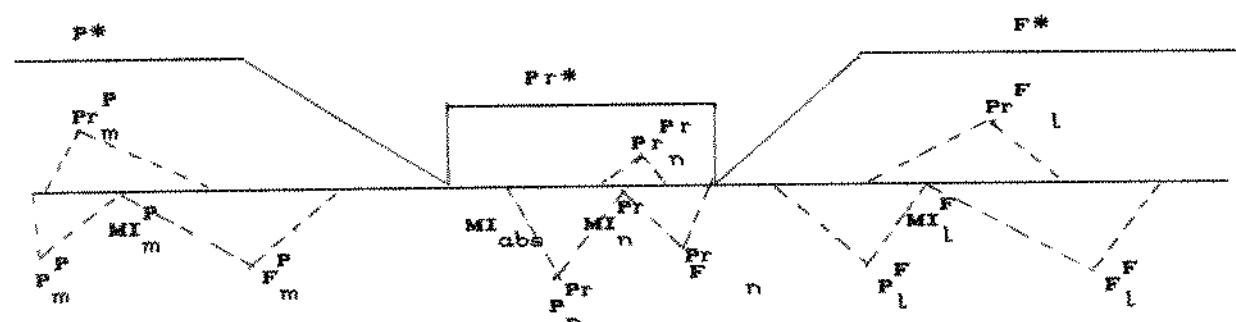
O modelo mais completo (e o único modelo formalizado) que usa as combinações de traços semânticos aspectuais para formar conjuntos que determinam o aspecto é, sem dúvida, o modelo de Je. Desherieva.

O modelo de aspectualidade de Desherieva se compõe de dois campos semânticos: o temporal e o aspectual propriamente dito.

2.5.1 Campo semântico temporal

O campo semântico temporal é uma disjunção de campos semânticos das formas verbais e/ou dos componentes contextuais, sintáticos e lexicais. Desherieva entende o tempo lingüístico como linear dividido em três "regiões": passado, presente e futuro. O "ponto inicial" é o momento de fala. O esquema geral da temporalidade, no modelo de Desherieva será:

(2.14)



onde MI_{abs} é o momento inicial absoluto; MI_m^P é um dos pontos (momentos) iniciais do tempo lingüístico dentro do domínio do P^* (passado); MI_n^{Pr} é um dos momentos iniciais dentro do domínio do Pr^* ; MI_l^F é um dos momentos iniciais dentro do domínio do futuro F^* ; P_m^P é um dos m domínios do passado relativo dentro do domínio do P^* ; F_m^F é um dos m domínios do futuro relativo dentro do domínio do passado P^* e assim por diante.

Para construir as fórmulas dos campos semânticos das formas temporais, Desherieva introduz também os conceitos de simultaneidade (R), não-simultaneidade ($\bar{R}$), 'antes' (W) e distanciamento/não-distanciamento ($D/\bar{D}$) da forma do ponto inicial. Por exemplo, a estrutura do campo semântico do tempo passado próximo será:

$$(2.15) \quad PPróx(x) = \bar{R}(x) \wedge \bar{D}(x) \wedge P*,$$

onde $\bar{R}$ é a não-simultaneidade da forma verbal com o ponto inicial, $\bar{D}$ é o não-distanciamento da forma verbal do ponto inicial e $P*$ é a "região" (o domínio) do passado (ou seja, a região à esquerda do ponto inicial no eixo temporal). Como dissemos, o campo semântico da temporalidade será a disjunção complexa dos campos semânticos das formas particulares.

2.5.2 Campo semântico aspectual

A aspectualidade, para Desherieva, é o conjunto dos meios lingüísticos da expressão dos "carateres" e dos "modos" do desenrolar da ação. Os termos "caráter" e "modo" de ação indicam as propriedades da semântica verbal. O "caráter da ação" é realizado através dos "modos de ação". Assim, o conceito de "caráter de ação" subsume os conceitos dos "modos de ação" subordinados. A maioria de "carateres de ação" não tem uma correlação direta com a temporalidade: esta correlação é estabelecida através dos "modos de ação".

2.5.2.1 Caracteres de ação

Desherieva introduz o seguinte conjunto máximo de "carateres de ação" possíveis numa língua:

- continuidade (não agravada pelo "desmembramento" fásico interno): $X_1(x)$ - ver, ouvir;
- "desmembramento" interno em fases: $X_2(x)$ - bocejar;
- descontinuidade da ação condicionada pelos fatores externos: $X_3(x)$ - andar amestrando (cachorros);
- direcionalidade da ação: $X_4(x)$ - tender, aproximar-se;
- ausência de direcionalidade: $X_5(x)$ - voar;
- limitação da ação no tempo (uni- ou bilateral): $X_6(x)$ - tirar uma soneca, por-se a chorar;
- ilimitação no tempo: $X_7(x)$ - construir, estar deitado.

Desherieva observa que a semântica de um lexema verbal pode incluir mais de um "caráter de ação": por exemplo, os verbos do tipo viver (estativos na classificação vendleriana) contêm $X_1(x)$, $X_5(x)$, $X_7(x)$.

2.5.2.2 Modos de ação

Além de determinar os "carateres de ação", Desherieva estabelece o elenco dos "modos de ação", reconhecendo que os 28 "modos de ação" escolhidos são "os mais importantes para a aspectologia" apenas na sua opinião (cf. p.40). A estrutura dos campos semânticos dos aspectos perfectivo e imperfectivo

(estabelecidos "de antemão", provavelmente pela tradição da aspectologia eslava) é uma disjunção complexa da combinatória dos "carateres" e "modos" de ação.

Por exemplo, um verbo x tem o aspecto perfectivo na língua L se nesta língua é impossível a coocorrência de x com um verbo "fásico" (começar, continuar, terminar, etc.) e se sua semântica contém pelo menos um dos "carateres de ação" listados acima realizado através de um ou mais "modos de ação" seguintes:

- $In(x)$ - ingressivo;
- $Lim(x)$ - limitativo;
- $Un(x)$ - único (semelfactivo)
- $R_{fin}(x)$ - resultativo + finito
- $R_d(x)$ - resultativo + durativo
- $R_{al}(x)$ - resultativo + alcançado
- $R_{ex}(x)$ - resultativo + "expressivo"
- $R_o^t(x)$ - resultativo + totalidade do objeto
- $R_d^o(x)$ - resultativo + distribuição do objeto
- $R_d^s(x)$ - resultativo + distribuição do sujeito
- $R_{ac}(x)$ - resultativo + acúmulo
- $R_{ac}^p(x)$ - resultativo + partitividade do acúmulo
- $R_s(x)$ - resultativo + saturado
- $R_{at}(x)$ - resultativo + atenuado
- $R_{ev}(x)$ - resultativo + evolutivo

- $R_{al}^*(x)$ - resultativo + alcançado + expressivo
- $R_{fin}^*(x)$ - resultativo + finito + expressivo

2.5.2.3 Formalização da semântica aspectual

Representando o aspecto perfectivo do verbo x por $A_{perf}(x, y, f)$, onde x é a forma verbal; y é o verbo auxiliar e f é o verbo "fásico", e por $\bar{C}(x, y, f)$ a propriedade de não-coocorrência dos verbos x e y com o verbo "fásico", a fórmula da semântica do aspecto perfectivo será:

(2.16)

$$\begin{aligned}
 A_{perf}(x, y, f) = & \bar{C}(x, y, f) \wedge \{ \langle X_1(x) \wedge [In(x) \vee Lim(x) \vee R_{fin}(x) \vee \\
 & R_d(x) \vee R_o^l(x) \vee R_{al}(x) \vee R_{at}(x) \vee R_s(x) \vee R_{ac}(x) \vee R_{ex}(x) \vee \\
 & R_{ev}(x)] \rangle \vee \langle X_2(x) \wedge [In(x) \vee Lim(x) \vee Un(x) \vee R_{fin}(x) \vee R_o^l(x) \vee \\
 & R_s(x) \vee R_{ev}(x) \vee R_d(x) \vee R_{al}^*(x)] \rangle \vee \langle X_3(x) \wedge [Un(x) \vee R_{fin}(x) \vee \\
 & R_{ac}^p(x) \vee R_d^o(x) \vee R_d^s(x) \vee R_d(x) \vee R_{al}^*(x) \vee R_s(x) \vee R_o^l(x) \vee \\
 & R_{ev}(x)] \rangle \vee \langle X_4(x) \wedge [In(x) \vee R_d(x) \vee R_{fin}(x) \vee R_{al}(x) \vee R_d^s(x) \vee \\
 & R_d^o(x)] \rangle \vee \langle X_5(x) \wedge [In(x) \vee Lim(x) \vee R_d(x) \vee R_d^o(x) \vee R_s(x) \vee \\
 & R_{ev}(x) \vee R_{ac}(x) \vee R_o^l(x) \vee R_{al}^*(x) \vee R_{fin}^*(x)] \rangle \vee \langle X_6(x) \wedge [Un(x) \vee \\
 & In(x) \vee Lim(x) \vee R_{fin}(x) \vee R_{al}(x) \vee R_d(x) \vee R_{ex}(x) \vee R_{ac}(x) \vee \\
 & R_o^l(x) \vee R_d^s(x) \vee R_d^o(x) \vee R_{ac}^p(x) \vee R_{ev}(x)] \rangle \}
 \end{aligned}$$

A fórmula (2.16), aparentemente difícil de ser apreendida em sua totalidade, significa na realidade algo muito simples: é a disjunção lógica dos "carateres de ação" com seus "modos de ação"

subordinados. A fórmula (2.16) se lê: o verbo x tem o aspecto perfectivo se este verbo não combina com o verbo "fásico" f e se sua semântica inclui ou o "caráter de ação" $X_1(x)$ realizado através de um ou mais "modos de ação" do conjunto: $In(x)$, $Lim(x)$, $R_{fin}(x)$, $R_d(x)$, $R_o^t(x)$, $R_{al}(x)$, $R_{al}(x)$, $R_s(x)$, $R_{ao}(x)$, $R_{ex}(x)$, $R_{ev}(x)$, ou $X_2(x)$ realizado através de um ou mais "modos de ação" do conjunto: $In(x)$, $Lim(x)$, $Un(x)$, $R_{fin}(x)$, $R_o^t(x)$, $R_s(x)$, $R_{ev}(x)$, $R_d(x)$, $R_{al}^*(x)$, ou $X_3(x)$, etc.

2.5.3 Formalização da semântica aspecto-temporal

A semântica do sistema aspecto-temporal verbal é a disjunção das semânticas das formas aspecto-temporais verbais. Desherieva define as formas aspecto-temporais verbais como as formas do verbo, onde o significado aspectual tem uma marcação morfológica. Para formalizar a semântica destas formas, Desherieva introduz alguns conceitos adicionais: $Ev(x)$ - evidência do evento indicado pela forma verbal; $\overline{Ev}(x)$ - não-evidência do evento; $It(x)$ - iteratividade do evento; $\overline{It}(x)$ - singularidade do evento; $Dr(x)$ - duração do resultado da ação indicado pela forma verbal (x) num domínio temporal atípico para esta forma; $K(x)$ - contexto estável que transporta a ação indicada pela forma verbal x para um domínio normalmente atípico para esta forma. Por exemplo:

(2.17)

$$PS_{perf}(x, y, f) \equiv [\overline{R}(x) \wedge P^* \wedge A_{perf}(x, y, f)] \wedge \exists(y)[\overline{R}(y) \wedge P^* \wedge xRy]$$

é o passado simultâneo perfectivo, como no caso do gerúndio perfectivo nas línguas eslavas: *pročítav^v* 'tendo lido'/'ao ter lido'.

A semântica do sistema aspecto-temporal verbal (SATV) é o componente principal da semântica do sistema aspecto-temporal (SAT) de uma língua. A semântica do sistema aspecto-temporal é a conjunção das semânticas da temporalidade e da aspectualidade:

(2.18)

$$AT(x, y, f, z_n) = T(x, y, z_n) \wedge A(x, y, f, z_n),$$

onde *x* é um verbo qualquer; *y* é um verbo auxiliar; *f* é um verbo "fásico"; *n* = 1, 2, 3, 4; *z* são lexemas (inclusive nominais) que indicam ações, estados, processos.

2.6 Proposta de Paduceva^v (1990)

Um trabalho interessante e único dentro da aspectologia russa é o de Je. Paduceva^v (1990). É o único a incluir entre os primitivos do modelo construído as categorias vendlerianas e a trabalhar com a noção de intervalo.

O objetivo do trabalho de Paduceva^v é tentar "encaixar" as categorias vendlerianas dentro da dicotomia aspectual tradicional eslava: os aspectos perfectivo e imperfectivo. Para dar conta dessa tarefa, Paduceva^v define como primitivos

- a situação: o verbo com seus argumentos;

- o eixo de tempo;
- o intervalo: a parte do eixo temporal ocupada pela situação.

A idéia de Paduceva^V é que toda categoria gramatical (não sintática) se baseia em um pressuposto semântico inicial (= a base semântica). Mais ainda: qualquer predicado também deve possuir um pressuposto semântico básico. É assim que verde pode predicar apenas os objetos que têm cor, i.e., a possibilidade de ter uma cor é o pressuposto semântico inicial. De acordo com este raciocínio, as famosas idéias verdes de Chomsky só têm interpretação quando este pressuposto básico é "quebrado", superado de alguma maneira.

O pressuposto semântico básico do aspecto imperfectivo seria a possibilidade de a situação continuar no eixo de tempo (a aterminatividade), i.e., atravessar uma série de fases temporais subseqüentes (idênticas ou distintas), sem se transformar em outra situação. A interpretação básica do aspecto imperfectivo: no intervalo t_1 , ocorre uma das fases subseqüentes da série que compõe a situação.

O pressuposto semântico inicial do aspecto perfectivo é a ocorrência de uma situação que apresenta um limite em sua evolução no tempo.

A interpretação do significado básico do aspecto perfectivo pode conter vários componentes de diferente natureza:

- no momento t_1 (o momento entendido como subintervalo do intervalo $T = t_1 \dots t_n$) não existe o estado final s da situação S ;

- no momento $t_j > t_i$ tem lugar p' (o componente assertivo);
- no intervalo $t_i - t_j$ acontece a transição de $\bar{p}$ para p' (só os verbos terminativos não momentâneos terão este componente; os verbos momentâneos não o têm);
- 'perfectividade': o estado final p é conservado no momento de fala (tampouco é um componente universal);
- 'unicidade': decorre das duas primeiras características, visto que t_i acontece uma vez só (característica instável).

Os verbos com o limite interno podem coocorrer com um adverbial que indica a possível duração do estado final:

(2.19) *Domrabotnitsa otkryla okno na p'at' minut.*

A faxineira abriu a janela por cinco minutos.

Todos os verbos que apresentam o aspecto perfectivo são obrigatoriamente dinâmicos, ou seja, indicam uma transição de um estado para outro (momentânea ou não).

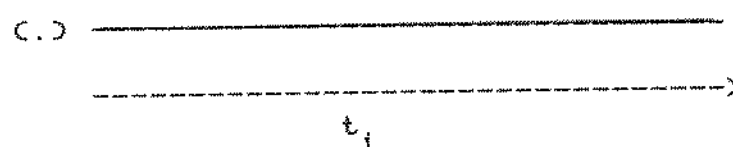
2.6.1 A classificação vendleriana aplicada ao russo

Partindo dessas noções, Padučeva^v apresenta sua interpretação das classes aspectuais vendlerianas e a aplica ao verbo russo. A interpretação inclui os seguintes componentes: a situação ocupada pelo verbo com seus argumentos durante um intervalo, e os sub-intervalos que podem ser ocupados pelo fragmento estático, o fragmento dinâmico e o fragmento da

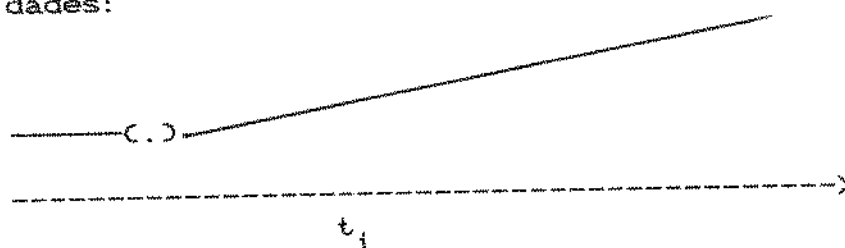
transição para um estado novo ou do começo da fase dinâmica.
Feito isso, os esquemas correspondentes às classes aspectuais
serão:

(2.20)

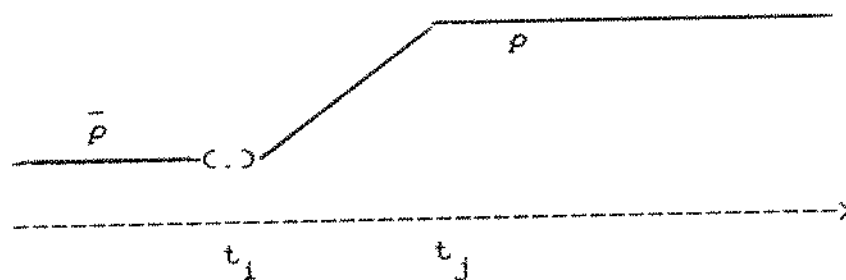
a. Estados:



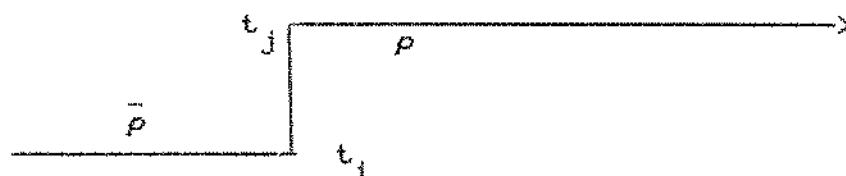
b. Atividades:



c. Accomplishments:



d. Achievements:



Padučeva não tenta aplicar os testes vendlerianos aos dados do russo para determinar as classes aspectuais nesta língua e não apresenta os cálculos temporais dos quatro tipos de verbos. Buscando a possibilidade de "encaixar" os aspectos verbais russos nos esquemas de Vendler, a autora afirma simplesmente que o imperfectivo pode ser encontrado nos verbos de estado e atividade, visto que nestes casos o verbo indica uma situação que se prolonga no tempo, ou seja, representa uma sequência de fases. O aspecto imperfectivo (o seu significado principal) fixa a atenção numa destas fases. Além disso, o aspecto imperfectivo deve ser possível nos verbos que indicam os processos finitos (terminativos/ télicos) - os accomplishments, porque, neste caso, a situação contém um fragmento que é um processo que atravessa uma série de fases homogêneas:

(2.21) *John estava desenhando um círculo*

Observe-se que com esta afirmação Padučeva volta à estaca-zero quanto à discussão sobre o problema do 'paradoxo imperfectivo'

(Cf. cap. 1).

Os verbos-achievements - transições momentâneas - não satisfazem o pressuposto inicial do aspecto imperfectivo no seu significado principal, porque não têm uma fase dinâmica "suave".

O aspecto perfectivo deve ser possível nos verbos-accomplishments (= processos finitos) e achievements (=transições momentâneas) que indicam situações limitadas na sua evolução (= têm o estado final). Como veremos adiante, este não é o caso: o aspecto perfectivo também é possível com os estados e as atividades.

2.7 A proposta de Timberlake (1982)

Timberlake (1982), um eslavista ocidental, propõe fundamentar a análise do aspecto em russo sobre os parâmetros aspectuais, que, na verdade, são modificações de traços propostos na literatura sobre o aspecto, em geral, e sobre o aspecto russo, em particular. O conjunto dos parâmetros é próximo do de Haltorf (1968) e do de Maslov (1973). Timberlake (tal como os aspectólogos russos) assume que os parâmetros são, em princípio, combinatórios (e não disjuntivos como, por exemplo, em Comrie 1976 ou em Desherieva 1979, 1988).

Timberlake (1982) considera que uma propriedade crucial do aspecto no nível proposicional é

that it refers not only to an event per se but to some point of perspective on the temporal axis; the event is

evaluated aspectually from this point of perspective. In the following, the point of perspective will be termed the aspect locus. (p.310)

O *aspect locus* pode ser estabelecido, segundo Timberlake, pelos advérbios temporais (*at that time/ ao mesmo tempo, yesterday/ontem, while a/enquanto a*) ou pode ser implícito num contexto narrativo. Em todo caso, é justamente este ponto que permite a avaliação aspecto-temporal da situação descrita. É fácil perceber que o *aspect locus* de Timberlake corresponde ao tempo de referência de Reichenbach (1947). Timberlake reconhece que sem este conceito (*aspect locus*) seria impossível discutir

morphologically encoded aspects such as the Russian perfective/imperfective or the English progressive/nonprogressive. (Idem)

2.7.1 Parâmetros

O modelo baseado nos parâmetros aspectuais desenvolvido por Timberlake assume "a speaker-oriented, encoding view of grammar, in which a multidimensional semantic space is mapped into a restricted set of morfological options" (p.310). Os parâmetros são divididos em duas classes, que se distinguem por se caracterizarem as propriedades topológicas ou métricas (quantitativas) do evento² (cf. a divisão semelhante feita pelos aspectólogos russos).

Os parâmetros topológicos são a *dinamicidade* e o

fechamento. A dinamicidade expressa mudança/não-mudança da atividade no tempo. Um evento estativo é aquele que tem um valor uniforme na dimensão da atividade. Um evento dinâmico, ou processo, é aquele que exhibe alguma mudança na dimensão da atividade. Como se vê, este parâmetro corresponde aproximadamente à divisão de classes aspectuais em estados vs. atividades/*accomplishments/achievements*. Entretanto, Timberlake afirma que no nível proposicional, segundo Timberlake, um evento pode ser avaliado como estativo ou dinâmico relativamente ao *aspect locus* existente para este evento.

No parâmetro *fechamento*, o que se leva em conta é a presença ou a ausência de um limite para o evento. Timberlake aplica esta distinção aos eventos dinâmicos tanto no nível lexical como no nível proposicional. No nível lexical, segundo Timberlake, um predicado dado pode ter um limite inerente, se é télico, ou, então carecer deste limite, se é atélico. Ou seja, para determinar um parâmetro (o fechamento), Timberlake leva em conta um conceito (télico/atélico), que não é definido, nem explicitado. No nível proposicional, o fechamento é avaliado relativamente ao *aspect locus*. Se um evento télico realmente alcança seu limite pelo *aspect locus*, ele é fechado no nível proposicional. Se o evento télico não alcança este limite, então, ele é aberto. Timberlake admite que qualquer evento, inclusive um evento estativo, que teve lugar no passado mas não está mais em progresso no tempo de fala, tem um limite temporal

antes deste tempo de fala e pode se dizer que ele é fechado através da dimensão temporal (closed through the temporal dimension). Mas, segundo este autor, é apenas o fechamento na dimensão de atividade que tem a expressão morfológica distinta em russo. Em outras palavras, para Timberlake, o parâmetro aberto/fechado só é válido para os eventos dinâmicos e, sendo assim, os estados, por exemplo, não poderiam ser fechados. Esta postura leva Timberlake a admitir que muitos predicados têm ao mesmo tempo os sentidos estativo e processual. Assim, por exemplo,

(2.22) *On prožil v Moskve tri goda i perejexal v Leningrad*

Ele morou em Moscou três anos e mudou-se para Leningrado
seria ambíguo para Timberlake, porque é o caso de estado "fechado através de uma dimensão temporal".

Timberlake (1982: 312) reconhece que

Although it is not clear how to state the relationship between stative and active senses of such verbs, it is clear that the imperfective must be used for the stative sense. If the perfective were used, it could only have an inceptive sense.

Como se vê, esta afirmação de Timberlake tampouco é verdadeira.

Os outros dois parâmetros estabelecidos por Timberlake caracterizam as propriedades quantitativas do evento.

Segundo Timberlake, os eventos podem ser medidos pela sua

extensão ao longo do eixo temporal, i.e., pela duração, e o autor considera a *duratividade* como um traço importante do aspecto para a análise do aspecto tanto em russo como em outras línguas.

Por fim, para dar conta da iteratividade, Timberlake introduz a distinção *único/múltiplo* que descreve como a *cardinalidade do evento*. Um evento iterativo é composto de subeventos individuais, que formam um conjunto, um macroevento iterativo. De acordo com Timberlake, se os subeventos individuais são não-fechados (por exemplo, se eles foram tentados mas não foram completados), deve ser usado o imperfectivo, mesmo quando o número de subeventos é delimitado, como em

(2.23) On dvazdy nam *dokazal (Perf)/dokazyval (Imp.)

Ele duas vezes nos provou

obstojatel'no, čto on žertva slučaja.

em detalhes que ele vítima das-circunstâncias.

Ele nos provou duas vezes que é/era vítima das circunstâncias. (exemplo de Timberlake).

Na verdade, neste caso não é obrigatório o uso do imperfectivo, e o perfectivo também é possível, o que seria difícil explicar nos moldes da proposta de Timberlake.

De acordo com Timberlake, se o número de subeventos é limitado, o macroevento pode ser avaliado como aberto ou como fechado. Para um número ilimitado de subeventos, o macroevento é aberto e o imperfectivo deve ser usado:

(2.24) *Kogda Kulikov o čem-libo sprosil (Perf.)/
 Quando Kulikov sobre algo+Prep. perguntou
 sprasi^vval (Imp.), on ot^vdelalsja (Perf.)/
 perguntava, ele fugiu
 ot^vdelyvalsja (Imp.) kakim-nibud' predlogom.
 fugia (sob) algum+Inst. pretexto+Inst.
 Quando Kulikov perguntava algo, ele fugia sob algum
 pretexto.*

Com base nos parâmetros estabelecidos, Timberlake formula uma restrição geral sobre a codificação do aspecto morfológico em russo: um evento pode ser codificado como perfectivo apenas quando ele é fechado no nível proposicional (em relação ao *aspect locus* para este evento).

Em termos de parâmetros topológicos, o evento não pode ser perfectivo (i.e., não pode ser fechado), se ele é:

- estativo (como vimos acima, a respeito do exemplo (2.22), esta conclusão é falsa);
- um processo atélico (este último conceito não-explicitado);
- um processo télico que é tentado mas não completado (idem);
- um processo télico que é aberto por incluir o *aspect locus* (idem).

Em termos de parâmetros quantitativos, o evento não pode ser perfectivo se ele é:

- durativo;

- múltiplo (já observamos que esta afirmação é falsa).

2.8 Resumo do capítulo 2

A tradição "oriental dos estudos aspectológicos baseia-se principalmente na noção de Aktionsart (os "modos de ação") entendidos como traços semânticos (ou parâmetros), e não no sentido das classes de Vendler, mas seguindo a tradição de Agrell³. Não existem esquemas temporais para estabelecer os critérios da definição desses modos de ação. As listas dos Aktionsart, tendo assim uma base puramente intuitiva, são sujeitas a inúmeras variações. Parece existir também uma certa confusão entre as opiniões dos aspectologistas "orientais", que ora interpretam os Aktionsarten como traços, ora como categorias, nunca definindo ou explicitando os conceitos usados. O número dos "modos de ação", como vimos, varia dramaticamente de autor para autor, e autor algum conseguiu fundamentar com um mínimo de rigor a escolha feita. A distinção terminativo/aterminativo, considerada crucial nas teorias "orientais" tampouco recebe fundamento. Os Aktionsarten não são relacionados com o conceito de perspectiva temporal, do intervalo temporal. O tempo é entendido, dentro desta tradição, como um eixo que inclui apenas dois pontos: o ponto de fala e o de evento. O eixo de tempo inclui a "região" do futuro como um tempo real com a mesma tranquilidade que inclui qualquer outra (do presente e do passado), não se utilizando, portanto, o conceito de "mundos

possíveis" (ou outros conceitos lógicos em geral). Em momento algum, dentro dessa tradição, aparece uma preocupação mais ou menos consequente com outros elementos da sentença (a não ser com o advérbio).

Provavelmente este quadro decorre da natureza não só do verbo como também do nome eslavo. À diferença do nome nas línguas indo-européias ocidentais, o nome eslavo, normalmente não é explicitamente quantificado. Com isso, parece que o "peso específico" da quantificação do verbo eslavo, dentro da sentença, torna-se maior.

É interessante observar também que as duas tradições - a anglo-saxônica e a "oriental" - levaram os estudos sobre o aspecto para duas áreas da lingüística distintas: a "ocidental" se inclina para a semântica formal, às vezes "beirando" a pragmática; a "oriental", com a gramática funcional russa como sua "linha mestra" atual, para a psicolingüística (estruturalista) com os componentes pragmáticos⁴.

NOTAS

1. É preciso observar que esta classificação é considerada entre os lingüistas russos e entre muitos eslavistas fora da Rússia como "clássica", como a "fonte inspiradora" para várias outras apresentadas neste trabalho. Ao mesmo tempo, existem na lingüística russa outras classificações e teorias - como a de Desherieva, também analisada neste capítulo - que são consideradas de certo modo como marginais, não por sua essência, mas pelo fato de seus autores não pertencerem à influente escola aspectológica de Maslov/Bondarko.
2. O termo 'evento' de Timberlake corresponde aos termos 'situação' ou 'eventualidade' usados pelos lingüistas que trabalham com os conceitos de classes aspectuais e não deve ser confundido com o termo 'evento' usado por esses lingüistas para indicar as classes não-homogêneas (accomplishments e achievements).
3. Para a distinção entre as duas interpretações do termo Aktionsart, remetemos o leitor à extensa nota de Comrie 1976, p. 8.
4. Cf. Godoy (1992) para a discussão da situação atual da lingüística russa.

CAPÍTULO 3.

OS TRABALHOS SOBRE O ASPECTO EM PORTUGUÊS

Os trabalhos sobre o aspecto em português são poucos. Analisemos aqui os mais importantes e influentes.

3.1 CASTILHO (1967)

O trabalho de Castilho (1967) pode ser considerado pioneiro. O autor apresenta os meios dos quais a língua portuguesa dispõe para a expressão desta categoria. Os recursos analisados são os lexicais (o semantema do verbo) e os morfossintáticos (a flexão temporal, os sufixos, os adjuntos adverbiais, as perífrases, o complemento do verbo e os tipos oracionais).

Castilho define o aspecto como

a categoria que se reporta aos graus de realização da ação (Castilho; 1967: 41),

ou seja, o aspecto tem a ver com a duração da ação, isto é, com o desenvolvimento do processo expresso pelo verbo.

Para Castilho, a ação que tende a um fim é expressa pelos verbos télicos (morrer, cair, engolir, etc.), e o processo - a ação que não tende a um fim - é expresso pelos verbos atélicos (viver, escrever, mastigar, etc.). Partindo dessas noções, Castilho determina quatro valores aspectuais básicos: a duração, o completamento, a repetição e a neutralidade. Estes valores

levam o autor a estabelecer quatro aspectos em português: o imperfectivo, o perfectivo, o iterativo e o indeterminado. Os aspectos imperfectivo e perfectivo têm três subtipos cada um.

Os verbos télicos atualizam o aspecto perfectivo; os atélicos, o aspecto imperfectivo. Existe, entretanto, a possibilidade da mudança de classe através dos meios morfossintáticos: a flexão, os adjuntos adverbiais e os complementos.

O aspecto iterativo pode ser tanto perfectivo como imperfectivo, dependendo do tipo de ação - durativo ou pontual - que compõe a série de repetições.

Castilho caracteriza o aspecto indeterminado como nem perfectivo, nem imperfectivo. Os exemplos de aspecto indeterminado são frases omnitemporais que expressam as chamadas verdades gerais (gnômicas) e que se encontram também nos provérbios e aforismos.

O trabalho de Castilho, extenso e rico em exemplos, serviu de ponto de partida para o estudo do aspecto de Travaglia.

3.2 TRAVAGLIA (1985)

No seu trabalho *O aspecto verbal no português*, Travaglia faz um estudo detalhado sobre a categoria. Baseado nos inúmeros exemplos e apoiado em suas admiráveis intuições, Travaglia apresenta o elenco das noções aspectuais, estabelece um quadro de

aspectos e descreve as possibilidades da expressão do aspecto em português.

Travaglia define o aspecto como

uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (Travaglia; 1985: 53).

Seguindo Castilho, Travaglia parte de um elenco (pré) estabelecido das noções aspectuais para apresentar uma taxionomia de aspectos em português.

Travaglia apresenta uma ampla gama dos meios de expressão do aspecto (as flexões, o semantema verbal, os adjuntos adverbiais, o tipo oracional, as perífrases, os complementos do verbo, as preposições, a repetição do verbo, a ênfase entonacional). A conjugação dos meios de expressão do aspecto com as noções aspectuais leva o autor a apresentar uma lista de aspectos. O autor defende a listagem dos "aspectos", dizendo que esta

"permite uma análise aspectual melhor, por ser mais simples e completa a análise com um menor número de elementos" (p.86).

Acontece, porém, que este "menor número de elementos" é 15!

Tanto Castilho como Travaglia entendem que o aspecto em português se centra no verbo e é "completado" e "influenciado" por outros elementos. Castilho considera a flexão verbal como indeterminada, podendo - em alguns casos - a noção aspectual concentrar-se na flexão. Para Travaglia, a flexão parece desempenhar um papel mais ativo na determinação do aspecto.

As noções aspectuais básicas consideradas por Travaglia são a duração/não-duração e as fases do desenvolvimento da ação. Estas noções, na verdade, não são outra coisa que os *parâmetros quantitativos*, i.e., traços semânticos aspectuais propostos na literatura estruturalista sobre o aspecto, que não são outra coisa que uma "reedição" dos Aktionsarten de Agrell (cf. cap. 2). Tal como Castilho, Travaglia também considera - não muito consequentemente, porém, - outros parâmetros, que Timberlake (1981) chamaria de *topológicos*: se trata de avaliação dos verbos como télicos e atélicos. Os parâmetros quantitativos são entendidos por Travaglia estaticamente. Portanto, ele trabalha com conjuntos de propriedades estabelecidas de antemão, avaliando a combinatória destes parâmetros e chegando aos conjuntos de "aspectos".

Convém notar também que a quantidade de alternativas de aspectos consideradas pelos autores, a escolha de seu elenco com base em um elenco de parâmetros avaliados apenas intuitivamente os leva a interpretar a aspectualidade das mesmas sentenças de

maneiras diferentes. Citando o exemplo de Castilho

- (3.1) Desatou a chorar convulsivamente (Imperfectivo, Inceptivo propriamente dito) - p.65 (interpretação devida à duração "pressentida (sic!) pelo falante",

Travaglia se opõe a esta interpretação, alertando para "não confundir situações referenciais e situações narradas, pois se isto ocorre, faremos análises falsas ou ficaremos diante de problemas de análise insolúveis" (p.88) e afirma que, neste exemplo, não pode haver aspecto Imperfectivo "porque aí não há duração, mas pontualidade" (p.88) e, portanto, no caso, "teríamos, na verdade, aspecto Perfectivo" (p.89).

Esta confusão (e tantas outras) se deve ao fato de que a análise não tem nenhum fundamento teórico sólido e se guia principalmente pela intuição.

Como Travaglia considera o aspecto uma categoria tão somente verbal e não leva em conta regular e coerentemente a semântica lexical do verbo (nem que seja do tipo "télico/atélico" mencionado por ele), ele chega à conclusão de que certas perífrases, como, por exemplo, ACABAR + GERÚNDIO, simplesmente "não marcam aspecto" (p.257).

Reflitamos sobre os "aspectos" descritos por Travaglia, comparando-os sempre que possível com a análise do aspecto feita por Mira Mateus (1983).

3.3 MIRA MATEUS ET AL. (1983)

Mira Mateus dedica um subcapítulo de seu livro *Gramática da língua portuguesa* à "Categoria lingüística de aspecto". A definição apresentada (baseada principalmente em Dowty, 1979) é clara:

...chamaremos aspecto à categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural, (i) por seleção de um predicador pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo do tempo em que o estado de coisas descrito está localizado, e/ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou a intervalos adjacentes. (p.125)

De acordo com esta definição, Mira Mateus se baseia, inspirada principalmente no trabalho de Dowty (1977), nas noções de classes aspectuais e de intervalos temporais, os conceitos desenvolvidos pela semântica contemporânea. Também de Dowty é a distinção feita por Mira Mateus entre a classe aspectual e a forma aspectual, entendendo-se que apenas a conjugação de ambas pode levar à apreciação da categoria de aspecto em ocorrências lingüísticas concretas.

Mira Mateus distingue duas possibilidades aspectuais básicas: pontual e durativo (e, com isto, retoma a posição estruturalista de fundamentar a análise aspectual em um elenco de

Aktionsarten/parâmetros/traços semânticos. A autora chama estas duas possibilidades de valores aspectuais. Tentando conjugá-las com as classes aspectuais e os intervalos temporais, Mira Mateus estabelece um conjunto de outras distinções (tipos, subclasses) que fazem parte destas duas grandes classes, que também são chamadas de valores aspectuais. Assim, Mira Mateus elabora uma hierarquia dos Aktionsarten.

Os meios ("processos") utilizados para a expressão do aspecto em português considerados pela autora são de dois tipos: os lexicais (classe aspectual e morfologia derivacional) e os gramaticais (morfologia flexional, verbos aspectuais e advérbios).

3.4 O(s) aspecto(s) em português segundo Mira Mateus e Travaglia

Passemos em revista os valores aspectuais apresentados por Mira Mateus, comparando-os sempre que possível com os "aspectos" de Travaglia.

Ao analisar os valores aspectuais do valor aspectual pontual, Mira Mateus afirma que estes descrevem eventos (ocorrem num momento ou num I_t de "curta duração" - p.134).

O incoativo seria a passagem de um dado estado para um outro (aqui Mira Mateus utiliza a fórmula de Von Wright (1963, 1968), seguindo obviamente Dowty, 1977):

(3.2)

~p T p

Note-se que na fórmula de Von Wright não entram intervalos nem de longa nem de "curta duração", ou seja, a fórmula é bem mais abrangente e, como veremos adiante, serve, na verdade, para todos os valores aspectuais pontuais de Mira Mateus. Lembre-se também que, para Dowty, o conceito de mudança expresso por esta fórmula é usado na definição das classes aspectuais (não aspectos) que encerram tal mudança, i.e., as atividades, os accomplishments e os achievements. Em outras palavras, apesar de se propor a considerar as classes aspectuais na sua análise (cf. a definição dada por Mira Mateus - p.125, item (i)), na realidade, Mira Mateus não o faz, tentando, em contrapartida, se utilizar dos conceitos estruturalistas de traços semânticos e conjugá-los com os conceitos da lógica temporal. A definição do incoativo apresentada por Mira Mateus não vale nem mesmo para os verbos "incoativos" citados por ela (*amanhecer, morrer, nascer, etc.*) quando estão, por exemplo, no imperfectivo ou nas formas progressivas:

- (3.3) *O vizinho da Juliana, que é alérgico, está morrendo aos poucos.*

No pretérito perfeito, não há problemas:

- (3.4) *O vizinho da Juliana morreu após dois anos de sofrimento.*

Ou seja, Mira Mateus se contradiz de novo. Tendo observado a importância dos "processos gramaticais" na expressão do aspecto em português, a autora, aqui - e em toda sua discussão sobre o aspecto - esquece estes processos e se concentra unicamente nos "processos lexicais", apresentando, ademais, como exemplos, os verbos apenas no infinitivo.

O *incoativo* é próprio dos verbos de achievement, como mostram os exemplos de Mira Mateus, tanto que a observação feita pela autora a respeito destes verbos frisa que devem ser "não causativos de um lugar com o argumento O" (p.134), (onde "o argumento O é o objeto direto).

Travaglia simplesmente não inclui este "aspecto" no seu quadro.

O *causativo* ou *resultativo* tem lugar quando existe uma entidade x que promove a passagem da entidade y de um estado (~p) para um outro estado (p):

(3.5) x CAUSAR y (~p t p)

Este valor aspectual teriam os verbos de accomplishment vendlerianos. Cf.:

"P_{ev} causativos de um lugar com um argumento A ou Or e um argumento O". (p.134).

Nossa observação acima feita a respeito do valor *incoativo*

permanece válida, ou seja, a "pontualidade" do enunciado envolve o "processo gramatical" que é a morfologia flexional. Com esta definição dada por Mira Mateus, se restaura o 'paradoxo do imperfectivo' (cf. o capítulo 1), embora a autora pareça não ter consciência desse fato. Lembremos os exemplos de Dowty (1977) na discussão sobre o 'paradoxo do imperfectivo':

(3.6) *João desenhou um círculo.*

vs.

(3.7) *João está desenhando um círculo.*

No momento em que é proferida a sentença (3.7), não se sabe se ocorrerá ou não a "passagem" de um estado para o outro, inerente à (3.6).

Para Travaglia, este valor aspectual, ou "aspecto", tampouco existe.

Tanto Mira Mateus como Travaglia concordam sobre a existência do inceptivo que, para Travaglia,

se caracteriza por apresentar a situação em seu ponto de início ou seus primeiros momentos (p.112).

A fórmula de Mira Mateus correspondente a este valor aspectual é:

(3.8) $\sim p \text{ [p]}$

que significa

um estado de coisas (p) localizado num dado I_t e diferente do que ocorrera no I_t' anterior adjacente a $I_t(\sim p)$ é apresentado como começando a ocorrer em I_t (p.134).

Assim, a diferença entre o incoativo e o inceptivo está justamente neste "começando a ocorrer". Como se vê, a fórmula apresentada por Mira Mateus não corresponde à interpretação dada. A fórmula mais exata seria algo como:

$$(3.8') \quad \exists I_t' (p) \wedge \exists I_t (p),$$

onde $I_t \subseteq m_1, m_2, \dots, m_n$ e p é V apenas em $m_1, m_2, \dots$)

Ora, se é assim, este valor aspectual não tem como ser apenas "pontual" (como, de fato, não é). Mira Mateus cita como portadores típicos deste valor aspectual os verbos *começar*, *iniciar*, *partir*. Neste caso, fica válido o exemplo de Travaglia que dificilmente poderia ser aceito como "pontual":

(3.9)

(161) *Estou escrevendo há dias e começo a sentir-me fatigado.*

Aqui é curioso observar que os verbos do tipo *começar*, *principiar*... que são achievements entram sem problemas em

onde $I_t' \subseteq m_1, \dots, m_{n-2}, m_{n-1}, m_n$ e p é V em $\dots m_{n-2}, m_{n-1}, m$.

Todas as nossas observações sobre a "pontualidade" - ou não - permanecem válidas também para este valor. Como exemplo do valor conclusivo, Mira Mateus menciona os verbos *acabar*, *chegar*, *concluir*, *terminar*. É curioso notar que Mira Mateus em princípio se propõe a trabalhar com o enunciado. Cf.:

O valor aspectual PONTUAL caracteriza enunciados que descrevem eventos (p.134, *itálico* nosso - EG).

Entretanto, mais uma vez, contrariando a própria afirmação de que nos meios ("processos") de expressão do aspecto entram os processos lexicais e os gramaticais (cf. acima), a autora considera na sua análise unicamente os lexicais. Observe que os verbos mencionados por Mira Mateus são todos verbos de *achievement*, no sentido vendleriano, e todos se referem ao término de uma situação.

Como no caso do *inceptivo*, o *terminativo* de Travaglia, que equivale ao *conclusivo* de Mira Mateus, não precisa ser pontual, basta ele "apresentar a situação nos seus últimos momentos ou em seu momento de término" (p.113). Note-se que só neste último caso o valor será *pontual*, mas se a situação for avaliada "nos seus últimos momentos", o valor pode também ser *durativo* (nos termos de Mira Mateus). Cf. os exemplos de Travaglia:

(3.14)

(51) *Espere um momento que estou acabando de arrematar
seu vestido.*

(3.15)

(109) *Rita terminou de limpar a casa às 11 horas.*

O último valor aspectual pontual considerado por Mira Mateus é o cessativo, cuja fórmula é:

(3.16) $p \ T \ \sim p,$

ou seja, este valor é o simétrico ao incoativo (e, portanto, passível das mesmas críticas). Como exemplo, Mira Mateus cita a perífrase

deixar de V_{INF} ,

tendo o infinitivo que faz parte da perífrase o valor frequentativo ou habitual, e as sentenças que contêm

já não p.

Para Travaglia, a perífrase *deixar de V_{INF}* tem o valor ("o aspecto") terminativo.

O que todos estes valores aspectuais compartilham é o elemento mudança de estado, transição expresso pela fórmula

$p \quad T \quad \sim p$ (ou a simétrica a esta), extendida, no caso do *causativo*, pela inclusão do agente causador, o objeto (os argumentos) e o operador CAUSAR, e, no caso do *inceptivo* e *conclusivo*, pela consideração, dentro do intervalo, de apenas um subintervalo específico.

A característica geral do valor aspectual *durativo*, segundo Mira Mateus, é descrever estados ou processos. Se é assim, de novo, é levada em conta apenas a classe aspectual. Em outras palavras, são considerados unicamente os "processos lexicais de expressão do aspecto".

Reflitamos sobre os valores aspectuais que pertencem ao *durativo*.

O valor *cursivo* tem lugar quando "um estado de coisas (p), localizado num dado T_t , é apresentado como estando em curso (itálico nosso) em I_t " (p.135). De acordo com Mira Mateus, *cursivo* é próprio da maioria dos predicadores *estado* e *processo* (atividade de Vendler) e da construção *ESTAR A V_{INF}* (correspondente no português brasileiro a *ESTAR + V_{GER}*). A fórmula apresentada por Mira Mateus para este valor é:

$$(3.16) \quad \langle \text{---} \quad \text{---} \rangle$$

$$[\text{.... } p \text{}]$$

A situação "formalizada" desta maneira ocorre em I_t (e o

que significam as flechas, principalmente a da esquerda, é um enigma para nós).

Travaglia, que também inclui no seu quadro o "aspecto" cursivo, explicita melhor a noção de "estar em curso", dizendo que o cursivo apresenta

a situação em pleno desenvolvimento, ou seja, concebida como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos (p.112).

Se fôr assim, deveríamos modificar a fórmula de Mira Mateus mais ou menos da seguinte maneira:

$$(3.16') \quad m_1, m_2, \dots [p] \dots m_{n-1}, m_n$$

$\underbrace{\hspace{10em}}_{I_t'}$
 $\underbrace{\hspace{15em}}_{I_t}$

onde $I_t \subseteq I_t'$ e $I_t \neq m_1, m_2, \dots, m_{n-1}, m_n$.

O valor aspectual *permansivo* é encontrado quando um estado de coisas (p) localizado num dado I_t , ocorreria também no I_t' , anterior adjacente a I_t (p.135).

Mira Mateus novamente utiliza aqui a fórmula de Von Wright (sem a mudança de estado):

$$(3.17) \quad [p \ T \ p],$$

ou seja,

$$(3.17') \quad \begin{array}{ccc} p & T & p \\ \underbrace{} & & \underbrace{} \\ I_t' & & I_t \\ \underbrace{} & & \\ I_T & & \end{array}$$

onde $I_T \subseteq I_t' \wedge I_t$;

$I_t' < I_t$.

Mira Mateus observa que os verbos de estado, como *conservar*, *manter*, *permanecer* e a perífrase *continuar a V_{INF}* (em português brasileiro também a perífrase *continuar V_{GER}*), "exprimem o valor permansivo" (p.135). Em outras palavras, a autora aponta como verbos típicos de cada valor o que seriam masi propriamente verbos auxiliares de aspecto que explicitam esses valores.

Travaglia não tem, no seu quadro, o "aspecto" permansivo. A perífrase *continuar V_{GER}* marca

os aspectos começado ou não- acabado e durativo para a situação expressa pelo verbo principal... com qualquer flexão verbal. Como aspecto durativo + evento = iteratividade, quando temos estas condições, em vez do durativo temos o iterativo (p.247).

Mira Mateus não leva em consideração a classe aspectual - o "processo lexical" - do gerúndio. Cf. os exemplos de Travaglia:

(3.18)

(1067) Continuamos estudando comunicação. (Imperfectivo, cursivo, não-acabado, durativo). - Observe que o verbo *estudar* é o verbo de atividade de Vendler.

(3.19)

(1068) Apesar dos avisos, Ricardo continuava chegando atrasado. (Imperfectivo, não-acabado, iterativo).

Neste exemplo, sendo o verbo *chegar* um verbo de achievement, em termos vendlerianos, um dos valores aspectuais que a perífrase apresenta é o iterativo em vez do durativo. É claro que, para Travaglia, o durativo é um dos "aspectos" que se encontra em "pé de igualdade" com os outros, enquanto, para Mira Mateus, o pontual e o durativo são dois valores aspectuais hierarquicamente superiores que incluem uma série de outros valores aspectuais.

Travaglia define o durativo "como tendo duração contínua limitada" (p.99).

O valor aspectual iterativo de Mira Mateus tem lugar quando um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , ocorre n vezes nesse I_t (p.135).

A fórmula correspondente é:

(3.20) [p... p... p...],

que, numa apresentação mais fiel a Von Wright (1963, 1968), que parece tê-la inspirado, seria provavelmente escrita como segue:

(3.20')
$$\underbrace{[...p_l \quad T \sim p_l \quad T \quad p_m \quad T \sim p_m \quad T \quad p_n \dots]}_{I_t}$$

Para Mira Mateus - e sua opinião é compartilhada por linguistas brasileiros (Castilho; 1967, Travaglia; 1985, por exemplo) - a maior parte dos verbos com o sufixo *-itar* exprime o valor aspectual iterativo (*dormitar*, *saltitar*), como também a construção *andar a V_{INF}* (em português brasileiro, a construção equivalente é *andar + V_{GER}*). Travaglia também afirma que esta construção marca o iterativo "com todas as flexões em que é possível" (p.231). Vejamos alguns exemplos de Travaglia:

(3.21)

(918) *Celina anda perguntando por você.*

(3.22)

(926) *Reginaldo andara testando um aparelho, sem permitir que alguém assistisse à experiência.*

É curioso que, no caso deste valor aspectual, Mira Mateus,

sempre tão atenta aos "processos lexicais", aqui não leva em consideração a classe aspectual. Mas Travaglia faz observações interessantes a respeito dos valores aspectuais que podem ser diferentes do iterativo, dependendo da natureza lexical do verbo (Travaglia, como já mencionamos, não utiliza na sua análise a classificação de Vendler). Segundo este autor, o valor iterativo não terá lugar - e em vez deste valor apareceria o valor cursivo ou o durativo - quando na construção *andar* + V_{GER} entram os verbos indicadores de processos, principalmente... processos télicos que tenham objeto singular (p.232),

como em

(3.23)

(932) *Márcio anda emoldurando o quadro para você.*

Neste caso teríamos o verbo de accomplishment de Vendler que, entrando na construção *andar* + $V_{GER}^{(Acc)}$, parece que não resulta no valor aspectual iterativo:

(3.24) *Geraldo anda escrevendo um romance sobre a vida de hamsters.*

Não sendo o objeto direto do verbo de accomplishment singular, o quadro muda:

(3.25) *Geraldo anda escrevendo romances sobre a vida de hamsters.*

Nas palavras de Travaglia, "se o verbo transformativo tiver sujeito agente e objeto plural teremos o iterativo" (p.232)

A definição do valor aspectual *frequentativo* dada por Mira Mateus é por demais impressionística:

um estado de coisas (p), localizado num dado I_t , ocorre em I_t , em intervalos anteriores adjacentes a I_t e, presumivelmente, em intervalos posteriores adjacentes a I_t , sendo apresentado como um comportamento ou característica habitual de um dos participantes no estado de coisas descrito, nos Intervalos em questão (p.135).

Há duas coisas estranhas nesta definição. Quando Mira Mateus inclui a continuação *presumível* do estado de coisas dado, pisamos no solo de um mundo possível, e a apresentação lingüística das possibilidades não é um conceito aspectual e sim modal. Ao dizer que este estado de coisas seja uma "característica habitual" ou, então, que a propriedade expressa por p é característica do individual x em I_t " (p.133), Mira Mateus também deixa de tratar do aspecto. O que resta da definição é idêntico ao *permansivo*.

Travaglia, ao tratar do "aspecto" *habitual*, o caracteriza como "tendo duração descontínua ilimitada" (p.104), ou seja, existem "interrupções na sua duração, o que cria a idéia de repetição (iteração)" (p.58). Com base nesta característica, o

próprio Travaglia aponta para a possibilidade de serem o iterativo e o habitual um único aspecto com a diferença de a duração ser limitada (para a iteração) ou ilimitada (para o habitual). Travaglia observa também que no iterativo a repetição da situação deve ser marcada gramaticalmente. Isso acontece na maioria das vezes graças à presença dos adjuntos adverbiais do tipo *muitas vezes, todos os dias, sempre, aos domingos, etc.* Mas são os mesmos adverbiais que marcam, nos seus exemplos, o habitual. Assim, para determinar o aspecto, é necessário descobrir se a duração é limitada ou ilimitada. Como se faz isso, Travaglia não nos diz.

Desta maneira, os "aspectos" *cursivo* e *não-acabado* de Travaglia não se distinguem do imperfectivo, porque o *cursivo* "caracteriza-se por apresentar a situação como já tendo passado os seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos" (Travaglia; 1985: 90) e o *não-acabado* "caracteriza-se por apresentar a situação após o seu momento de início e antes de seu momento de término (idem, p.92).

O "aspecto" *indeterminado* de Travaglia é paralelo ao gnômico de Mira Mateus que tem lugar quando "um estado de coisas (p) localizado num dado I_t , ocorre em todos os subintervalos de I_t " (Mira Mateus; 1983: 136).

Esta definição serviria, na verdade, também para os outros valores aspectuais do *durativo*.

Para avaliar os valores aspectuais *acabado* e *inacabado*, Mira Mateus utiliza critérios diferentes dos usados na avaliação dos demais valores: o que é importante agora são

- o ponto de referência a fronteira final de I_t , para o *acabado* e de referência interno a I_t , para o *inacabado*.

Em outras palavras, como Mira Mateus usa critérios diferentes para dar conta dos valores aspectuais estabelecidos, sua análise aspectual será obrigatoriamente a análise combinatória desses valores semelhante à análise proposta por Travaglia. Como nos parece suficiente a discussão dos princípios teóricos e metodológicos que fundamentam os estudos de Travaglia e de Mira Mateus, não apresentamos aqui os quadros aspectuais dos dois autores. Estes quadros são encontrados em Travaglia (1985: 77) e em Mira Mateus et al. (1983: 133-4).

3.5 Outros

Há alguns trabalhos que procuram relacionar o aspecto em português com os três momentos postulados por Reichenbach (1947) para a interpretação temporal dos verbos (Ilari, 1981; Corôa, 1985; Lopes, 1987; Ruiz, 1992). Ruiz (1992), no seu estudo da expressão do aspecto pelas formas verbais, utiliza o sistema de momentos (pontos temporais) de Reichenbach e a classificação dos morfemas aspectuais do português de Back e Mattos (1972). Ruiz conclui que a flexão verbal no português indica apenas o aspecto (e não o tempo) e que "o

pretérito imperfeito do indicativo é uma forma ambígua: ora significa ação acabada (aspecto PERFEITO), ora inacabada (aspecto IMPERFEITO), conforme o contexto" (p.81).

Entretanto, em todos esses trabalhos mencionados acima, quando a análise é feita, considerando-se os momentos temporais, se esquece de levar em conta (pelo menos de levar em conta conseqüentemente) a relação entre estes momentos e as classes aspectuais (em seu trabalho, Ruiz faz uma observação neste sentido). Além disso, como veremos adiante, para dar conta do aspecto - tanto em português, como em outras línguas, - é necessário fazer certas alterações no sistema reichenbachiano e na classificação de Vendler.

3.6 Resumo do capítulo 3

Como se vê, surpreendentemente, os trabalhos mais completos e influentes que tratam do aspecto na língua portuguesa (Castilho; 1967, Mateus; 1983 e Travaglia; 1985) são elaborados dentro da tradição "oriental", eslava. Sendo assim, nossas observações feitas a respeito da aspectologia russa permanecem válidas no caso dos trabalhos analisados neste capítulo.

O que aproxima os trabalhos sobre o português ao modelo "oriental" é a não-assimilação da tradição aristotélica desenvolvida pelos anglo-saxônicos e de uma lógica de base sem a qual não se chega à "decomposição lexical" (do tipo do modelo de

Dowty) e se torna impossível dar conta da relação entre o aspecto e o tempo. Uma orientação indutivista leva a uma espécie de tipologia de exemplos e nunca à idéia de cálculo aspectual.

Se se nos permitir um "comentário metafórico", poderíamos dizer que o leitor das obras analisadas nos capítulos 2 e 3 se sente

- inceptivamente curioso;
- iterativamente irritado;
- indefinidamente intrigado;
- durativamente decepcionado e
- resultativamente insatisfeito.

Evidentemente esta lista (tal como as apresentadas nos capítulos 2 e 3) poderia ser ampliada de acordo com as necessidades e/ou intuições do leitor.

CAPÍTULO 4

REVISÃO DA CLASSIFICAÇÃO DE VENDLER

Como vimos no capítulo 1, a classificação dos verbos (ou, melhor, dos SVs) em quatro categorias, de acordo com as restrições de coocorrência com os advérbios de tempo e os tempos verbais e de acarretamentos lógicos, foi concebida por Vendler (1967) para o inglês. Passemos em revista os testes vendlerianos, aplicando-os também ao português e a algumas outras línguas.

4.1 CrITÉRIOS e testes

4.1.1 Estados vs. atividades

A primeira distinção proposta por Vendler é traçada entre os estados, por um lado, e as atividades (ou, talvez, as atividades e os accomplishments), por outro lado. Segundo Vendler, a classe dos estados abrange:

- todas as qualidades, que incluem "the so-called immanent operations of traditional philosophy" (Vendler; 1967: 108): *desire* 'desejar', *know* 'saber', *love* 'amar', como também *be married* 'ser casado', *be ill* 'ser/estar doente', *be yellow* 'ser amarelo', etc;
- os hábitos ("in a broader sense including occupations, dispositions, abilities, and so forth" - *idem*), como em

Are you smoking? and *Do you smoke?* The first one asks about an activity, the second, a state (*idem*).

Para Vendler, então, destas observações decorre o primeiro critério para definir os estados:

1. Os SVs de estado não ocorrem no progressivo:

(4.1)

a. Ingl. **John is knowing the answer.*

b. Port. *João está sabendo a resposta.*

c. Fr. **Jean est en train de savoir la réponse.* (Na verdade, a construção *être en train de + V* tem uma forte semântica modal, não podendo, portanto, ser considerada como totalmente paralela à construção progressiva do inglês ou português).

d. Esp. **Juan está sabiendo la respuesta.*

As línguas germânicas, as eslavas e tantas outras não têm construções do tipo do progressivo, o que torna impossível a aplicação deste teste.

Mas mesmo em inglês existe uma boa possibilidade de ocorrência dos verbos estativos no progressivo:

(4.2) *Nowadays, the kids are wanting us to bring them toys.*

Como se vê, dificilmente poderia se afirmar que o exemplo acima é de atividade.

Segundo Gibson (1992) no crioulo da Guyana, as formas progressivas são perfeitamente possíveis com os verbos estativos.

Cf.:

- (4.3) *rait nau a living in sout*
 bem agora eu (estou) vivendo em Sul
 Agora eu moro/estou morando no Sul

(exemplo de Gibson; 1992: 55).

Comrie (1976: 36) também cita o exemplo do verbo de estado no progressivo:

- (4.4) *I'm understanding more about quantum mechanics as*
 each day goes by.
 A cada dia que passa, estou entendendo mais sobre a
 mecânica quântica.

Mourelatos (1981) chama este comportamento dos verbos estativos de 'multivalência semântica' que consiste no fato destes SVs funcionarem ora como verdadeiros estados, ora como atividades ou até como performances) e observa que esta multivalência "is, in fact, the rule rather than the exception" (nota 14, p. 196).

Todos estes fatos tornam o teste um tanto duvidoso.

2. Os estados não podem ocorrer em construções do tipo *forçar a + V_{Est}*, *persuadir a + V_{Est}*, *incitar a + V_{Esr}*:

(4.5)

- a. Ingl. **John forced Mary to know the answer.*
 b. Port. **João forçou Maria a saber a resposta.*

- c. Fr. **Jean a forcé Marie à savoir la réponse.*
- d. Esp. **Juan forzó a Maria a saber la respuesta.*
- e. Rus. **Ivan zastavil Mariju znat' otvet.*
- f. Al. **Johann hat Marie gezwungen, die Antwort zu wissen.*

Mais do que qualquer outra coisa, este teste mostra que o sujeito da sentença com um verbo de estado não é agente.

3. Os SVs estativos não ocorrem no imperativo:

(4.6)

- a. Ingl. **Know the answer!*
- b. Port. **Saiba a resposta!*
- c. Fr. **Sachez la réponse!*
- d. Esp. **Sepa la respuesta!*
- e. Rus. **Znaj otvet!*
- f. Al. **Weiß die Antwort!*

Entretanto, em todas estas línguas encontraremos sentenças no imperativo com os verbos de estado:

(4.7)

- a. Ingl. *Be quiet!*
- b. Port. *Saiba se comportar!*
Seja inteligente!

- c. Fr. *Sachez que je sais ce que vous avez fait!*
 Soyez plus habile!
- d. Esp. *¡Sepa portarse!*
 ¡Sea inteligente!
- e. Rus. *Bud' umnym!*
- f. Al. *Sei intelligent!*

Como foi notado por vários lingüistas, a possibilidade de ocorrência de $ser_{Imper} + Adj$ depende da semântica do adjetivo (ou do complemento). Cf. a não-aceitabilidade de, por exemplo,

(4.8) *Seja alto, filho!*

É verdade que, a respeito dos exemplos acima, poderia se argumentar que eles não representam estados, mas atividades. Assim, teríamos que recorrer às noções de "transposição" das classes aspectuais ou de "multivalência" da classe de estados. Em todo caso, o teste se apresenta duvidoso também. Cf. também o contra-exemplo de Mourelatos (1981: 196):

(4.9) *Please understand (get the point) that I am only*
 trying to help you!
 Por favor, entenda que só estou tentando ajudá-lo!

4. Os estativos não coocorrem com os advérbios que descrevem

ações voluntárias:

(4.10)

- a. Ingl. **John deliberately knew the answer.*
- b. Port. **João sabia a resposta deliberadamente.*
- c. Fr. **Jean savait la réponse délibérément.*
- d. Esp. *Juan sabia la respuesta deliberadamente.*
- e. Rus. **Ivan narocno znal otvet.*
- f. Al. **Johann wußte absichtlich die Antwort.*

No caso deste teste, vale a observação que fizemos a respeito do item 2.

5. O SV de estado não pode ser substituído pela expressão *fazer o mesmo*:

(4.11)

- a. Ingl. **Mary knew the answer and Peter did it too.*
- b. Port. **Maria sabia a resposta e Pedro fazia o mesmo.*
- c. Fr. **Marie savait la réponse et Pierre faisait de même.*
- d. Esp. **Maria sabia la respuesta y Pedro hacía lo mismo.*
- e. Rus. **Marija znala otvet, i Pjotr delal to že samoje.*
- f. Al. **Marie wußte die Antwort, und Peter tat dasselbe.*

6. Os estados não coocorrem - em alguns casos - com a expressão *acabar de*:

(4.12)

- a. Port. **João acaba de ser professor,*

mas

- b. *João acaba de ser nomeado professor.*

(4.13)

- a. Fr. **Jean vient d'être professeur,*

mas

- b. *Jean vient d'être nommé professeur.*

Nas línguas em que não existe a paráfrase, a restrição se mantém para as construções que se referem ao fato bem recente:

(4.14)

- a. Al. **Johann ist gerade Lehrer gewesen*

Johann é agora mesmo professor sido

mas

- b. *Johann ist gerade Lehrer ernannt worden.*

Johann é agora mesmo professor nomeado sido

(4.15)

- a. Rus. **Ivan tolko čto byl professorom*

(lit.) **Ivan agora mesmo foi professor*

mas

- b. *Ivan tolko čto byl naznačen professorom.*

(lit.) *Ivan agora mesmo foi nomeado professor*

4.1.2 Atividades e accomplishments

As atividades denotam ações que - em princípio - podem

continuar indefinidamente, enquanto os accomplishments não:

...the concept of activities calls for periods of time that are not unique or definite. Accomplishments, on the other hand, imply the notion of unique and definite time periods. (Idem, pp. 106-7).

De acordo com Guenther, Hoepelman e Rohrer (1978), the difference in the distribution of temporal adverbials and the difference in entailments between activity verbs and accomplishment verbs is due to the fact that accomplishment verbs denote actions which have a natural end (p.14).

Entre outras coisas, esta concepção dos accomplishments leva aos problemas do tipo do 'paradoxo do imperfectivo', exigindo para seu tratamento a postulação de "mundos de inércia", por exemplo (cf. Dowty; 1979). Trataremos no capítulo 5 dos conceitos de telicidade/atelicidade e das noções relacionadas, como a de "natural end".

As atividades e os accomplishments se distinguem entre si com base nos seguintes critérios:

1. Os SVs-atividades não coocorrem com os advérbios do tipo *em uma hora*:

(4.16)

- a. Ingl. **John walked in an hour.*
- b. Port. **João andou em uma hora* (Esta sentença seria

possível no sentido de *aprendeu a andar*, mas, neste caso, não se trata de SV-atividade)

- c. Fr. **Jean a marché en une heure.*
- d. Esp. **Juan anduvo en una hora.*
- e. Rus. *Ivan xodil za čas.*
- f. Al. **Johann hat in einer Stunde gesungen.*

2. Os accomplishments ocorrem com os advérbios desse tipo. Mas aqui surgem problemas de coocorrência relacionados com o tempo verbal da sentença. Observe-se que, dependendo do tempo verbal, a leitura pode ser obrigatoriamente iterativa e a interpretação "normal" (semelfactiva, i.e., que remete a um único acontecimento) fica excluída. Cf.:

(4.17)

Ingl. *John painted a picture in an hour.*

(4.18)

- Port. a. *João pintou o quadro numa hora.*
- b. *João pintava o (melhor um) quadro numa hora* (a sentença é possível, mas com uma interpretação iterativa, ou seja, não se referindo a um único fato (acontecimento) mas a vários).
- c. *##João estava pintando o quadro numa hora (idem)*
- d. *##João esteve pintando o quadro numa hora.*
- e. *João pinta o (um) quadro numa hora (idem)*
- f. *João está pintando o (um) quadro numa hora (idem)*

(4.19)

- Fr. a. *Jean a peint un tableau en une heure.*
 b. *Jean peignit un tableau en une heure.*
 c. *Jean peignait un (le) tableau en une heure*
 (leitura iterativa)
 d. **Jean a été en train de peindre un tableau*
 en une heure.
 e. **Jean était en train de peindre un tableau*
 en une heure.
 f. **Jean est en train de peindre un tableau en une*
 heure.

(4.20)

- Rus. a. *Ivan rísoval kartínu za čas^V (leitura iterativa)*
 b. *Ivan narísoval kartínu za čas^V.*
 c. *Ivan risujet kartínu za čas^V (leitura iterativa)*

(4.21)

- Al. a. *Johann hat das Bild in einer Stunde gemalt.*
 b. *Johann malte das (ein) Bild in einer Stunde*
 (leitura iterativa).

3. Os accomplishments não coocorrem com os advérbios "durativos" (ou "exclusivos" - Declerck; 1979) do tipo *durante uma hora* (*for an hour*). Esta afirmação também pode ser válida para o inglês, mas encontrará contra-exemplos em outras línguas. Cf.:

(4.22)

Ingl. **John painted a picture for an hour.*

(4.23)

- Port. a. *João pintou o quadro durante uma hora.*
 b. *João pintava o quadro durante uma hora. (literat.)*
 c. *João está pintando o quadro durante uma hora.*
 d. *João estava pintando o quadro durante uma hora.*
 e. *João esteve pintando o quadro durante uma hora.*

(4.24)

- Fr. a. **Jean a peint un tableau pendant une heure.*
 b. **Jean peignit un tableau pendant une heure.*
 c. *Jean peignait un tableau pendant une heure.*
 d. **Jean est en train de peindre un tableau pendant une*
 heure.
 e. **Jean a été en train de peindre un tableau pendant*
 une heure.
 f. *Jean était en train de peindre un tableau pendant*
 une heure.

(4.25)

- Rus. a. *Ivan rísoval kartínu v tečeni^ve časa.*
 b. **Ivan narísoval kartínu v tečeni^ve časa.*

(4.26)

Al. **Johann hat das Bild für eine Stunde gemalt.*

4. Os acarretamentos das sentenças com SVs atividades e accomplishments são diferentes. Ao incluir as relações de acarretamento, Vendler retoma a discussão de Aristóteles (Livro IX, Metafísica) sobre os verbos de movimento incompleto (*energeia*) e os de movimento completado (*kinesis*). Diz Vendler:

If it is true that someone is running or pushing a cart now, then even if he stops in the next moment it will be still true that he did run or did push a cart. On the other hand, even if it is true that someone is drawing a circle or is running a mile now, if he stops in the next moment it may not be true that he did draw a circle or did run a mile. In other words, if someone stops running a mile, he did not run a mile; if one stops drawing a circle, he did not draw a circle. But the man who stops running did run and he who stops pushing a cart did push it (Vendler, 1967; 100).

Dowty (1959; 57) nota que, substituindo o verbo *stop* por um tempo apropriado, pode se dizer que Vendler apresentou dois critérios ao mesmo tempo:

- (a) If V is an activity verb, then *x V-ed for y time* entails that at any time *x V-ed* was true. If V is an accomplishment verb, then *x V-ed for y time* does not entail that *x V-ed* was true during any time within y at all.

- (b) If *V* is an activity verb, then *x* is (now) *V-ing* entails that *x* has *V-ed*. If *V* is an accomplishment verb, then *x* is (now) *V-ing* entails that *x* has not (yet) *V-ed*.

O critério (a) mostra que, no caso das atividades, podemos estar certos de encontrar o mesmo tipo de ação em qualquer parte do intervalo. É o critério de *homogeneidade*. O critério (b) foi proposto por Kenny (1963) para separar as atividades e as performances e desempenhou um papel importante na discussão sobre o assim chamado 'paradoxo do imperfectivo' formulado por Dowty (1977). E é com base neste teste de Kenny que Dowty (1979) conclui que

the meaning of an accomplishment verb phrase invariably involves the coming about of a particular state of affairs (p.133).

É curioso que até alguns linguistas que 1) reconhecem que o critério de homogeneidade determina a distinção entre os eventos, por um lado, e os estados/atividades, por outro lado, e que a esta distinção corresponde, entre outras coisas, esta distinção corresponde, entre outras coisas, à distribuição dos advérbios temporais em *(tempo)* *x* /*durante (tempo)* *x*, 2) se consideram fieis à classificação vendleriana e 3) se dispõem a transportar as conclusões de Verkuyl (1972) diretamente para outras línguas, dão exemplos de classes aspectuais como:

(4.27)

- a. *Elle court* - Atividade
- b. *Elle court dix minutes.* - Accomplishment
- c. *Elle court dix minutes tous les matins.* - Atividade
- d. *Pendant trois mois, elle court dix minutes tous les matins.* - Accomplishment (Cf. Vikner; 1985: 99)

Os testes de acarretamentos propostos por Vendler com o verbo *stop* são:

(4.28)

Atividade

- a. Ingl. *John stopped walking -> John walked.*
- b. Port. *João parou de andar -> João andou.*
- c. Fr. *Jean a cessé de marcher -> Jean a marché.*
- d. Rus. *Ivan perestal xodit' -> Ivan xodil.*

(4.29)

Accomplishment

- a. Ingl. *John stopped painting the picture*
 ~ -> *John did paint the picture*
- b. Port. *João parou de pintar o quadro*
 ~ -> *João pintou o quadro*
 -> *João estava pintando o quadro*
 -> *João esteve pintando o quadro*
 -> *João pintava o quadro*

- c. Fr. *Jean a cessé de peindre le tableau*
 ~ -> *Jean a peint le tableau*
 ~ -> *Jean peignit le tableau*
 - *Jean peignait le tableau*
 ~ -> *Jean a été en train de peindre le tableau*
 ~ -> *Jean était en train de peindre le tableau*
- d. Rus. *Ivan perestal risovat' kartinu*
 ~ -> ~*Ivan narisoval kartinu*
 -> *Ivan risoval kartinu*
- e. Al. *Johann hat aufgehört, das Bild zu malen.*
 ~ -> *Johann hat das Bild gemalt*
 -> *Johann malte das Bild.*

4.1.3 Achievements

Os achievements têm muitas características comuns com os accomplishments: compartilham, por exemplo, os critérios relativos à coocorrência com os advérbios de tempo:

(4.30)

- Ingl. a. *John found the solution in an hour.*
 b. **John found the solution for an hour.*

(4.31)

- Port. a. *João achou a solução numa hora.*
 b. **João achou a solução durante uma hora.*

mas

- c. *?João achava a solução numa hora (talvez possível com uma leitura iterativa).*

- d. **João estava achando a solução numa hora.*
- e. **João esteve achando a solução numa hora.*
- f. **João achava a solução durante uma hora.*
- g. **João estava achando a solução durante uma hora.*
- h. **João esteve achando a solução durante uma hora*

(observe-se que um verbo de accomplishment seria possível nos três últimos exemplos, ou seja, coocorreria no imperfeito e no progressivo com o advérbio do tipo *durante uma hora*)

(4.32)

- Fr.
- a. *Jean a trouvé la solution en une heure.*
 - b. *Jean trouva la solution en une heure.*
 - c. *Jean trouvait la solution en une heure (iterativo).*
 - d. **Jean a été en train de trouver la solution en une
 heure.*
 - e. **Jean était en train de trouver la solution en une
 heure.*
 - f. **Jean a trouvé la solution pendant une heure.*
 - g. **Jean trouva la solution pendant une heure.*
 - h. *Jean trouvait la solution pendant une heure
 (iterativo).*
 - i. **Jean était en train de trouver la solution pendant
 une heure.*
 - j. **Jean a été en train de trouver la solution pendant
 une heure.*

(4.33)

- Rus. a. *Ivan našel^V rešenije za čas.*
 b. *Ivan naxodil^V rešenije za čas. (iterativo)*
 c. **Ivan našel^V rešenije v tečenije^V časa.*
 d. *Ivan naxodil^V rešenije v tečenije^V časa.*

(4.34)

- Al. a. *Johann hat die Lösung in einer Stunde gefunden.*
 b. **Johann hat die Lösung während einer Stunde gefunden.*
 c. *Johann fand die Lösung in einer Stunde (iterativo)*
 d. **Johann fand die Lösung während einer Stunde.*

Tal como os estativos, os achievements não co-ocorrem com os advérbios do tipo *voluntariamente*, *deliberadamente*, o que, como já observamos, mostra que o sujeito da sentença não é agente mas experienciador:

(4.35)

- a. Port. **João achou o anel voluntariamente.*
 b. Fr. **Jean a trouvé la bague volontiers.*
 c. Rus. **Ivan našel^V koltso naročno^V.*

Dowty (1979), tendo observado que os critérios de Vendler têm a ver com a agentividade e estendendo o sistema de Vendler, distingue as classes agentiva e não-agentiva. Com isto, Dowty adota uma perspectiva de análise aspectual "ampla", que inclui os fatores agentivos.

4.2 Uma proposta para a modificação da classificação vendleriana

Após essa revisão das classes aspectuais baseada nos testes propostos por Vendler, pode parecer difícil aceitar a própria existência destas classes. Alguns autores (Dowty (1979); Mira Mateus (1983); Guenthner, Hoepelman & Rohrer (1978)) propõem incluir o conceito de mudança/não-mudança da situação para definir as classes, o que leva exatamente a quatro possibilidades.

Apresentaremos a versão sugerida por Guenthner, Hoepelman & Rohrer (1978) a partir da proposta de Åqvist (1977), que postula no lugar do conceito de MUDANÇA-DE-ESTADO (CHANGE-OF-STATE) de Dowty (1979), que é seu operador BECOME, um conceito de processo de mudança com o significado de 'tornar-se (algo) gradualmente' ('gradual becoming', 'BecomingMoreandMore'). A notação foi ligeiramente modificada por nós.

Accomplishment: $\Delta\phi \rightarrow \phi$,

i.e., o desenvolvimento gradual (indicado por $\Delta\phi$, onde Δ é o operador de mudança) resulta em um estado (ϕ).

Estado: $\phi \rightarrow \phi$

ou seja, ϕ se mantém constantemente sobre um período de tempo.

Atividade: $\Delta\phi \rightarrow \Delta\phi$

i.e., uma mudança em andamento permanece como uma mudança em andamento através do período de tempo em questão.

Achievement: $\neg\phi \rightarrow \phi$,

o que seria uma mudança instantânea. Cf. Guenther, Hoepelman & Rohrer (1978):

achievement verbs denote instantaneous events (p.16);

achievements are verbs denoting the sudden coming about the state (p.22).

Entretanto, mesmo com a inclusão do conceito de "mudança gradual" muitos problemas permanecem (como, por exemplo, o tristemente famoso 'paradoxo do imperfectivo'). Acontece que, desde Aristóteles, as classes aspectuais são tratadas como classes verbais, embora, na realidade, os autores trabalhem com sintagmas verbais. Além do mais, a idéia que se mantém através dos séculos é a de tratar e classificar os verbos (SVs) como atemporais, o que se reflete também nas fórmulas acima. É curioso também que ao mesmo tempo as sentenças analisadas pelos autores (cf. cap.1) são apresentadas no Simple Past,

which in no way represent aspectual zero as would often appear to be assumed; cf. Dowty 1979: 134-135, 1986; Gabbay & Moravcsik 1980: 73-74; Carlson 1981: 41; Givon 1982: 127 ff.; Cooper 1986;... (Thelin 1990: 7).

Outros tempos são normalmente evitados e, quando incluídos na análise, trazem vários problemas.

Em vista de tudo que foi exposto, assumiremos que as

classes aspectuais só *podem* referir-se a situações, e uma situação é necessariamente localizada no tempo. Portanto, trabalhar com as classes aspectuais isoladas, listando-as no infinitivo (cf. Vendler, Dowty, Dahl, entre outros) ou apresentando-as num único tempo (passado - o que reflete uma certa intuição, como veremos adiante) torna-se um exercício encerrado numa espécie de círculo vicioso.

Assim, afirmar que um accomplishment representa um desenvolvimento gradual que resulta em um estado (cf. acima) só é possível quando $TE < TF$ (i.e., o tempo de evento é anterior ao tempo de fala - estamos retomando os conceitos de Reichenbach), ou seja, quando a situação é localizada no passado. Caso contrário, não há como deduzir a transição para ϕ (um estado). Além disso, esta transição deve ser *confirmada* no passado, porque não sendo assim, a situação pode continuar sendo $\Delta\phi$ (uma a situação pode continuar sendo $\Delta\phi$ (uma mudança gradual). E, neste caso, teremos uma atividade (cf. a fórmula acima). Cf.:

(4.36)

a. (1.23) *Agatha crossed the street* - Accomplishment

Agatha atravessou a rua

mas

b. *Agatha crosses the street* - Atividade

Agatha atravessa a rua

c. (1.24) *Agatha was crossing the street* - Atividade

Agatha estava atravessando/atravessava a rua

Parece que é esta intuição que leva aos filósofos e lingüistas anglo-americanos a utilizar exemplos no Simple Past. Ao mesmo tempo, por considerar os tempos (passado, presente, futuro) como operadores, o ponto de partida, para alguns desses lingüistas, como já observamos, são as sentenças *atemporais* (cf., por exemplo, Vlach, 1983). Estas sentenças privadas de tempo são consideradas como tendo uma semântica temporal mais "direta" possível, de maneira que resultem verdadeiras exatamente para os intervalos, durante os quais sobrevêm os eventos, se desenvolvem os processos e persistem os estados descritos. No entanto, Vlach reconhece que, classificando as sentenças *atemporais*, sobrarão algumas que não pertencerão a nenhuma das categorias (classes) aspectuais. Além disso, sendo, por exemplo, o *achievement* a classe aspectual que indica uma mudança instantânea, deveríamos ter os *achievements* na sentença

(4.37) *João chegar quando Maria partir,*

o que normalmente se afirma sobre esta sentença (ou sobre os verbos que se encontram na sentença). Entretanto, para esta sentença *atemporal*, teremos, no mínimo quatro possibilidades temporais (no pretérito):

(4.38)

- a. *João chegou quando Maria partiu.*
- b. *João chegou quando Maria partia.*
- c. *João chegava quando Maria partia.*
- d. *João chegava quando Maria partiu.*

Será que podemos afirmar que todas estas formas verbais são achievements (mudanças instantâneas)?¹

Mas não é só. Como já dissemos, para ra afirmar que a transição para ϕ teve lugar, esta transição deve ser concluída, ter acontecido. Isso só pode ser afirmado quando a sentença está situada num tempo passado equivalente ao pretérito perfeito do português. Como veremos no capítulo 5, a semântica de formas verbais do tipo do pretérito perfeito depende de uma determinada relação entre o TE (tempo de evento) e TR (tempo de referência). Assim teremos:

Accomplishment: $\boxed{P} (H' \Delta\phi \rightarrow \phi),$

onde P é o operador do tempo passado e

H' é o operador "para algum intervalo até agora"
(sendo, portanto, necessário precisar a relação TE/TR).

É evidente que nas línguas, em que não existe o tempo verbal do tipo do pretérito perfeito português, a relação TE/TR será denotada através de outros recursos: em vez da flexão

teremos prefixos, adjuntos adverbiais, etc. Trataremos desse assunto nos capítulos seguintes.

O mesmo que observamos sobre o accomplishment pode ser dito a respeito do achievement:

Achievement: $\boxed{P} (H' \neg \phi \rightarrow \phi).$

Estas observações nos levam a pensar, portanto, que um SV como *desenhar um círculo*, tido normalmente como accomplishment, na verdade, é ambíguo, podendo ser tanto accomplishment como atividade. A nossa conclusão é idêntica à de Declerck (1986b).

Declerck, discutindo o 'paradoxo do imperfectivo' apontado por Dowty (1977) - as sentenças do tipo *John was drawing a circle/John estava desenhando/desenhava um círculo* que não implicam a chegada a um resultado (estado final) apesar de serem accomplishments, segundo Dowty, - afirma que a distinção entre accomplishments e atividades é a distinção entre as expressões 'limitadas'/télicas (*bounded*) e 'ilimitadas'/atélicas (*unbounded*). Retomando os testes de Vendler, Declerck analisa as sentenças em questão, acrescentando os os advérbios *in an hour/numa hora* e *for hours/durante horas*, e mostra que o primeiro só é compatível com as sentenças limitadas, enquanto o segundo o é com as ilimitadas:

(4.39)

- a. *John drank a glass of whisky (in an hour) - bounded*
 John tomou/*tomava um copo de whisky (numa hora)

- b. *John drank whisky (for hours) - unbounded*
 John tomou/tomava whisky (durante horas)

- c. *John drew a circle on the floor (in an hour) - bounded*
 John desenhou/*desenhava um círculo no chão (numa hora)

- d. *(For hours) little girls drew a circle on the floor -*
unbounded.
 (Durante horas) as meninas desenharam/desenhavam um
 círculo no chão.

Assim, conclui Declerck, a afirmação de Dowty (1977) de que os SVs do tipo *draw a circle* são SVs-accomplishments (ou seja, inerentemente limitadas) é falsa. A distinção limitado/ilimitado (*bounded/unbounded*) só pode ser aplicada a sentenças e não a SVs, e os SVs como *draw a circle* podem ocorrer tanto nas sentenças limitadas, como nas ilimitadas. É claro que Declerck se apoiou nas conclusões de Verkuyl (1972) que mostra que a natureza aspectual (durativo vs. não-durativo, em termos de Verkuyl) de uma sentença depende não apenas do verbo mas também dos constituintes nominais do predicado e do próprio sujeito desta sentença. Lembremos que

Shi (1989) chega às conclusões semelhantes através da argumentação totalmente distinta da de Verkuyl.

Assim, a classe aspectual poderá ser determinada apenas quando se trata de uma situação que tem seus TF, TE e TR, e não é possível determiná-la sem ambigüidades se tratando de verbos, SVs ou sentenças atemporais. Esta condição é absolutamente necessária no caso de accomplishments e achievements.

Os estados e as atividades são "tolerantes" quanto à relação TF/TE/TR, visto que denotam a manutenção da situação, no caso do estado, ou a manutenção da mudança (gradual) da situação, no caso da atividade. I.e., neste caso, é indiferente se é $TE, TR < TF$ (passado) ou TF, TE, TR (simultâneos) (estamos utilizando as fórmulas de Reichenbach). A relação entre TE e TR também é indiferente para determinar estas classes aspectuais, mas, como veremos adiante, não é indiferente para determinar o aspecto da sentença. Esses assuntos serão tratados no capítulo 5.

4.3 Resumo do capítulo 4

A revisão da classificação vendleriana mostra que, considerando-se os verbos (ou os SVs) apenas, se chega a inúmeras ambigüidades, "multivalências" das classes aspectuais, etc. Alguns testes propostos por Vendler são absolutamente impossíveis de serem executados em outras línguas que não o inglês. O problema mais discutido e mais persistente, que é o 'paradoxo do imperfectivo', decorre deste tipo de classificação e da

não-consideração do aspecto envolvido nos acarretamentos temporais. Em vista de tudo isso, assumimos que o conceito de classe aspectual só pode ser aplicável a situações e apresentamos nossas definições das classes aspectuais.

NOTA

1. As formas verbais influem na determinação da classe aspectual de uma situação de tal forma que, "para fugir das ambigüidades" e enfatizar a momentaneidade da mudança (o verdadeiro *achievement*), muitas línguas recorrem a certas construções verbo-nominais, que "can express the smallness of the action" (Sarbs^vula; 1972: 105). Cf.:

- Fr. a. *Il jette un regard rapide à travers la porte.*
 Ele deu (lançou) uma olhada rápida através da porta.
- b. *Le père poussa un léger sifflement d'admiration.*
 O pai soltou um leve assovio de admiração.
- Ingl. *He gave a plaintive bark.*
 Ele deu (soltou) um triste uivo.

Observe-se a forma verbal e a quantificação do nome nos exemplos acima. Sobre as expressões do tipo "deu um chute", "deu uma de bacana", etc. em português cf. também Ilari et al. 1989).

CAPÍTULO 5.

UMA PROPOSTA PARA A ANÁLISE DO ASPECTO

A nossa abordagem do aspecto baseia-se nos conceitos do tempo de referência e tempo de evento de Reichenbach, da classe aspectual, do intervalo de tempo e da propriedade-EP (*end-points* - os pontos inicial e final do evento) que definiremos neste capítulo. Ao estabelecer a relação entre o tempo de referência (TR) e o tempo de evento (TE) entendidos como intervalos e não momentos, por um lado, e a classe aspectual, por outro, e considerando a propriedade-EP, poderemos determinar os aspectos *perfectivo* e *imperfectivo* e apresentar a nossa definição da categoria de aspecto. Porém, antes de passar à nossa proposta propriamente dita, teremos que discutir e redefinir os conceitos necessários.

5.1 Perfectividade vs. imperfectividade

A oposição *perfectivo/imperfectivo* é um problema aspectual que para muitos autores parece ser fundamental e que, no entanto, até agora, não pode ser considerado resolvido.

Comrie (1976: 16), por exemplo, propõe que

perfectivity indicates the view of a situation as a single whole, without distinction of the various separate phases that make up that situation,

enquanto, por outro lado,

the imperfective pays essential attention to the internal structure of the situation.

A globalidade de visão como característica da perfectividade foi criticada por Dahl (1985: 73-9) que observa que esta característica não é completamente adequada nem sequer para aquelas línguas, onde as noções de "globalidade" ou "totalidade" vs. "distinção de fases" se aproximam mais de uma descrição da oposição *perfectividade/imperfectividade* (como - presumivelmente - ocorre nas línguas eslavas, por exemplo). Dahl acrescenta que dar atenção à estrutura interna da situação é uma formulação bastante misteriosa (*cryptic*) e que o fator fundamental a ser considerado não é esta "totalidade" mas "algo mais" (*something else* - Dahl; 1985: 76). O que seria este "algo mais" Dahl não explicita. Dahl define a perfectividade como aquele fenômeno que denota um só acontecimento visto "como um todo" (*sic!*) não analisado, como um resultado bem definido ou um estado final localizado no passado. A maior parte das vezes, tal acontecimento será pontual ou, ao menos, será visto como uma transição de um estado ao outro, sendo que a duração desta transição não é levada em consideração.

Várias observações surgem a respeito destas definições e afirmações.

De uma maneira ou de outra, nas definições de Comrie e de Dahl, a perfectividade é entendida "como um todo". Em outras

palavras, Dahl, apesar das críticas feitas por ele a Comrie, não se liberta das noções criticadas.

Além disso, à luz desse conceito de perfectividade, o que fazer, por exemplo, com as situações que se exprimem linguisticamente como "inceptivas localizadas no passado", como é o caso de (5.1):

(5.1) *O nenê dormiu e aí conseguimos descansar um pouco*

ou como iterativas que intuitivamente são sentidas como perfectivas, como em Travaglia:

(5.2) (358) *Ele falou comigo várias vezes.*

Como dissemos acima, para dar conta das noções em questão, consideramos necessário introduzir certos conceitos, como o tempo de referência e a propriedade-*end points*, que passaremos a discutir.

5.2 As classes aspectuais na linha de tempo

Em alguns estudos semânticos recentes (Hinrichs, 1982; Partee, 1984; Reinhart, 1984) se propõe que as classes aspectuais podem servir de critério para determinar a linha temporal no discurso (*time line* em Kamp, 1979, 1981; Dry, 1981; Hinrichs, 1982; *foreground* - em oposição a *background*, algo como *figura e fundo* - em Hopper, 1982; Wallace, 1982), ou seja, para determinar

se a sentença pode ou não "aparecer" na (ocupar um lugar definido, mover a) linha de tempo.

Dry (1981) e Reinhart (1984) afirmam que só as classes aspectuais heterogêneas (ou não-distributivas¹,) i.e., os accomplishments e os achievements (os eventos) podem aparecer na linha de tempo, enquanto as homogêneas (ou distributivas), i.e., os estados e as atividades descrevem como as coisas são no tempo em que acontecem os eventos.

Hinrichs (1982), entretanto, observa que os estados e as atividades podem, às vezes, ser interpretados como seguindo o evento que foi mencionado por último e, desta maneira, fazer parte da sequência na linha de tempo.

5.3 Tempo de referência (TR)

Kamp (1981), Hinrichs (1982), Partee (1984) e Reinhart (1984) definem as classes aspectuais de acordo com seu tempo de referência (TR) e, desta maneira, rompem com a tradição anterior de definir as classes aspectuais em termos do cálculo do intervalo TE (cf. cap. 1). Como já mostramos, a noção de tempo de referência é bastante problemática. Aqui, assumiremos a definição do TR proposta por Reinhart (1984):

o tempo de referência é uma unidade de tempo que contém um evento.

Observe-se que nesta definição encontra-se outro tipo de

relação entre o tempo de evento e o tempo de referência em comparação com o sistema original de Reichenbach: o de inclusão e não o de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade. À mesma conclusão sobre a relação entre o tempo de evento e o tempo de referência chega Declerck, analisando a diferença semântica entre

(5.3) *At 5 o'clock I went into the church*

e

(5.4) *At 5 o'clock the procession was going into the church.*

Declerck observa que esta diferença tem a ver com

the way in which the situation is located relative to the reference point: in the former sentence the situation and the reference point are simultaneous in the sense of 'commensurate'; in the latter sentence the progressive represents the reference point as being included in the longer timespan during which the situation lasts (1986: 314-5).

Nesta passagem, Declerck admite que a relação entre o tempo de evento e o tempo de referência pode ser a de inclusão e não de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade como foi estabelecido por Reichenbach.

Hinrichs (1982) e Partee (1984) afirmam que só os eventos, ou seja, os accomplishments e os achievements, podem ser

contidos no seu TR, enquanto os estados e as atividades contêm seu TR. Sendo assim, argumentam eles, só os eventos movem os TRs para frente, introduzindo um novo TR que substitui o anterior. Desta maneira, se a situação seguinte é um accomplishment ou um achievement, então esta situação ocorre num TR diferente e posterior. Cf.:

(5.5) *João brigou com Maria e saiu de casa.*

Em (5.5), a situação (2) - *(João) saiu de casa* - que é um achievement, como é fácil determinar, é posterior à situação (1) - *João brigou com Maria* - e, de acordo com o raciocínio de Hinrichs e Partee (e também de acordo com a definição de Reinhart), seu TR deve ser diferente e ser posterior. O mesmo não acontece com os estados e as atividades. O estado (e a atividade) pode - e normalmente é isso que ocorre - conter o(s) TR(s) anterior(es). Quando o estado não contém o TR anterior, ele é interpretado como justaposto ao evento anterior. Cf.:

(5.6) *João brigou com Maria e saiu de casa. A lua
brilhava soberba.*

Em (5.6), a situação (3) - *A lua estava brilhando* - evidentemente contém pelo menos o TR da situação (2), ou seja, ao acontecer a situação da saída de João, o brilho da lua já era um fato.

Entretanto, podemos encontrar exemplos que não se enquadram

na análise de Hinrichs e Partee. Cf.:

(5.7) *Eles se casaram e viveram felizes para sempre.*

Neste caso, o estado *viveram felizes para sempre*, com certeza, acontece depois do achievement *Eles se casaram*. Em outras palavras, a solução apresentada por Hinrichs (1982) e Partee (1984) não dá conta destes fatos.

5.4 Propriedade-EP

Como foi mostrado em Givón (1977, 1982) e Longacre (1981), o hebraico bíblico (BH) usa o morfema *way* para marcar os verbos nas sentenças que "narram a história". Na narrativa francesa é o *passé simple* que desempenha esse papel e move a história para frente (cf. Kamp e Rohrer, 1983; Guentner et al., 1978; Hopper, 1979). Em russo, cada verbo tem obrigatoriamente ou a forma *perfectiva* ou a *imperfectiva*. De acordo com Chvany (1980), Forsyth (1970), Hopper (1979) e Hatav (1989), os verbos russos nas sequências de sentenças têm as formas *perfectivas*, enquanto no resto do texto são normalmente encontradas as formas *imperfectivas*. Forsyth ilustra esta afirmação com o seguinte exemplo:

(5.8)

On prožil (Perf.) v Moskve tri goda i pereexal (Perf.) v
 Ele viveu em Moscou três anos e mudou-se para

Leningrad.

Leningrado.

Hatav (1989), comentando este exemplo, observa que as sentenças estativas na sequência devem estar obrigatoriamente na forma perfectiva, e que, sendo a relação entre as situações a de simultaneidade, a sentença estativa não poderá estar na forma perfectiva. Hatav ilustra suas observações com o exemplo que segue:

(5.9)

On ^Vžil (Imp.) v Moskve tri goda, v eto vremja on rabotal
 Ele viveu em Moscou três anos, neste tempo ele trabalhava
(Imp.) v universitete i izučal ^V(Imp.) russkij jazyk.

em universidade e estudava russa língua.

Ele viveu em Moscou três anos, neste tempo ele trabalhava na universidade e estudava a língua russa.

Acontece, porém, que, no caso da primeira sequência (5.8), o russo permite a forma imperfectiva na primeira sentença como em (5.10). Cf.:

(5.10) *On ^Vžil (Imp.) v Moskve tri goda i pereexal v Leningrad*

e, no caso da segunda sequência (5.9), é possível a forma perfectiva na primeira sentença:

(5.11)

*On prožil (Perf.) v Moskve tri goda, v eto vremja on
rabotal v universitete i izučal russkij jazyk.*

O curioso é que, se tirarmos o advérbio da sentença (5.10), a sequência se torna agramatical (ou, pelo menos, bastante estranha):

(5.10') **On žil (Imp.) v Moskve i pereexal v Leningrad.*

Trataremos adiante do papel dos advérbios.

Já o português e o francês, por exemplo, usarão, nas primeiras sentenças das duas sequências as formas de pretérito perfeito/passé simple. Cf.:

Português

(5.12) *Ele viveu em Moscou três anos e mudou-se para
Leningrado.*

(5.13) *Ele viveu em Moscou três anos, durante este tempo ele
trabalhou/trabalhava na universidade e estudou/
estudava a língua russa.*

Francês

(5.14) *Il vécut a Moscou trois ans et déménagea à Léninegrad.*

(5.15) *Il vécut a Moscou trois ans, pendant cet temps il*

*travailla/travaillait à l'université et étudia/
étudiait la langue russe.*

Observe-se também que, ao contrário de que se afirma comumente sobre o *passé simple* francês, a saber que esta forma temporal é "pontual", não é isso que acontece na realidade: a duração da situação é explicitada pelo advérbio *trois ans/três anos*, dificilmente interpretável como "pontual".

A pouca (ou nula) relevância da classe aspectual para definir a sequência na linha de tempo leva Hatav a argumentar que a propriedade realmente relevante para a sequencialidade é a propriedade-EP (*end points*).

5.5 O problema de telicidade/atelicidade

Dahl (1981), Smith (1983) e outros tentaram caracterizar os *accomplishments* e os *achievements* como as classes que têm alguma espécie de "pontos finais naturais" (*natural end points* - Smith) ou um "ponto terminal" (*a terminal point* - Dahl) e os estados e as atividades como as classes que carecem os tais "pontos naturais". Estas tentativas foram feitas para definir as diferenças entre as sentenças (SVs, verbos, situações...) tradicionalmente chamadas *télicas/atélicas* ou *ligadas/não-ligadas* (*bound/unbound*) ou, então, *terminativas/aterminativas* (cf. Comrie, 1976; Dahl, 1981; Declerck, 1986; Shi, 1990; Travaglia, 1985 e os linguistas russos).

Assim, a propriedade de uma situação de ter ou não ter as "pontas" (*end points*) nos leva à antiga discussão sobre os verbos *télicos* e *atélicos*. Os conceitos de *télico/atélico* devem ser precisados.

Travaglia (1985) em consonância com Castilho (1967) define o verbo *télico* como

aquele que indica uma situação que necessariamente chega a um fim (p.72),

apresentando como exemplos os verbos *decidir*, *morrer*, *fazer uma cadeira*, *engolir*, etc.,

e o *atélico* como

aquele que indica uma situação que não tende para um fim necessário (*idem*),

com os exemplos: *cantar*, *chover*, *mastigar*, etc.

Para decidir se o verbo é *télico* ou não, Travaglia cita o teste de Vendler/Dowty adaptado ao português: a frase que contém a construção *ESTÁ + GERÚNDIO* do verbo *télico* não implica a frase com o verbo no pretérito perfeito; a frase com a mesma construção do verbo *atélico*, ao contrário, implica a frase com o verbo no pretérito perfeito. Travaglia ilustra a aplicação do teste:

(5.16)

(93) "João está fazendo uma cadeira" não implica que "João fez uma cadeira" e, então, o verbo é *télico*.

(5.17)

(94) "João está caminhando" implica que "João caminhou" e então o verbo é télico (p.72).

Na verdade, o teste citado por Travaglia é o de Vendler/Dowty (originado em Kenny; 1963) usado para decidir se se trata de atividade ou de achievement. É por isso que Travaglia fica perplexo a respeito dos verbos estativos, aos quais este teste não se aplica.

Como observa Comrie (1976; 45, nota 3), muitas vezes fica difícil decidir se a situação descrita é realmente télica:

Thus if John were to repeat the same song incessantly, then even John is singing a song would be atelic.

As sentenças do tipo

(5.18) *João está pintando um quadro*

são também problemáticas porque podem muito bem implicar

(5.19) *João pintou um quadro (o dia inteiro mas não o acabou).*

Ou seja, dizer que

(5.20) *João pintou um quadro*

não implica necessariamente que o quadro foi acabado. O próprio Comrie nota que as coisas não são muito pacíficas e menciona que existe em inglês uma possibilidade de tornar o verbo realmente télico: é a partícula posposta *up*. Se é assim, então dizer

(5.21) *John ate the apple*

não implica necessariamente que a maçã foi comida, enquanto

(5.22) *John ate the apple up*

implica. Entretanto, como é fácil ver, o problema continua, se colocarmos a sentença (5.22) no progressivo, por exemplo. Cf.:

(5.22') *John is eating the apple up.*

Dowty (1979) entende esse tipo de construções com partícula em inglês como indicando "unambiguously that an accomplishment is intended" (p.71). Comparando as expressões *clean the room*/limpar o quarto vs. *clean the room up*/limpar o quarto (inteiro, "de cima para baixo"), Dowty toma a partícula *up* não só como a representante da terminatividade, mas também como um marcador de aspecto. Ele conclui:

so in a sense this particle is the closest thing English has to a marker of perfective aspect (idem).

Se fosse assim, teríamos, de novo, problemas para explicar a ocorrência perfeitamente normal desta construção com partícula com o significado - aspectual - do progressivo 'imperfectivo':

- (5.23) *John was cleaning the room up when the telephone rang.*
 John estava limpando o quarto (de cima para baixo, de cabo a rabo) quando o telefone tocou.

Dahl (1981), na sua tentativa de sair do impasse da discussão sobre a telicidade/atelicidade, distingue entre a propriedade-T e a propriedade-P. A propriedade-T é definida por Dahl como

A situation, process, action, etc. or the verb, verb phrase, sentence, etc. expressing this situation, etc. has T-property iff

Definition 1. (Andersson 1972) it is directed toward attaining a goal or limit at which the action exhausts itself and passes into something else.

Definition 2. (Comrie 1976) it leads up to a well-defined point behind which the process cannot continue (p.81).

Da propriedade-T não se infere necessariamente a existência da propriedade-P, que Dahl (1981: 82) define como

A situation, process, action, etc. has the P-property iff it has the T-property and the goal, limit, or terminal point in question is or is claimed to be actually reached.

O inverso é verdadeiro, i.e., a propriedade-P pressupõe a existência da propriedade-T, o que pode ser facilmente comprovado pelo leitor.

Smith (1983) e Dowty (1986), afirmam que só a situação que tem os "pontos naturais" pode "aparecer", ocupar um lugar definido na linha de tempo.

Hatav (1989) define formalmente a noção intuitiva de "pontos finais" (*end points*) e mostra que uma sentença que não tem os pontos finais "naturais" pode "adquiri-los" (uma observação semelhante está em Comrie, 1976). "Adquirindo" os pontos finais, a sentença se torna perfectiva e, assim, capaz de se situar na linha de tempo.

Para chegar à propriedade-EP, Hatav analisa uma sequência de situações α , b e c , que é definida de acordo com seus TRs:

$$(5.24) \quad [R_1 \alpha] [R_2 b] [R_3 c]$$

A fórmula diz que a relação de sequencialidade entre α , b e c se mantém sse o primeiro ponto do TR de b é localizado depois do último ponto do TR de α , e o primeiro ponto do TR de c é localizado depois do último ponto do TR de b . As situações que compõem a sequência são necessariamente contidas nos seus TRs.

5.6 A relação entre o tempo de referência e as classes aspectuais

Para Hinrichs (1982) e Partee (1984), os estados e as atividades sempre contêm seu TR e, assim, não têm como aparecer numa sequência. Hatav argumenta que, enquanto os accomplishments e os achievements sempre são contidos nos seus TRs, os estados e as atividades nem sempre contêm seus TRs. Para Hatav, então, os estados e as atividades entram em três tipos diferentes de relações com seus TRs: eles podem conter este TR, ser contidos nele ou coincidir com ele (i.e., ter exatamente a mesma duração temporal. Hatav ilustra estas afirmações com os seguintes exemplos:

(5.25)

- a. *I was sick yesterday, but my friend came and gave me a pill, and by midday I was feeling well.*

Eu estive/estava indisposto ontem, mas veio o meu amigo e me deu um comprimido, e pela tarde eu estava me sentindo bem.

- b. *I was sick yesterday, all day long, but after a good night's sleep I got up in the morning feeling better than ever.*

Eu estive indisposto ontem o dia inteiro, mas, depois de uma boa noite de sono, levantei pela manhã me sentindo melhor do que nunca.

- c. A: *Why didn't you come to my party yesterday?*

B: *I was sick yesterday; you know I have been sick for the*

last three weeks, and, unfortunately, I have not recovered yet.

A: Por que você não veio à minha festa ontem?

B: Eu estive/estava indisposto ontem; você sabe que eu estive indisposto nas três últimas semanas, e, infelizmente ainda não me recuperei.

Hatav explica que, nestes exemplos, o TR do estado denotado pela sentença *I was sick yesterday*//*Eu estive/estava indisposto ontem* entra em relações diferentes com este estado (diríamos: com o TE deste estado). Assim, em (5.25) c., o TR é contido no estado; em (5.25) a., o TR contém este estado e, em (5.25) b., o TR e o estado coincidem. Concordamos que "ter exatamente a mesma duração" é possível, mas as línguas que têm a distinção gramatical do tipo pretérito imperfeito/ pretérito perfeito fazem a escolha obrigatória entre "conter seu TR" ou "ser contido em seu TR" (mesmo que a inclusão seja imprópria). O simple past inglês é ambíguo neste sentido e por isso precisa do contexto ou de outros marcadores para definir a relação entre o TR e o TE.

5.7 Definição do tempo de referência

A definição do TR feita por Reinhart (1984) para os eventos não acomoda os estados e as atividades. Reinhart (1986), aceitando a existências das três possibilidades (para o inglês)

de tipos de relações entre os estados e as atividades e seus TRs, propõe uma definição mais geral. Seguindo as propostas de Bennett e Partee (1972), Bach (1981) e Dowty (1986), Reinhart considera agora o intervalo e não os pontos temporais (instantes) como unidade temporal primitiva para uma análise temporal de uma proposição. Reinhart mostra que, devido à propriedade de não-distributividade (não-homogeneidade), os accomplishments e os achievements são verdadeiros em apenas um intervalo, enquanto os estados e as atividades são verdadeiros em pelo menos um intervalo, o que implica que eles podem ser verdadeiros em mais de um intervalo.

Reinhart representa a relação entre uma situação e seu TR como

$$(5.26) \quad [\substack{R \\ E}]$$

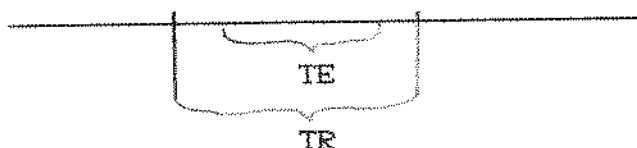
A fórmula se lê: o tempo de referência deve conter pelo menos um intervalo em que a proposição P é verdadeira. O intervalo em que a proposição é verdadeira é, portanto, um subconjunto do seu tempo de referência.

5.8 Mais sobre a relação entre o tempo de referência e as classes aspectuais

Segue do que foi discutido acima que, como o evento tem apenas um intervalo em que é verdadeiro (como resultado de não-homogeneidade), então ele é propriamente contido no seu TR.

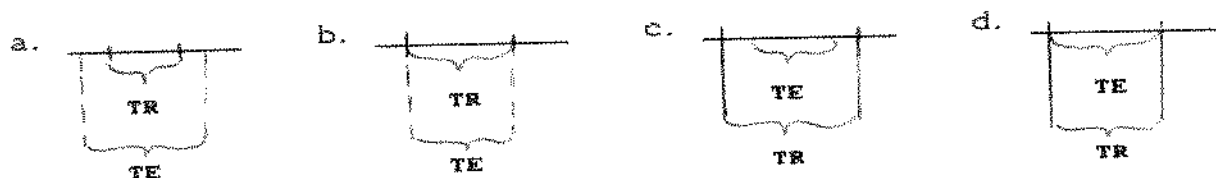
Isso quer dizer que os accomplishments e os achievements têm que ser contidos no seu TR:

(5.27)



Por outro lado, os estados e as atividades não têm esta restrição, e a fórmula (5.28) permite que eles possam ser verdadeiros em outros intervalos além daquele(s) contido(s) no tempo de referência. Assim, os estados e as atividades podem ter quatro tipos de relações entre seus TRs e TEs:

(5.28)



Esta diferença nas relações entre as classes aspectuais e seus TRs explicaria as diferentes implicações observadas por Dowty (1986) e Reinhart (1986):

(5.29)

a. *I ate the apple yesterday² -> ~ I am eating it today.*

Eu comi a maçã ontem.

Eu estou comendo-a hoje

b. *I was at home yesterday ~ -> ~ I am at home today.*

Eu estive/estava em casa ontem. Eu estou em casa hoje.

Hatav explica que, no caso de eventos, implica-se que eles não podem ser obtidos depois de seu tempo de referência. No caso de estados, não existindo restrições, eles podem estender-se além de seu TR.

Observe-se agora o que acontece com os exemplos semelhantes nas línguas que têm mais de um tempo passado (simples). Cf. em português:

(5.30)

a. *Eu comi a melancia ontem² -> ~ Eu estou comendo-a hoje.*

a'. *Eu comia a melancia ontem ~ -> ~ Eu estou comendo-a hoje.*

b. *Eu estive em casa ontem ~ -> ~ Eu estou em casa hoje.*

b'. *Eu estava em casa ontem ~ -> ~ Eu estou em casa hoje.*

Observe-se que a situação (5.30) a' é obrigatoriamente uma atividade e é devido a este fato ela tem os acarretamentos análogos aos que encontramos no caso de estados. Note-se também que com certos verbos a situação pode ser apenas uma atividade e nunca um accomplishment, independentemente da forma verbal. Cf.:

(5.31)

Eu lambi a melancia ontem ~ -> ~ Eu estou lambendo-a hoje

(a mesma melancia)

Em russo, os exemplos correspondentes aos (5.30) em português são:

(5.32)

a. *Ja s^jel* (Perf.) *arbuz v^yčera* → ~ *Ja jem arbuz segodnja*.

a'. *Ja j^eel* (Imp.) *arbuz v^yčera* ~ → ~ *Ja jem arbuz segodnja*.

b. *Ja poby^l* (Perf.) *doma v^yčera* ~ → ~ *Ja doma segodnja*.

b'. *Ja by^l* (Imp.) *doma v^yčera* ~ → ~ *Ja doma segodnja*.

Do quadro das inferências pode-se deduzir que as formas do pretérito perfeito em português e do passado perfectivo em russo (pelo menos as mencionadas aqui: voltaremos à discussão do aspecto em russo no capítulo 6) possibilitam que a sentença se torne um evento - no nosso exemplo, um accomplishment - enquanto as sentenças com os verbos no pretérito imperfeito em português e no passado imperfectivo em russo são obrigatoriamente atividades.

Dowty (1986) aponta as diferenças nos acarretamentos lógicos para explicar por que os estados e as atividades tanto podem ocupar um lugar definido como o indefinido na linha de tempo. Nerbornne (1986), tal como Dowty, afirma que todas as sentenças na narrativa têm seu próprio tempo de referência, ou seja, que os estados e as atividades também introduzem os TRs novos. Mas Dowty argumenta também que os estados (tal como as atividades) são normalmente interpretados como se estendendo além

de seus tempos de referência e por isso se justapõem uns aos outros e aos accomplishments e achievements. No entanto, continua Dowty, embora, por definição, os estados possam começar antes de seus TRs, a mesma definição não exige que seja obrigatoriamente assim. Por isso podem existir casos em que esta inferência pragmática é cancelada. Dowty ilustra esta possibilidade com o seguinte exemplo:

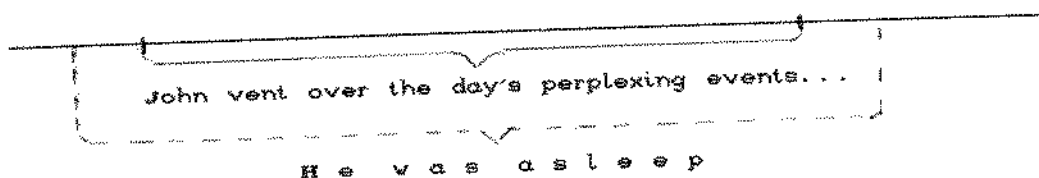
(5.33)

John went over the day's perplexing events once more in his mind. Suddenly he was asleep.

John repassou mais uma vez na sua mente os estranhos acontecimentos do dia. De repente, ele estava dormindo (adormeceu).

Se em (5.33) não existisse o advérbio *suddenly/de repente*, o esquema seria como

(5.33')



Mas, com a presença de *suddenly*, o esquema deve ser diferente.

Cf.:

(5.33")



Dowty mostra que o advérbio *suddenly/de repente* cancela a inferência pragmática de que o estado vigora antes e dá a interpretação inceptiva (incoativa). Ele afirma que esta interpretação é a de um evento, permitindo assim o movimento do tempo narrativo.

Hataav dá um exemplo do hebraico bíblico, onde o verbo estativo *e'ehave 'amar'*, ocorrendo na forma *wayyiqtol*, recebe a interpretação incoativa:

(5.34)

wayye'ehav ya'aqov 'et-rahel

amar + way Jacó ACC-Raquel

Jacó amou (se apaixonou por) Raquel

O mesmo verbo usado na forma *qatal* atribuirá à sentença a interpretação estativa:

(5.35)

veyisra'el 'ahav 'et yosef mikol banaw...

e-Israel amar + qat ACC José de-todo filhos-dele

Agora Israel amava José mais que a qualquer outro de seus filhos.

Observe as formas verbais nas traduções das sentenças hebraicas

para o português: o pretérito perfeito, no primeiro caso, e o imperfeito, no segundo. Em russo, que também possui formas verbais especiais, as sentenças correspondentes a (5.34) e (5.35) ficarão assim:

(5.36)

Jakov polubil (Perf.) *Raxel*. (O prefixo *po-* tem o significado claramente incoativo).

(5.37)

I Izrail lubil (Imp.) *Iosifa bolše, čem ostalnyx svoix synovej*.

A observação semelhante é de Hoepelman e Rohrer (1980) sobre o *passé simple* francês: os verbos estativos podem ter a interpretação incoativa quando têm a forma de *passé simple*:

(5.38)

Il vint, il vit, il aima.

Ele veio, ele viu, ele amou.

Hatav concorda com a afirmação de Dowty de que quando uma sentença tem o significado incoativo ela deve ser analisada como um evento.³

5.9 Definição da propriedade-EP

Para determinar as possibilidades das sentenças de aparecerem na linha de tempo e moverem o tempo de referência para

frente, Hatav (1989) define a propriedade-EP.

As sentenças que denotam uma sequência de fatos ou situações são necessariamente incluídas nos seus tempos de referência separados. Isso significa que as situações descritas por estas sentenças não podem continuar além de seus respectivos TRs. Em outras palavras, a duração da situação descrita deve ser restringida para ser contida no seu TR (e assim pode ser candidata a figurar na linha de tempo). São justamente estas sentenças que têm a propriedade-EP. Desta maneira, a definição da propriedade-EP fica estritamente semântica:

A situation S has EPs iff all subintervals of S are included in its reference time R.

EPs = the first and last units *t* at which S is true.

(Hatav; 1989: 497)

Lembremos que os accomplishments e os achievements são sempre contidos em seus TRs, enquanto os estados e as atividades podem também conter (e normalmente contêm) seus TRs. Esta diferença se deve ao fato de que os accomplishments e os achievements são restringidos, por definição, a um único intervalo, ao passo que, para os estados e as atividades, o número de intervalos não é limitado. Assim, argumenta Hatav, para que um estado ou uma atividade apareça na linha de tempo, é necessário que ele (ela) seja explicitamente restringido(a), por exemplo, por um advérbio duracional do tipo *for three*

years/durante três anos. Quando restringida, a situação descrita pela sentença é concebida como tendo as EPs, embora no mundo real esta situação possa continuar além do período expresso pelo advérbio. Cf.:

(5.39)

John lived in Boston and then...

John morava/morou em Boston e depois...

(5.40)

John lived in Boston for three years and then...

John morou em Boston durante três anos e depois...

Em português, a forma do pretérito perfeito já estabelece os EPs, incluindo assim a eventualidade no seu TR:

(5.41)

Mariazinha dormiu feito uma pedra (da meia-noite até as 10 da manhã)

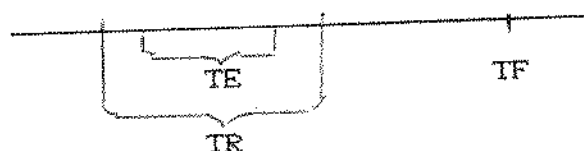
(5.42)

Mariazinha dormia feito uma pedra (quando seu vizinho entrou).

Em (5.41), a eventualidade está restringida pela forma verbal e tem os EPs mesmo não existindo qualquer advérbio "restringidor".

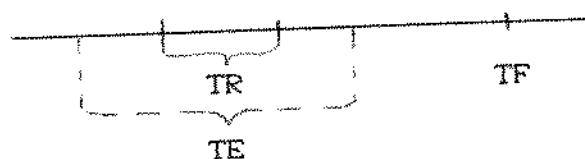
O esquema temporal correspondente a (5.41) será:

(5.41')



Em (5.42), ao contrário, a forma do imperfeito obriga a eventualidade a conter seu TR, deixando-a sem os EPs. Cf. o esquema temporal:

(5.42')



Observe-se o que acontece com as mesmas sentenças, se acrescentarmos um advérbio "restringidor":

(5.43)

- a. *Mariazinha dormiu (durante) 12 horas seguidas.*
- b. *Mariazinha dormia (durante) 12 horas seguidas.*

Em (5.43) a. e b., o advérbio apenas especifica o intervalo do TE, não tendo a mínima possibilidade de fechar os EPs, como fica evidente no exemplo (5.43) b.

5.10 As classes aspectuais e a propriedade-EP

Hatav define as diferenças nas inferências lógicas como:

(5.44)

$E \rightarrow EP$

$S\sim \rightarrow \sim EP,$

onde E é um accomplishment ou um achievement e S é um estado ou uma atividade.

Desta definição, Hatav deduz ainda que se o número de intervalos de uma proposição não é restringido semanticamente, a proposição contém seu TR. Ao contrário, para Hatav, quando uma proposição deve conter seu TR, ela não pode ser semanticamente restringida, como é o caso do progressivo em inglês.

Observe que da fórmula acima não decorre que os estados e as atividades careçam obrigatoriamente de EPs. Por isso, se os eventos sempre correspondem à exigência de sequencialidade, os estados e as atividades podem também corresponder a esta exigência. Por outro lado, as sentenças restringidas podem não mover o TR para frente, como mostra Partee (1984):

(5.45)

John opened his mouth and closed his eyes.

John abriu a boca e fechou os olhos.

No exemplo, os dois achievements podem ser interpretados como simultâneos e, se existisse na sentença um advérbio do tipo *at the same time* / *ao mesmo tempo*, estes eventos teriam obrigatoriamente a leitura simultânea.

5.11 A propriedade-EP e o progressivo

Todas estas considerações demonstram que os estados e as atividades podem aparecer na linha de tempo quando têm EPs.

Entretanto, existem proposições que nunca podem adquirir os EPs. Um bom exemplo disso é o progressivo em inglês. (Lembre-se que Dowty (1979) e alguns outros lingüistas anglo-americanos consideram o progressivo como o único - ou quase único - legítimo aspecto em inglês). As sentenças no progressivo em inglês necessariamente contêm seu TR, i.e., são sentenças sem EPs.

As condições de verdade estipuladas para as sentenças progressivas por Bennett e Partee (1972), Dowty (1977, 1979) e Mittwoch (1988) avaliam tais sentenças para algum subintervalo da situação denotada por elas.⁴ Este subintervalo, para Hataev (1989), é o tempo de referência que é incluído na situação progressiva. Considerem-se os exemplos de Mittwoch (1988):

(5.46)

a. *I am working.*

Eu estou trabalhando.

b. *At 5 o'clock I was working.*

Às 5 horas eu estava trabalhando.

c. *When you came in I was working.*

Quando você entrou, eu estava trabalhando.

Em (5.46) a., é o próprio tempo de fala (TF) que é o tempo de referência incluído no tempo do evento (da situação progressiva). Em (5.46) b., o tempo de referência é o advérbio *at 5 o'clock/às*

5 horas, e em (5.46) c., o tempo de referência é um outro evento.

A exigência de que o progressivo deve conter o seu TR explica a diferença em gramaticalidade das sentenças seguintes:

(5.47)

- | | |
|---------------------------|----------------------------|
| <i>Yesterday John was</i> | a. <i>building a house</i> |
| <i>Ontem John estava</i> | construindo uma casa |
| | b. <i>*eating supper</i> |
| | comendo a janta |

Em (5.47) a. o TR *yesterday/ontem* é entendido como incluído na situação da construção da casa, porque sabemos que a construção de uma casa leva mais que um dia. Em (5.47) b., o mesmo TR com uma situação de "curta duração" resulta numa sentença ruim, porque, por força do progressivo inglês, fica incluído nesta situação.

Em português, parece que as duas (ou, melhor, as quatro sentenças semelhantes às inglesas) ficam ruins (ou, pelo menos, estranhas):

(5.47')

- | |
|---|
| <i>Ontem João a. estava construindo uma casa.</i> |
| a'. <i>esteve construindo uma casa.</i> |
| b. <i>estava comendo um ovo frito</i> |
| b'. <i>esteve comendo um ovo frito</i> |

Talvez isto ocorra porque *ontem* seja em português um advérbio durativo e não pontual, do tipo **durante ontem* e não **em ontem*⁵. No caso do progressivo, o gerúndio, por sua vez, é a

forma verbal que contém seu TR, ou seja, tem os EPs abertos. A construção progressiva com o auxiliar no pretérito perfeito fica um tanto contraditória⁶.

Se acrescentarmos um TR "curto" à sentença acima, ela fica bem formada:

(5.49)

- a. *At five o'clock*
 Às cinco horas *yesterday John was eating supper*
ontem John estava/?esteve
 b. *When the bomb exploded* *comendo a janta*
 Quando a bomba explodiu

Nestes casos, o progressivo tem um TR "curto" (o advérbio *at five o'clock/às cinco horas* ou o TR da explosão da bomba) contido nele e assim a sentença fica bem formada.

Dowty (1986) analisa as sentenças progressivas como contra-sequenciais. Ele discute os aparentes contra-exemplos, de sentenças no progressivo com a pós-posição do TR:

(5.50)

In the darkness, John felt his way up the stairway of the dilapidated old house. Halfway up, there was a loud cracking noise under his feet, and suddenly he was falling through space.

Na escuridão, John subiu bem alto pela escadaria da velha casa em ruínas. No meio da escadaria, ouviu-se um forte

estalido embaixo dos seus pés, e, de repente, ele estava caindo...

Para Dowty, não é o progressivo que estabelece a sequência e justifica o uso de *suddenly/de repente*, pois ele analisa a sentença no progressivo como denotando uma situação que começa antes da sua percepção pelo protagonista. Em outras palavras, o advérbio *suddenly* modifica uma sentença implícita *he felt that/ele sentiu que*.

Em hebraico bíblico, argumenta Hatav (1990), o papel do progressivo inglês(ou do imparfait francês) é desempenhado pelas formas chamadas 'participiais', que são as formas *qotel*. Estas formas necessariamente incluem o TR e, portanto, não fazem parte de uma sequência:

(5.51)

wayyavo mal'ax yhw^vh wayyesev tahat ha-ela 'aser^v
 chegar+WAY anjo(de) Deus sentar+WAY sob o-carvalho que
 be'ofra 'aser^v leyo'^vas 'avi ha'ezri wegid'on
 em-Ofrah que a-Joash pai(de) o-ezrita e-Gedeon
 bno hove^t hitim bagat lehanis
 filho-dele bater+QOT trigo na-prensa de vinho para-
 esconder-se

mipney midyan.

da-face(de) midianita.

Chegou o anjo do Senhor e sentou-se embaixo do carvalho em

Ofráh, que pertencia a Joash, o abiezrita. Seu filho Gedeon estava batendo (batia) trigo na prensa de vinho, por isso ele pôde esconder-se dos midianitas.

O mesmo acontece em russo que, como o hebraico bíblico, não possui formas progressivas: são as formas imperfectivas que desempenham o papel do progressivo do inglês, português e outras línguas que o têm, do imparfait do francês e do português ou da forma qotel do hebraico bíblico, i.e., são as formas que incluem o TR e, portanto, carecem de EPs:

(5.52)

Rodilsja (Perf.) akademik Vinogradov v Zarajskie.
 Nasceu acadêmico Vinogradov em Zarajsk.

Studenčeskiye gody jeho prošli (Perf.) v Petrograde.

estudantis anos dele passaram-se em Petrogrado+PREP.

Zdes' on okončil (Perf.) dva instituta. Vinogradov

Aqui ele terminou dois institutos+ACC. Vinogradov

opublikoval (Perf.) bolee 300 naučnyx rabot.

publicou mais(de) 300 científicos trabalhos+GEN.

On zanimaljsja (Imp.) issledovanijem grammatiki.

Ele ocupava-se estudo+Inst. gramática+GEN.

O acadêmico Vinogradov nasceu em Zaraisk. Seus anos de estudante se passaram em Petrogrado. Aqui ele se formou em dois institutos. Vinogradov publicou mais de 300 trabalhos científicos. Ele se dedicava ao estudo da gramática.

Hatav conclui, então, que (para o inglês):

$\exists$ pelo menos um TR, $R \subseteq \text{PROG}$

Esta afirmação explica por que o progressivo inglês, à diferença dos estados "regulares", não pode ser restringido pelo advérbios do tipo (*durante*) *três dias*. Cf. em inglês:

(5.53)

- a. *John slept (for) 10 hours.*
 John dormiu (durante) 10 horas.

- b. **John was sleeping (for) 10 hours.*
 John estava/esteve dormindo (durante) 10 horas.

Os exemplos podem ser explicados pela faculdade dos advérbios durativos de restringir os estados e as atividades. Mas o progressivo em inglês nunca pode ser restringido e por isso não pode ser modificado por tais advérbios.

Em português:

(5.54)

- a. *João dormiu (durante) 10 horas.*
- b. *João dormia (durante) 10 horas (só leitura iterativa)*
- c. **João estava dormindo (durante) 10 horas*
- d. *João esteve dormindo (durante) 10 horas*

A diferença do progressivo inglês, o progressivo português

na forma de pretérito perfeito, que já tem os EPs, admite o advérbio que especifica a duração do intervalo.

Com base nesses exemplos, Hatav sugere que, contrariamente às afirmações de Vlach (1981), o progressivo não pode ser classificado como estado. Vlach argumenta que o 'aspecto progressivo' é usado pelos falantes para mudar a classe aspectual do evento para o estado. Sua análise se baseia na propriedade de homogeneidade compartilhada por ambos.

Hatav analisa o comportamento do progressivo nas sequências:

(5.55)

- a. *Ruth was eating supper, and then ^{took} was taking a shower.
- b. *Ruth was eating supper, but before she ^{took} was taking a shower.
- c. Ruth was eating supper when Dina ^{took} was taking a shower.
- d. Ruth was eating supper when ^{the phone rang.} she suddenly heard a scream.

Os exemplos (5.55.) a. e b. são ruins porque as sentenças acrescentadas à sentença progressiva se referem aos pontos final e inicial respectivamente, o que é incompatível com o progressivo porque estes pontos não existem. Em contraste com estes exemplos, quando as sentenças progressivas combinam com as sentenças que

denotam as situações incluídas no intervalo do progressivo, as combinações resultam boas.

Analisemos o comportamento das sentenças análogas em português:

(5.56)

- a. *Ruth estava comendo um ovo frito, e depois* ^{tomou} *estava tomando*
banho.
- b. *Ruth esteve comendo um ovo frito, e depois* ^{tomou} *estava tomando*
banho.

Observe que em (5.56) b., quando na primeira situação o verbo auxiliar está na forma de pretérito perfeito, a sequência fica melhor. Isso se deve ao fato já mencionado de que a flexão do pretérito perfeito possui os EPs, ou seja, a sentença com o verbo nesta forma contém seu TR, o que lhe garante um lugar na sequência. Comparem-se agora os exemplos anteriores (5.56) com os exemplos (5.57):

(5.57)

- a. *Ruth estava comendo um ovo frito quando Dina* ^{tomou/tomava} *estava/estive*
tomando banho.
- b. *Ruth esteve comendo um ovo frito quando Dina* ^{tomou/tomava} *estava/estive*
tomando banho.

Nestes dois exemplos, a sequência é melhor com o verbo auxiliar (da primeira situação) no imperfeito, sendo esta a forma que não possui os EPs e a sentença nesta forma pode incluir um ou mais

TRs⁷.

5.12 Definição do aspecto

Nas seções anteriores deste capítulo, foram rediscutidos e redefinidos os conceitos necessários. Podemos agora apresentar as nossas definições.

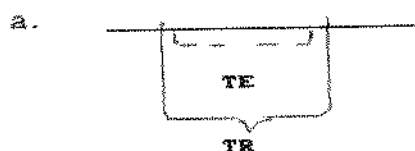
Nós definimos as duas categorias aspectuais - a perfectividade e a imperfectividade - em termos da relação entre o tempo de referência e o tempo de evento, o que nos dá duas possibilidades: a) o tempo de referência inclui o tempo de evento e a situação terá as "pontas", será "fechada", e b) o tempo de evento inclui o tempo de referência e a situação não terá "pontas", será "aberta".

Assim, chamaremos de *aspecto* a relação estabelecida entre o tempo de evento e o tempo de referência. O aspecto *perfectivo* será, então, a seguinte relação estabelecida entre o TE e o TR:

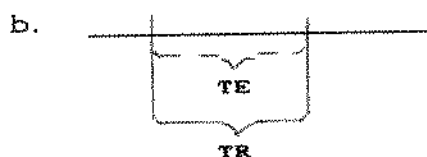
$$(5.58) \quad TE \subset TR$$

Sugerimos que esta relação seja representada pelos seguintes esquemas:

(5.58')



$TE \subset TR$ (inclusão própria)



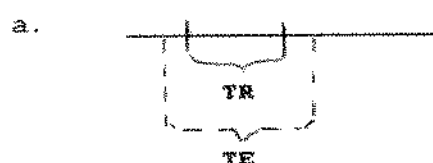
$TE \subseteq TR$ (inclusão imprópria)

A situação contrária, i.e.:

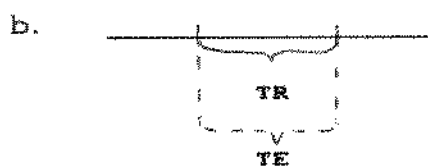
(5.59) $TR \subset TE$

é a relação que se estabeleceu para o aspecto *imperfectivo*. Seus esquemas correspondentes são:

(5.59')



$TR \subset TE$ (inclusão própria)



$TR \subseteq TE$ (inclusão imprópria)

Quando a relação é $TE \subset TR$, a situação terá os EPs. A situação também terá os EPs quando se estabelece a inclusão imprópria, seja ela do tipo $TE \subseteq TR$ ou do tipo $TR \subseteq TE$. Como vimos, esta situação é possível para todas as classes aspectuais, i.e, todas as classes aspectuais podem ter o aspecto perfectivo. A relação $TR \subset TE$ e a conseqüente ausência dos EPs só é possível para os estados e as atividades devido à propriedade de distributividade. Em outras palavras, o aspecto imperfectivo só poderá ser possível para os estados e as atividades.

Por outro lado, como já observamos no capítulo 4, existe a restrição para os accomplishments e os achievements de serem atestados apenas no passado. Assim, os accomplishments e os

achievements serão obrigatoriamente *passado* (*pretérito*) *perfectivo*, não existindo esta restrição para os estados e as atividades. Sendo assim, as sentenças como (5.60)

(5.60)

Godofredo pinta/pintava//está/estava pintando um quadro

não podem ser consideradas accomplishments, ao passo que (5.61)

(5.61) *Godofredo pintou um quadro*

poderá ser um accomplishment ou uma atividade. A decisão sobre a classe aspectual desta sentença dependerá de outros elementos (se existirem) ou do teste dos advérbios que permitirão determinar se a sentença possui ou não a propriedade de distributividade. Cf.:

(5.61')

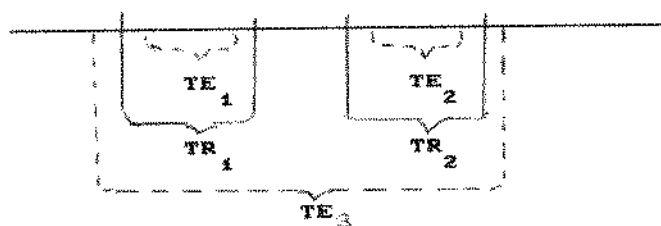
- a. *Godofredo pintou o quadro durante 2 semanas* - atividade;
- b. *Godofredo pintou o quadro em 2 semanas* - accomplishment⁸.

Observe-se que as relações entre o tempo de evento e o tempo de referência que mostramos acima podem se estabelecer tanto à esquerda como à direita do tempo de fala ou, então, coincidir com este tempo. Em outras palavras, tanto o aspecto *perfectivo* como o *imperfectivo* são possíveis de serem encontrados nos tempos do passado, do futuro e do presente, como, de fato, são, embora poucas línguas tenham o presente *perfectivo*.

Entretanto, como já mostramos também, que, por questão de princípio, os accomplishments e os achievements não são possíveis nos tempos do futuro e do presente.

Quando o tempo de evento inclui o tempo de referência, ou seja, quando estamos diante do aspecto imperfectivo, a falta dos EPs gera a interpretação deste tipo de situações como durativas e permite tais situações sirvam "de fundo" para outras, as perfectivas, em que o tempo de evento é incluído no tempo de referência⁹. Surgem assim os chamados "esquemas de incidência", cujos esquemas temporais serão do tipo seguinte:

(5.62)



5.13 O aspecto e as formas verbais nas línguas românicas

Tendo definido o aspecto, trataremos agora de *algumas* conseqüências da proposta apresentada. Não sendo o nosso objetivo - repetimos - realizar o estudo do aspecto em português, queremos mostrar apenas que a nossa proposta pode ser utilizada nos estudos das línguas particulares.

O aspecto, nas línguas flexionadas como o português, é expresso, conforme vários autores, - pelo menos - pelas formas

simples do pretérito: o imperfeito e o perfeito. Ou seja, alguns lingüistas admitem que as formas compostas também expressam o aspecto.

De acordo com G.Guillaume (1969), a diferença entre os dois "tempos" está no fato de que o pretérito perfeito apresenta a ação como global, inteira, enquanto o imperfeito indica uma ação no passado em parte já completada e em parte ainda "em completamento".

R.Martin (1971) define o imperfeito como a forma que reflete o dinamismo interno da ação. Por força deste dinamismo, uma parte do não acontecido se transforma constantemente no acontecido.

Travaglia (1985) afirma que "nas frases com pretérito perfeito, a situação é sempre apresentada como preenchendo um período de tempo completo, ou como uma situação que ocorre em um momento. Já nas frases com pretérito imperfeito, a situação é apresentada como preenchendo um período de tempo que ainda não é completo" (p.153).

A flexão das formas do pretérito perfeito funciona como uma espécie de operador que, em princípio, faz o tempo de evento ser incluído no tempo de referência. Este fato produz a apreensão intuitiva destas formas como expressando a ação "global", "inteira", etc. Por definição, os accomplishments e os achievements só podem existir tendo o verbo da sentença esta forma: é apenas neste caso que é possível atestar a existência de

uma mudança do estado das coisas, seja ela gradual (accomplishments) ou abrupta (achievements). A flexão do imperfeito tem a função contrária (a da inclusão do tempo de referência no tempo de evento), produzindo o efeito da "ação incompleta", "em completamento", etc. Como dissemos, não há como existirem os accomplishments ou achievements, que necessariamente contêm a mudança do estado das coisas, gradual ou abrupta, quando a sentença inclui o verbo nesta forma. Por outro lado, como foi mostrado, nada impede que um estado ou uma atividade contenha um verbo no pretérito imperfeito ou no perfeito. Cf.:

(5.63)

Accomplishment

- a. Fr. *Je descendis l'escalier derrière la princesse.*
 b. Port. *Eu desci a escada atrás da princesa.*

(5.64)

Atividade

- Fr. a. *Je descendais l'escalier derrière la princesse, depuis...*
 b. *Il marchait pendant deux heures, depuis...*
 c. *Il marcha pendant deux heures.*
- Port. a'. *Eu descia a escada atrás da princesa, quando...*
 b'. *Ele andava durante duas horas, quando...*
 c'. *Ele andou durante duas horas.*

O esquema temporal correspondente a (5.63) a. e b. e a (5.64) c. e c'. será:

(5.65)



e o esquema que corresponde a (5.64) a., b., a'. e b':

(5.66)



Uma série de ações apresentadas pelos accomplishments ou achievements (obrigatoriamente no pretérito) dá um quadro de uma sequência de acontecimentos, onde cada ação seguinte ocorre após o término da anterior. Cf.:

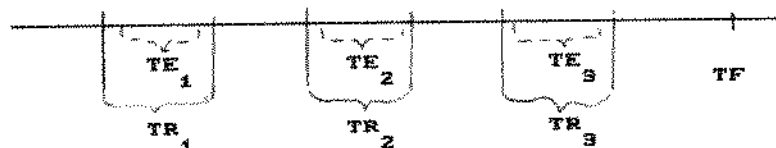
(5.67)

a. Fr. *Elle déposa sa gerbe de fleurs sur la tombe ornée d'un petit monument... Elle s'agenouilla et, tout en priant, elle essuya une larme furtive.*

b. Port. *Ela depositou seu buquê de flores sobre a tumba decorada com um pequeno monumento... Ela ajoelhou-se e, rezando, enxugou uma lágrima furtiva.*

O esquema temporal destas sequências pode ser representado como:

(5.67')



Na sua análise do imparfait francês, Kamp e Rohrer (1983) mostram que uma situação expressa pela sentença com esta forma verbal sempre inclui seu TR e que se este TR inclui o evento referido na sentença anterior, a situação referida pela sentença no imparfait inclui esse evento também. Eles observam que só quando a sentença-imparfait contém um advérbio especial, ela não inclui o evento anterior:

(5.68)

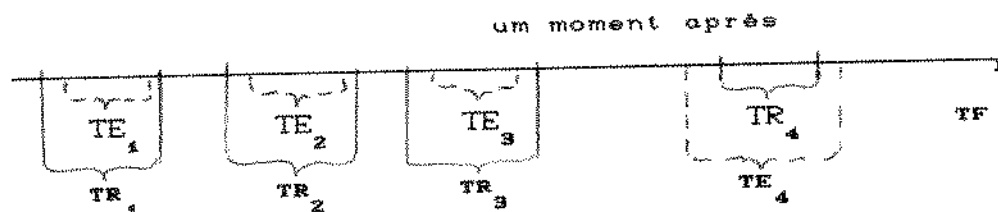
Le docteur entra chez lui et vit sa femme debout. Il lui sourit. Un moment après elle pleurait.

O doutor entrou em casa e viu sua mulher (parada) de pé.

Ele lhe sorriu. Um momento depois ela chorava.

O esquema temporal correspondente será:

(5.68')



A última sentença da sequência (5.68) (a sentença-imparfait) contém um advérbio que "pospõe" (*updates*) o TR. Não existindo este advérbio, a situação referida pela sentença-imparfait incluiria obrigatoriamente os TR dos eventos anteriores. Cf.:

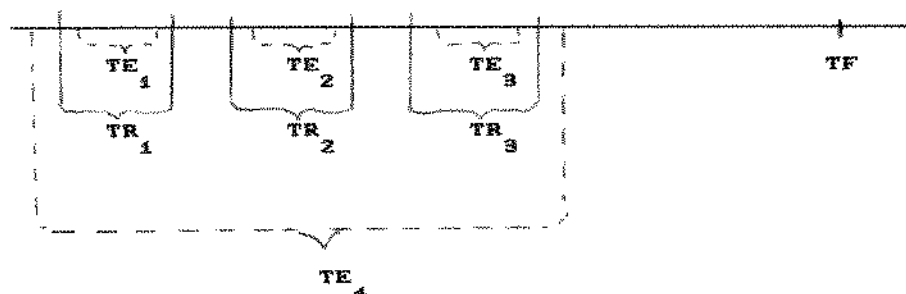
(5.69)

Le docteur entra chez lui et vit sa femme debout. Il lui sourit. Elle pleurait.

O doutor entrou em casa e viu sua mulher (parada) de pé.
Ele lhe sorriu. Ela chorava.

Agora o esquema temporal é diferente. Cf.:

(5.69')



5.14 Os advérbios temporais, a propriedade-EP e o aspecto

A relevância dos EPs para definir uma sequência pode ser demonstrada também pela interação entre os advérbios temporais e os verbos do predicado.

A análise feita por Hatav da ocorrência dos advérbios

temporais num corpus do hebraico bíblico revela uma forte conexão entre tais advérbios e a estrutura da sequência, demonstrando, segundo Hatav, uma interrelação fraca entre as classes aspectuais e esta estrutura. Os advérbios de tempo coocorrem com ambas as formas verbais do hebraico bíblico (a sequencial - perfectiva - *wayyiqtol* e a contra-sequencial - imperfectiva - *qotel*), mas em distribuição complementar com estas categorias. Assim, só os advérbios que se referem a um ou a os dois EPs coocorrem com as formas verbais sequencias (perfectivas), enquanto os advérbios que coocorrem com as formas 'participiais' (contra-sequenciais, imperfectivas) se referem a algum intervalo de uma situação com os EPs excluídos. Com base nesta observação, Hatav distingue três tipos de advérbios:

- os *advérbios de precedência*⁹: se referem a um dos EPs;
- os *delimitadores*: delimitam a duração de um estado ou uma atividade, ligando ("fechando") seus EPs;
- os *advérbios de inclusão*: indicam que o TR da situação está incluído nela.

5.14.1 Os advérbios de precedência

Considerem-se os exemplos abaixo, em que as sentenças (5.70)a. e (5.71) a. indicam as situações com EPs e as (5.70) b. e (5.71) b. indicam as situações "de inclusão" (sem os EPs):

(5.70)

a. *The baby fell asleep.* O nenê dormiu(adormeceu)/*dormia.

b. *The baby was sleeping.* O nenê estava/*esteve dormindo.

(5.74)

- a. *The baby fall asleep; and then I sat down to do some work.*
 b. **The baby was sleeping;*

(5.74')

- a. *O nenê dormiu/*dormia; e depois eu sentei para trabalhar um pouco.*
 b. **O nenê estava/?estteve dormindo;*

(5.75)

- a. *John built the house, and only then he got married.*
 b. **John built houses,*

(5.75')

- a. *João construiu/*construia a casa, e só depois ele casou.*
 b. *João construiu/?construiu casas,*

Em hebraico bíblico, segundo Hatav (1989), o advérbio *miquec* 'ao final de' (desde) se refere ao EP final e, desta maneira, interage com as formas sequenciais. Cf.:

(5.76)

wattiqah	saray	'e ^V set	'auram	'et	hagar
tomar+WAY	Sarah	mulher (de)	Abraão	ACC	Hagar
hamicrit	šifhata	miquec	'e ^V ser	šanim	le ^V sevet
a-egípcia	escrava-dela	do-fim(de)	dez	anos	sentar+GER
'auram	be'erec	kna'an	wattiten	'ota	
Abraão	no-país(de)	Canaã	dar+WAY	ACC-sua	
le'auram	'i ^V sa	lo	le'i ^V sa.		
para-Abraã	homem-dela	para-ele	para-mulher		

Sarah, a mulher de Abraão, trouxe Hagar, a moça-escrava egípcia, e deu-a a seu esposo Abraão como mulher. Quando isso aconteceu, Abraão estava em Canaã havia dez anos.

Os advérbios não só modificam os predicados, mas podem desempenhar um papel ativo na determinação da interpretação da sentença. Considere-se o exemplo de Dry (1981: 235):

(5.77)

This was more than silence... Here there was nothing to feel. Suddenly she was aware of her heart beating rapidly...

Isso era mais que o silêncio. Não havia nada para sentir. De repente, ela sentiu (percebeu) seu coração batendo rapidamente...

Dry comenta sobre este e outros exemplos que "... to remove 'suddenly' ... would remove the sense of time movement" (idem). Cf.:

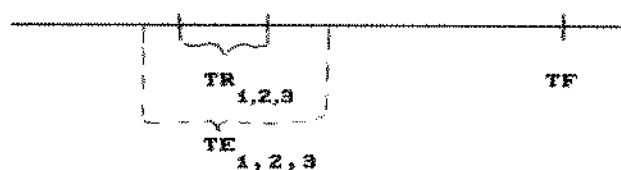
(5.78)

This was more than silence... here there was nothing to feel. She was aware of her heart beating rapidly...

Isso era mais que o silêncio. Não havia nada para sentir. Ela sentia (percebia) seu coração batendo rapidamente...

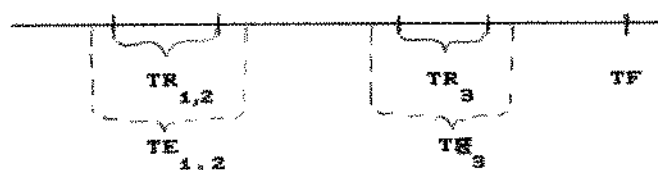
Isto quer dizer que, no caso de (5.78), as sentenças serão interpretadas como simultâneas, contendo o mesmo TR. Cf.:

(5.78')



O advérbio *suddenly* em (5.77) pós-põe o TR_3 , permitindo a sequência. O esquema temporal será, então, como segue:

(5.77')



Uma observação semelhante se encontra em Josman (1986) sobre hebraico moderno. Os exemplos de Josman revelam as oposições entre as sentenças com e sem advérbio *pit'om* de repente:

(5.79)

- a. *pit'om ra'iti 'et yael.*
de repente eu-vi/via ACC Yael.
- b. *ra'iti 'et yael.*
eu-vi/via ACC Yael.

De acordo com Josman, a sentença a. adquire um EP porque o

advérbio *pit'om/de repente* é pontual (intuitivamente falando) e, conseqüentemente, a sentença também é pontual. Este não é o único advérbio que torna o estado incoativo. Smith (1983) analisa as sentenças com *before/antes* e *after/depois*; Partee (1984) afirma que *when/quando* (em um de seus sentidos) transforma o estado típico num incoativo.

Dowty (1986) analisa os verbos estativos do tipo *see* como ambíguos, que permitem as interpretações estativa e incoativa. Um advérbio como *suddenly/de repente* funciona como um 'desambiguador', permitindo uma interpretação única, incoativa.

Em hebraico bíblico, não há ambigüidade e os advérbios deste tipo interagem só com as formas sequenciais, como mostra Hataav:

(5.80)

wayyavo 'alehem yeho^Vsuwa' pit'om
 chegar+way a-eles Joshua de repente
 Joshua chegou perto deles de repente.

O mesmo acontece em russo:

(5.81)

- a. vdrug pojavilas' (Perf.) figura v belom.
 de-repente apareceu figura em branco.
 De repente apareceu uma/a figura (vestida) de branco.
- b. *vdrug javl'alas' (Imp.) figura v belom.
 *de-repente aparecia figura em branco.

Assim, enquanto os advérbios do tipo *de repente* são cruciais para os deslocamentos de significado nas línguas como inglês e hebraico moderno, nas línguas como hebraico bíblico e russo, estes advérbios são usados para modificar um estado já determinado como incoativo pela forma *foreground* (*perfectiva*). Em português, o advérbio, interagindo com a forma de pretérito perfeito, funciona como modificador. Com o pretérito imperfeito, este advérbio funciona como uma espécie de "deslocador" de significado (não alterando em nada a relação entre TR e TE estabelecida pela forma verbal).

5.14.2 Os delimitadores

Os advérbios do segundo grupo - os delimitadores - são cruciais tanto em hebraico bíblico como em hebraico moderno e em inglês. Os principais delimitadores são os advérbios de duração.

Como foi observado em Hatav (1989), os duracionais que podem ocorrer só com os estados e as atividades, combinam, em hebraico bíblico, exclusivamente com os verbos na forma sequencial *wayyiqtol*. Por exemplo:

(5.82)

wayehi mo^yse bahar 'arba'im yom we'arba'im
ser+way Moisés na-montanha quarenta dia e-quarenta
layla.
noite.

Moisés esteve na montanha quarenta dias e quarenta noites.

O advérbio 'arba'im yom we'arba'im layla/quarenta dias e quarenta noites se refere ao estado de Moisés permanecer na montanha como a uma situação holística (nas palavras de Comrie 1976 para os exemplos semelhantes), ou seja, a sentença "junta" o período de quarenta dias e quarenta noites num único todo completo. Os advérbios delimitadores são usados para delimitar a duração dos estados e das atividades, i.e., restringir seu conjunto de subintervalos. Hatav (1989) enfatiza que

... what is delimited by the adverbs is the state and not the R-time. The R-time ... is always delimited (specifically or unspecifically) (Hatav; 1989: 507).

O estado (ou a atividade) delimitado se comporta como um evento mas só no que se refere à propriedade-EP e (portanto) à sequencialidade. Isto explica a diferença na aceitabilidade das sentenças seguintes:

(5.83)

- a. *John slept for ten hours, and only then started to work.*
- b. **John slept,*

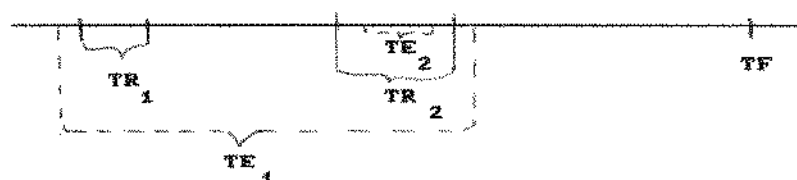
(5.84)

- a. *John dormiu dez horas,* *e só depois começou a trabalhar.*
- b. **John dormia,*
- c. **John dormia dez horas,*
- d. *John dormiu,*

Em (5.83) a. e (5.84) a., a sentença que indica o estado de

dormir contém também o advérbio delimitador *for ten hours/(durante) dez horas*, que estabelece os EPs. Em (5.84) d., as pontas são estabelecidas sem a participação do advérbio delimitador devido à ação do operador aspectual que é a flexão em português. A primeira sentença em (5.83) b., por outro lado, parece estar "abandonada" no que se refere aos EPs, correspondendo às sentenças (5.84) b. e c. com o verbo no pretérito imperfeito em português. Assim, a interpretação mais natural das sentenças (5.83) b. e (5.84) b. e c. é como se não tivesse os EPs (TR incluído no TE). E é justamente devido a esta interpretação que o evento denotado na segunda sentença é interpretado como se acontecesse durante o estado de dormir (simultaneamente). Esta idéia de simultaneidade se choca com a informação dada pelo advérbio *only then/só depois*. Cf. o esquema temporal que corresponde a (5.83) b. e (5.84) b. e c.:

(5.85)



Isso explica por que os advérbios duracionais em hebraico bíblico são encontrados com as formas verbais sequenciais e nunca podem interagir com a forma contra-sequencial *qotel*. Observe-se mais um ponto importante: um verbo estativo na forma sequencial

não é simplesmente capaz de interagir com os delimitadores, como também tem que ser modificado por eles, se deve denotar uma eventualidade holística e não incoativa.

Em russo, este advérbio delimitador é capaz de interagir com as formas imperfectivas, delimitando-as e fornecendo-lhes a possibilidade de aparecer na sequência, como foi mostrado no exemplo (5.10) que transcrevemos aqui:

(5.10)

On žil (Imp.) v Moskve tri goda i perejexal (Perf.) v Leningrad.

Este é o caso de um advérbio "fechar" os EPs, não atribuindo com isso a perfectividade à sentença. Assim, somos forçados a considerar que, aqui, se trata de inclusão imprópria, i.e., neste caso, o TR e o TE coincidem. No capítulo 6, analisaremos esse tipo de exemplos mais detalhadamente.

Além dos duracionais, existem outros delimitadores, que são do tipo *ten times/dez vezes*, chamados por Mourelatos (1978) de *cardinal count adverbs* e por outros linguistas de *iterativos*. Esses advérbios se referem ao número de ocorrências da mesma situação (seja ela um *accomplishment/achievement* ou um estado/atividade como a um todo, como se fosse uma única situação, onde seu ponto inicial é a primeira ocorrência e seu ponto final é a última ocorrência).

Estes advérbios interagem só com as formas verbais

sequenciais em hebraico bíblico, como mostra Hataav (1989):

(5.86)

wayyered wayyitol bayarden ^Vseva pe'amin
 descer+way mergulhar+way no-Jordan sete vezes
 kidvar 'is ^V ha'elohim wayyasov ^V
 como-palavra (de) homem (de) o-senhor voltar+way
 besaro kiusar na'ar qaton wayyithar.
 carne-dele como carne (de) menino pequeno purificar+way

Ele desceu e mergulhou sete vezes no Jordão, conforme as palavras do homem de Deus, e sua carne ficou de novo como a carne de um menino, e ele purificou-se.

O evento de *mergulhar* aconteceu sete vezes, mas, como nada é mencionado entre as ocorrências, todas as situações mencionadas antes e depois das sete ocorrências de *mergulhar* são interpretadas como tendo acontecido na sequência mencionada. Observe-se que os verbos das situações mencionadas antes e depois do mergulho também estão na forma sequencial *wayyiqtol*.

Como mostram Hoepfman e Rohrer (1980), também em francês os advérbios iterativos têm sua coocorrência limitada ao passé simple:

(5.88)

a. *Jean dansait trois fois.

*Jean dançava três vezes (possível só na leitura iterativa, por exemplo: *O ano passado, Jean dançava três vezes por semana*)

b. *Jean danse trois fois.*

Jean dançou três vezes.

Quando o delimitador *trois fois/três vezes* combina com o verbo do predicado no imparfait, em (5.88) a., dá origem a uma sentença mal formada, enquanto combinado com o mesmo verbo no passé simple em (5.88) b., resulta numa sentença é bem formada. O mesmo fenômeno se observa em português, com as formas imperfeito x pretérito perfeito.

Em inglês, são as formas progressivas (cuja função, como vimos, é a de retirar os EPs e, com isso, tornar a eventualidade imperfectiva) que não podem co-ocorrer com um advérbio deste tipo:

(5.89) **John was dancing three times,*

enquanto em português, de novo, a gramaticalidade da combinação do progressivo com esses advérbios depende da forma do auxiliar:

(5.89')

a. **John estava dançando três vezes.*

b. *John esteve dançando três vezes.*

5.14.3 Os advérbios 'de inclusão'

Os dois tipos de advérbios discutidos se referem a um ou aos dois EPs da situação e com isto delimitam os estados e as atividades, fazendo com que eles possam aparecer numa sequência. É por isso que esses advérbios não podem coocorrer com as

5.15 Resumo do capítulo 5.

Da nossa discussão decorre que a propriedade-EP é uma propriedade inerente dos accomplishments e achievements, que se infere logicamente da definição dessas classes aspectuais; os estados e as atividades, por outro lado, não acarretam a existência dos EPs, mas, ao mesmo tempo, também não acarretam a ausência obrigatória desses EPs, ou seja, são flexíveis a este respeito. Em outras palavras, não existe uma classe aspectual que implique [-EP]. Quando possuem os EPs, os estados e as atividades podem aparecer numa sequência da mesma maneira que os accomplishments e os achievements.

Definimos o aspecto como a relação entre o tempo de referência e o tempo de evento e as relações específicas de inclusão mantidas entre os dois tempos como o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo.

NOTAS

1. Como já foi observado no capítulo 1, a propriedade de distributividade determina a relação entre a eventualidade e qualquer uma de suas partes: qualquer parte de um estado ou de uma atividade é o mesmo estado ou a mesma atividade. Isto também decorre da nossa definição das classes aspectuais (vide capítulo 4).

2. A implicação só é válida para a leitura-accomplishment, ou seja, se trata de uma única situação. Assim, a leitura corresponde ao teste *at x time/em tempo x* e não *for x time/durante o tempo x*.

3. A mesma conclusão é a de Mourelatos (1978), como já mencionamos no capítulo 1. Cf.: "Vendler (1967, pp.111-112) classifies know as a state, but then has no way to explain how in *And then suddenly I knew!* it can have the "insight sense", which is the sense of an achievement" (p.196).

4. Podemos concordar com essas análises ou não. Em todo caso, todas as abordagens mencionadas apresentam problemas.

5. Ilari (comunicação pessoal) observou que, quando se fala "ontem", geralmente não se pensa no dia inteiro de ontem, mas

numa parte desse dia. Assim,

Anteontem Maria estava de jeans; ontem estava de bermudas

pode referir uma constatação a respeito de alguém que passa pelo escritório em que trabalha aquele que proferiu a sentença acima somente cinco minutos por dia, para vender café, por exemplo.

6. Como já dissemos, neste trabalho não pretendemos fazer uma análise exaustiva do aspecto em português, que envolve numerosas formas verbais. Gostaríamos apenas mencionar que em português acontece uma coisa curiosa com o progressivo com o auxiliar no pretérito perfeito. Entendemos, ao contrário do que afirma Lopes; 1987, que o gerúndio é uma forma verbal que representa situações sem EPs e, portanto, imperfectivas. Cf.:

Andando pelo mato, Florisberto encontrou um tatu.

Com o auxiliar na forma mencionada, o progressivo carrega uma espécie de contradição notada por Travaglia (1984: 219-220). Sobre a nossa concepção da semântica e das funções do progressivo em português cf. Godoy 1990.

7. O conhecimento das coisas no mundo intervém fortemente na aceitação ou não da coocorrência do verbo com o adverbial. Cf.:

Ataxerxes escreveu o bilhete às 11 horas

e

**Ataxerxes escreveu a sua tese às 11 horas.*

Sendo a situação de escrever uma tese mais prolongada que a situação de escrever um bilhete (sabemos disso devido a nossa experiência), é impossível que o evento seja incluído por inteiro no seu TR.

8. Sobre algumas possibilidades do estabelecimento do TR cf. Ikeda 1992.

9. Estamos mantendo aqui os nomes das classes de advérbios dados por Hatav (1989), embora não nos pareçam muito felizes.

CAPÍTULO 6.

O ASPECTO NAS LÍNGUAS ESLAVAS

Os sistemas aspectuais das línguas eslavas sempre ocuparam um lugar importante nas discussões sobre o aspecto em geral e, como foi visto acima, geraram toda uma linha de estudos chamada por Dahl de "oriental". Desde o século XIX mantém-se na eslavística a idéia de que existem dois aspectos verbais: o perfectivo e o imperfectivo, a divisão que se deve principalmente às diferenças morfológicas entre as duas classes de verbos.

6.1 A tipologia das línguas eslavas

As línguas eslavas, como as outras línguas indo-européias, tinham originalmente uma distinção aspectual nos tempos do passado: aoristo e imperfeito. O aspecto verbal morfológicamente expresso formou-se em russo, ucraniano, bielorusso e polonês bastante recentemente: no final do século XVI-começo do século XVII e substituiu o antigo vasto sistema de tempos verbais. Esta distinção morfológica que não se restringe ao tempo passado é

a Slavonic innovation, shared partly with the closely related Baltic languages, and without any systematic parallel in the other branches of Indo-European. (Comrie; 1976: 89).

Dentro das línguas eslavas modernas, podem-se distinguir três tipos principais dos sistemas de pretérito:

- setentrional;

- balcânico meridional;
- serviocroata.

O tipo setentrional cobre a maior parte das línguas eslavas: as línguas eslavas orientais (russo, ucraniano, bielorusso), ocidentais (tcheco, eslovaco, polonês) e, entre as meridionais, o esloveno (cf. o mapa). Em todas estas línguas inexistia a oposição imperfeito : aoristo. O perfeito do eslavo antigo se transformou no pretérito universal e o plusquamperfeito do tipo do eslovaco *bol som volal/tinha querido* ou do ucraniano *buv xodiv / tinha andado* se tornou um elemento facultativo do paradigma ou, então, adquiriu um valor modal como em russo *xotel bylo/teria querido*. Assim, a oposição aspecto-temporal principal (dentro do pretérito) - e única em russo e em polonês - é a oposição pretérito perfectivo : pretérito imperfectivo:

(6.1)

a. rus.	<i>napisal</i> (Perf.)	: <i>pisal</i> (Imp.)
	escreveu/tinha escrito	: escrevia/estava
		escrevendo
b. pol.	<i>zamówilem</i> (Perf.)	: <i>mówilem</i> (Imp.)
	disse/tinha dito	: dizia/estava dizendo

O tipo "contrário" é o balcânico meridional, o tipo mais complexo. Neste tipo entram duas línguas eslavas: o búlgaro e o macedônio. Aqui, coexistem os aspectos morfologicamente expressos imperfectivo e perfectivo e os tempos do pretérito: imperfeito,

DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS ESLAVAS NA EUROPA

(JAKOBSON - 1955)



aoristo e plusquamperfeito. A diferença do sérvio-croata (adiante), o aoristo em búlgaro e macedônio pode ser formado tanto a partir dos radicais perfectivos, como a partir dos imperfectivos. Cf.:

(6.2)

búl. *pisa* (Imp., AOR) escreveu/escrevia
 napisa (Perf., AOR) escreveu/tinha escrito

O terceiro tipo - o sérvio-croata - se encontra como que no meio entre o tipo com aoristo (balcânico meridional) e o sem aoristo (setentrional). Nesta língua, o aoristo e o imperfeito são raros e se pode dizer que em serviocroata contemporâneo o perfeito está se tornando o tempo passado universal. O sérvio-croata possui uma plétora de formas verbais. De acordo com Corbett (1987),

Serbo-Croat is moving from the system based on tense in which aspect has a central role, but it has not lost the redundant tense forms as most other Slavonic languages have. A concomitant change involves greater use of compound tenses... Serbo-Croat preserves two more simple tenses, the imperfect and the aorist... (pp.401-2)

Entre estes dois tempos simples, o imperfeito "indicates action in process in the past", e o aoristo "is normally used for a completed single action in the past" (p.402). Sendo o sistema aspectual sérvio-croata semelhante ao das outras línguas eslavas

tanto por sua morfologia (os perfectivos são tipicamente derivados dos imperfectivos por prefixação, e os imperfectivos derivados dos perfectivos por sufixação), como por sua semântica, não é surpreendente que o imperfeito é encontrado com os verbos imperfectivos e o aoristo, com os perfectivos. Cf.:

(6.3)

s-cr *znaħ* (imperfeito, verbo imperfectivo) '(eu) sabia'
 sàznaħ (aoristo, verbo perfectivo) '(eu) soube/sabia'

Assim, em sérvio-croata, a oposição imperfectivo/perfectivo acaba "dublando" a oposição imperfeito/aoristo, o que leva a uma rápida substituição destes tempos pelo passado composto ("perfeito"), que pode ser formado pelos verbos de ambos os aspectos. Cf.:

(6.4)

znào sam (imp.) : *saznào sam* (perf.)
 eu sabia/estava sabendo : eu soube/sabia

A primeira destas formas substitui o imperfeito, e a segunda, o aoristo. Entretanto, em algumas regiões da Croácia, o aoristo continua sendo preservado.

6.2 A morfologia da oposição aspectual

O princípio morfológico da oposição aspectual é o seguinte: os verbos "simples", sem nenhum prefixo, são os imperfectivos. O acréscimo de um prefixo torna o verbo perfectivo. Em russo, por exemplo, existem 22 destes prefixos, em polonês 16 e em

ucraniano, 13. Entretanto, o fenômeno não é tão simples e direto. Como já mencionamos no capítulo 2, através da sufixação, é possível formar novos verbos, agora imperfectivos. Este mecanismo mostra que os prefixos não são apenas uma marca aspectual, mas carregam um significado "quase" lexical. Cf.:

- a. rus. $\overset{V}{ucit'}$ estudar - imp.
 $\overset{V}{vyucit'}$ aprender (a fundo) - perf. por prefixação
 $\overset{V}{vyucivat'}$ aprender (a fundo) - imp. por sufixação
- b. pol. $\overset{V}{rwac}$ romper - imp.
 $\overset{V}{oberwac}$ romper (de vez) - perf. por prefixação
 $\overset{V}{obrywac}$ romper - imp. por alomorfia do radical
- c. s-cr. $\overset{V}{zvati}$ chamar - imp.
 $\overset{V}{nazvati}$ chamar (de vez) - perf. por prefixação
 $\overset{V}{nazyvati}$ chamar - imp. por alomorfia do radical

Em outras palavras, os prefixos trazem as modificações semânticas e funcionam como verdadeiros advérbios (cf. Martinet, 1985¹):

(6.6)

- rus $\overset{V}{molcat'}$ estar calado / $\overset{V}{zamolcat'}$ calar-se
 $\overset{V}{dumat'}$ pensar / $\overset{V}{razdumat'}$ deixar de pensar
 $\overset{V}{otkryt'}$ abrir / $\overset{V}{priotkryt'}$ abrir um pouco

Desta maneira, o sistema aspectual das línguas eslavas dispõe de sufixos e, principalmente, prefixos que marcam o

aspecto formalmente. Entretanto, os prefixos puramente aspectuais são raros. Na maioria dos casos, os prefixos formam um verbo perfectivo - embora nem sempre, como veremos adiante, ao contrário do que afirma Soares (1984), por exemplo, - mas acrescentando ao mesmo tempo seu próprio significado ao verbo inicial. Cf. em russo:

(6.7)

tolkat' empurrar - *vytolkat'* empurrar para fora
pisat' escrever - *perepisat'* reescrever, copiar

Em russo e em outras línguas do tipo setentrional, esta oposição aspectual atravessa todo o sistema verbal. Cf.:

(6.8)

russo

- infinitivo: *čitat'* (Imp.) - *pročitat'* (Perf.) 'ler';
- não-passado: *čitaju* (Imp.) - *pročitaju* (Perf.) 'leio, lerei',
 onde a forma imperfectiva indica o presente, e a perfectiva, o futuro, existindo também um futuro imperfectivo composto: *budu čitat'* 'vou ler';
- passado: *čital* (Imp.) - *pročital* (Perf.) 'li, lia';
- imperativo: *čitaj* (Imp.) - *pročitaj* (Perf.) 'le'

polonês

pisac' (Imp.) - *napisac'* (Perf.) 'escrever'
pisze (Imp.) - *napisze* (Perf.) 'escrevo,
 escreverei'

<i>pisal</i> (Imp.)	- <i>napisal</i> (Perf.) 'escrevia/ escrevi'
<i>pisz</i> (Imp.)	- <i>napisz</i> (Perf.) 'escreve'

tcheco

<i>nest</i> (Imp.)	- <i>přinest</i> (Perf.) 'carregar, trazer'
<i>nesu</i> (Imp.)	- <i>přinesu</i> (Perf.) 'carrego, carregarei, trarei'
<i>nesl</i> (Imp.)	- <i>přinesl</i> (Perf.) 'carregava, carreguei, trouxe'
<i>nes</i> (Imp.)	- <i>přines</i> (Perf.) 'carrega, traz'

Como vimos no capítulo 2, tomando como base de análise os modos de ação e levando este procedimento até as últimas consequências, poderia se chegar a listas infinitas, que acabam não explicitando e não elucidando nada.

6.3 Os usos dos aspectos perfectivo/imperfectivo conforme as gramáticas russas

Antes de passarmos à nossa abordagem do aspecto em russo, vejamos quais são os principais usos dos dois aspectos. Julgamos interessante mostrar como os aspectos ficam descritos na literatura lingüística russa. Faremos um resumo, mas as descrições como esta abundam nas gramáticas - e não apenas nas

gramáticas tradicionais - russas (cf. Smelev^v; 1959, Maslov; 1962, Bondarko; 1971; 1975, Belošapkova^v; 1981, Jasnova; 1977, Avilova; 1975, Plužnikova^v; 1982, Rozental; 1984). Na medida do possível, usaremos aqui também a terminologia destas gramáticas.

6.3.1 Uso dos aspectos na expressão da ação única

Aspecto imperfectivo.

- Processo ativo que tende para um fim, resultado:

(6.9)

Večerom ja gotovilsja (Imp.) k seminaru, a brat
 À noite eu preparava-me para seminário+Acc e irmão
perevodil (Imp.) tekst.

traduzia texto+Acc.

À noite eu me preparava//estava/estive me preparando para o seminário, e o irmão traduzia//estava/estive traduzindo o texto.

(6.10)

Kogda ja prišol (Perf.) k nemu, on jescō^{vv}

Quando eu cheguei para ele+Dat ele ainda

gotovilsja (Imp.) k seminaru.

preparava-se para seminário+Dat.

Quando cheguei na sua casa, ele ainda se preparava/estava se preparando para o seminário.

- Ação prolongada que preenche um intervalo de tempo:

(6.11)

My uže legli (Perf.) spat', a on ješčo

Nós já deitamos dormir mas ele ainda

čital (Imp.).

lia lendo.

Nós já fomos dormir e ele ainda estava lendo.

(6.12)

My tselyj večer sobiralis' (Imp.) v dorogu.

Nós inteira noite preparávamos para viagem+Acc.

A noite inteira ficamos fazendo preparativos para a viagem.

- Ação prolongada que serve de fundo para outras ações:

(6.13)

Zensčina kupala (Imp.) frukty. Ona pošla (Perf.) na

Mulher comprava frutas+Acc. Ela foi a

rynok+Acc i kupila (Perf.) apel'siny. Potom

feira e comprou laranjas+Acc. Depois

zašla (Perf.) v magazin i kupila (Perf.)

deu-um-pulo a supermercado+Acc e comprou

ananas.

abacaxi+Acc.

A mulher estava comprando frutas. Ela foi à feira e

e comprou laranjas. Depois deu um pulo no

supermercado e comprou um abacaxi.

Aspecto perfectivo

- Ação terminada que alcançou um resultado:

(6.14)

Kogda ja prišol (Perf.) k nemu, on uže

Quando eu cheguei para ele+Dat. ele já

podgotovilsja (Perf.) k seminaru.

preparou-se para seminário+Dat.

Quando cheguei na sua casa, ele já tinha se preparado para o seminário.

- Ação prolongada limitada por algum limite temporal:

(6.15)

On počital (Perf.) nemnogo i l'og (Perf.) spat'.

Ele leu um-pouco e deitou dormir.

Ele leu um pouco e foi dormir.

6.3.2 Uso dos aspectos para expressar ações repetidas

Aspecto imperfectivo

A interpretação iterativa dos verbos imperfectivos depende em muito do significado lexical do próprio verbo e também dos elementos do contexto. São normalmente os adjuntos adverbiais que indicam que as ações são reproduzidas mais de uma vez e separadas por intervalos de duração (in)definida:

(6.16)

Osenju každyj den' (často, inogda, vremja ot

Em-otono cada dia (freqüentemente, às-vezes, de-vez-em-

uremeni) šol (Imp.) dozd^v.

quando ia chuva.

No outono choveu/chovia todo dia (frequentemente, às vezes, de vez em quando).

Aspecto perfectivo

Os verbos perfectivos expressam ações repetidas em certos tipos de contextos. O significado do verbo é de totalidade, e no contexto é obrigatória a presença dos indicadores de repetição (com a palavra *raz* 'vezes'). Neste caso, o falante entende as ações repetidas como uma soma de eventos concretos. As subações são entendidas, então, como separadas por intervalos de tempo mínimos. Entretanto, às vezes até as ações separadas por intervalos longos podem ser unidas, agrupadas pela mente do falante numa ação total, inteira. Cf.:

(6.17)

Ja procital^v (Perf.) etu stat'ju tri raza podrjad,

Eu li este artigo+Acc. três vezes seguidas,

no tak ničego i ne pon'al (Perf).

mas assim nada mesmo não entendi.

Eu li este artigo três vezes seguidas, mas assim mesmo não entendi nada.

6.3.3 Uso dos aspectos para expressar o fato do acontecimento da ação

Para expressar o fato de que uma ação teve lugar no

passado, se usam ambos os aspectos verbais. A escolha do aspecto se deve às necessidades comunicativas do falante.

O falante usa o aspecto imperfectivo no sentido genérico-fatual, quando é suficiente simplesmente indicar, mencionar a ação sem caracterizá-la do ponto de vista de processualidade, iteratividade, resultatividade, atualidade para o momento de fala, etc. Este uso do aspecto imperfectivo é típico dos diálogos, quando o falante simplesmente constata o fato da ação, ou se refere à ação, revelando alguns detalhes, etc.:

(6.18)

- *Nado by polit' (Perf.) tsvety.*

Necessário seria regar flores.

- *Ja uže polival (Imp.) / Ja uže polil (Perf.)*

Eu já reguei. / Eu já reguei.

- Seria bom regar as flores.

- Eu já reguei.

Os verbos perfectivos se usam para expressar o fato, quando o falante tem a necessidade de comunicar que uma situação surgiu, aconteceu, finalizou:

(6.19)

Učitel' uže objasnil (Perf.) nam, kak rešajutsja (Imp.)

Professor já explicou nos, como resolvem-se

takiye zadaci.

tais problemas.

O professor já nos explicou como se resolvem esses problemas.

6.3.4 Uso do aspecto do verbo no infinitivo

O que distingue o verbo eslavo dos verbos de outras línguas indo-eropéias é que o aspecto também é marcado no infinitivo. Segundo os aspectólogos russos, a diferença propriamente aspectual é a diferença da possibilidade da expressão das ações únicas (perfectivo) e as repetidas (imperfectivo). Cf.:

(6,20)

- a. *Sovetuju provetrivat'* (Imp.) *komnatu.*
Aconselho arejar (o) quarto+Acc.
- b. *Sovetuju provetrit'* (Perf.) *komnatu.*
Aconselho dar uma arejada (no) quarto+Acc.

Ainda de acordo com as gramáticas russas, para expressar o fato de ação pelas formas do infinitivo, se usam ambos os aspectos, mas o uso "preferencial" é o do perfectivo. Isso é explicado pelo fato de que os verbos no infinitivo normalmente indicam ações que ainda não tiveram lugar, ou seja, ações possíveis, desejáveis, necessárias, i.e., a modalidade. Relacionando a realização da ação com o futuro, o falante entende essa futura ação como inteira, completa, sem prestar atenção às diferenças reais no caráter da sua realização.

Como o infinitivo combina freqüentemente com as palavras modais, essas combinações "carregam" diversas modalidades, dependendo do aspecto verbal:

(6.21)

- a. V etom meste ulitsu perexodit' (Imp.)

Em este+Prep. lugar+Prep. rua+Acc. atravessar

nel'zja.

não-se-pode.

- b. V etom meste ulitsu perejti(Perf.)

Em este+Prep. lugar+Prep. rua+Acc. atravessar

nel'zja.

não-se-pode.

Neste local não se pode atravessar a rua.

No caso de (6.21) a., com o verbo imperfectivo, a sentença é interpretada como a proibição de atravessar a rua, (i.e., a modalidade deontica). Em (6.21) b., com o verbo perfectivo, a interpretação é de impossibilidade de atravessar a rua (ou seja, a modalidade factual). Compare com outro par de exemplos:

(6.22)

- a. Nel'zja vxodit' (Perf.) v auditoriju vo vremja

Não-se-pode entrar em sala+Acc. em tempo

ekzamina.

(de)exame+Gen.

Não se pode entrar na sala na hora do exame.

(6.23)

Nel'zja vojti (Perf.) v auditoriju: dver' zaperta.

Não-se-pode entrar em sala+Acc: porta trancada.

Não se pode entrar na sala: a porta está trancada.

Como se vê do exposto no capítulo 2, a abordagem estruturalista, a única (com a exceção da proposta de Padučeva (1990) que a lingüística russa (e as tentativas de alguns lingüistas ocidentais: cf. Forsyth; 1970, Timberlake; 1982, Hamburger; 1984) oferece sobre o assunto se mostra insuficiente e leva esses lingüistas aos apelos constantes para as "intenções do falante", as "necessidades comunicativas do falante", noções tampouco recebem um tratamento coerente.

6.4 As classes aspectuais em russo

De acordo com as definições, que demos das classes aspectuais, teremos

o estado em

(6.24) Zina znajet (Imp.) otvet.

Zina sabe (a)resposta+Acc.

(6.25) On žil (Imp.) v Moskve tri goda

Ele viveu/vivia em Moscou+Prep. três anos+Gen.

/* za god.

/* em (um)ano+Acc.

- (6.26) *On prožil* (Perf.) *v Moskve tri goda*
 Ele viveu/vivia em Moscou+Prep. três anos+Gen.
 /* *za god.*
 /* *em (um)ano+Acc.*

a atividade em

- (6.27) *Ivan risoval* (Imp.) *kartinu v tečenije*
 Ivan pintou/pintava (o)quadro+Acc. durante
 čas /**za čas.*
 hora+Gen. /**em (uma)hora+Acc.*

- (6.28) *Ivan porisoval* (Perf.) *kartinu v tečenije*
 Ivan pintou/pintava (o)quadro+Acc. durante
 čas /**za čas.*
 hora+Gen. /**em (uma)hora+Acc.*

o accomplishment em

- (6.29) *Ivan narisoval* (Perf.) *kartinu za*
 Ivan pintou (o)quadro+Acc em
 čas /**v tečenije čas.*
 (uma)hora+Acc /**durante (uma)hora+Gen.*

e o achievement em

- (6.30) *Ivan našel* (Perf.) *rešenije za čas*
 Ivan encontrou (a)solução em (uma)hora+Acc.

Os advérbios do tipo *za čas* /em uma hora e *v tečenije časa*/durante uma hora que figuram nos nossos exemplos são, na verdade, os advérbios que permitem distinguir as classes homeogêneas (distributivas) e heterogêneas (não-distributivas), i.e., estado/atividade vs. accomplishment/achievement. Também em russo, como se pode ver, o advérbio *v tečenije časa*/durante uma hora é compatível apenas com as classes homogêneas, enquanto o advérbio *za čas*/em uma hora coocorre apenas com as classes heterogêneas. Estes advérbios desambigam em inglês (ou em português) sentenças ambíguas em suas interpretações como atividade ou accomplishment.

Retomemos agora os testes de Declerck (1976b), dando também o equivalente russo:

(6.31)

- a. John drank a glass of whisky (in an hour) - bounded
 b. John vypil (Perf.) stakan viski (za čas)
 John tomou um copo de whisky (numa hora)

(6.32)

- a. John drank whisky (for hours) - unbounded
 b. John pil (Imp.) viski (neskol'ko časov)
 John tomou/tomava whisky (durante horas)

(6.33)

- a. John drew a circle on the floor (in an hour) -
 bounded

b. John narisoval (Perf.) krug na polu (za čas)

John desenhou um círculo no chão (numa hora)

(6.34)

a. (For hours) little girls drew a circle on the floor -

unbounded

b. (Neskol'ko časov) devočki rísovali (Imp.) krug na polu.

(Durante horas) as meninas desenharam/desenhavam um círculo no chão.

Das traduções que demos das sentenças inglesas para o russo, fica evidente que nesta língua a natureza aspectual da sentença depende apenas do verbo (e esta observação, na verdade, é contrária à de Verkuyl; 1972). Comparem-se agora as sentenças seguintes também emprestadas de Declerck (1986b) e também acompanhadas das equivalentes russas:

(6.39)

a. John drank six glasses of whisky in an hour. -

bounded

b. John vypil (Perf.) šest' stakanov viski za čas. -

bounded

c. *John pil (Perf.) šest' stakanov viski za čas. -

bounded/unbounded?

d. *John popil (Perf.) šest' stakanov viski za čas. -

bounded/unbounded?

John tomou seis copos de whisky numa hora.

(6.40)

a. *John drank six glasses of whisky for hours. -
bounded/unbounded?

b. *John vypil (Perf.) šest' stakanov viski neskoli'ko
časov. -

bounded/unbounded?

c. John pil (Imp.) šest' stakanov viski neskoli'ko časov.
unbounded

d. John popil (Perf.) šest' stakanov viski neskoli'ko časov.
bounded

John tomou seis copos de whisky durante horas.

(6.41)

a. John drank whisky for hours - unbounded

b. John pil (Imp.) viski neskoli'ko časov - unbounded

c. *John vypil (Perf.) viski neskoli'ko časov - bounded/
unbounded?

d. John popil (Perf.) viski neskoli'ko časov - unbounded

John tomou whisky durante horas.

(6.42)

a. *John drank viski in an hour - bounded/unbounded?

b. *John pil (Imp.) viski za čas - bounded/unbounded?

c. John vypil (Perf.) viski za čas - bounded

d. *John popil (Perf.) viski za čas - bounded/unbounded?

John tomou whisky numa hora.

Os exemplos mostram que o teste de Declerck serve, na verdade, para determinar se a eventualidade pertence a uma classe homogênea (estado ou atividade) ou não-homogênea (accomplishment ou achievement). Como se vê em (6.39) d., (6.40) d., (6.41) d. e (6.42) d., estamos diante das eventualidades perfectivas, que são *bounded*, i.e., têm os EPs por definição, e que, entretanto, não coocorrem com os advérbios do tipo *for hours/neskol'ko časov/* durante horas.

Como vimos, as propriedades aspectuais de sentenças em inglês não são determinadas pelas características lexicais do verbo: um SN ou um SP que estendem o verbo podem transformar uma atividade num accomplishment, por exemplo. Observem-se os exemplos de Dowty (1986) e os exemplos russos correspondentes:

(6.43)

- a. *John walked.* - atividade
- b. *John šol (Imp.)* - atividade
John andou/andava.

(6.44)

- a. *John walked to the station.* - accomplishment
- b. *John pošol (Perf.) na stantsiju* - accomplishment
- c. *John šol (Imp.) na stantsiju* - atividade
John foi (andou)/ia (andava) para a estação.

(6.45)

- a. *John walked a mile.* - accomplishment
- b. *John prošol (Perf.) milu.* - accomplishment

- c. *John šol* (Imp.) *milu*. - atividade

John andou/andava uma milha.

Em inglês e em português, em certos casos, é necessário por parte do ouvinte o conhecimento do mundo e do contexto para desambiguar as sentenças potencialmente ambíguas quanto ao aspecto e à classe aspectual. Em russo essa ambigüidade é praticamente nula devido ao papel do prefixo verbal (com seu significado próprio, como já observamos) e o papel do contexto na determinação do aspecto por parte do ouvinte torna-se infinitamente menor.²

6.5 O aspecto e as classes aspectuais em russo

Levando em conta os critérios estabelecidos para determinar as classes aspectuais e os testes que permitem distinguir os estados e as atividades (classes homogêneas), por um lado, e os accomplishments e os achievements (classes heterogêneas), por outro, podemos testar agora as sentenças russas com os verbos perfectivos e imperfectivos:

(6.46)

- a. *Viktor čital* (Imp.) *žurnal* - atividade
Viktor leu/lia/estava lendo (a)revista.
- b. *Viktor pročital* (Perf.) *žurnal* - accomplishment
Viktor leu (inteira) (a)revista.
- c. *Viktor počital* (Perf.) *žurnal* - atividade
Viktor leu (durante pouco tempo) (a)revista.

- d. *Viktor pročityval* (Imp.) *žurnal* - atividade
Viktor lia/estava lendo (a)revista.³

O que foi discutido acima nos leva a suspeitar que, em russo, qualquer verbo pode sozinho (sem SNs ou adverbiais) formar uma sentença que representará sem margem a ambigüidades ou um estado, ou uma atividade, ou um evento. O(s) afixo(s), além de determinar o aspecto deste verbo/sentença, acrescentam seu significado gramatical (quase lexical), que indica relações espaço-temporais, ao significado lexical e aspectual do verbo, i.e., funcionam como advérbios e, possivelmente devido a esse fato, os advérbios propriamente ditos que figurem por ventura na sentença, resultam redundantes (irrelevantes). Cf.:

(6.47)

- a. *Prygali* (Imp.) - atividade
Pulavam/pularam
- b. *Prygnuli* (Perf.) - achievement
Pularam/deram um pulo
- c. *Poprygali* (Perf.) - atividade
Pularam (durante pouco tempo)
- d. *Sprygnuli* (Perf.) - achievement
Pularam (de cima para baixo)
- d'. *Sprygivali* (Imp.) - atividade
Pulavam/pularam (de cima para baixo)
- e. *Pereprygnuli* (Perf.) - achievement

- Pularam (atravessando algo)
- e'. *Pereprygnuli* (Imp.) - atividade
Pulavam/pularam (atravessando algo)
- f. *Otprygnuli* (Perf.) - achievement
Pularam/deram um pulo (para o lado)
- f'. *Otprygnuli* (Imp.) - atividade
Pulavam/pularam (para o lado)
- g. *Vyprygnuli* (Perf.) - achievement
Pularam/deram um pulo (para fora)
- e assim por diante⁴.

As nossas conclusões sobre as classes aspectuais em russo diferem das conclusões de Padučeva (1990), para quem, por exemplo, *risujet* (*kružoček*) 'desenha/está desenhando (o/um círculozinho)', *čitajet* (*roman*) 'lê/está lendo (o/um romance)', *pokupajet* (*xleb*) 'compra/está comprando (pão)', *otkryvajet* (*okno*) 'abre/está abrindo (a/uma janela)', etc. (Padučeva; 1990: 10) são accomplishments. Isto acontece porque Padučeva, entre os critérios que adota, mantém a distinção télico/atélico e, incluindo na sua análise as classes aspectuais de Vendler, se atém à fase-mudança (que esquematizamos como $\Delta\phi$) como característica principal dos SV-accomplishments. Para nós, os exemplos citados serão atividades, exatamente por representarem a fase-mudança, já que consideramos como accomplishments apenas as mudanças completadas (ϕ).

Mantendo nossas definições e nossos critérios para determinar os aspectos e as classes aspectuais, chegamos assim à conclusão de que o russo não tem como confundir as interpretações atividade e accomplishment como acontece em inglês e em português, por exemplo:

(6.48)

Inglês

I read the book < =a. read from the book -> atividade
 =b. read the whole book -> accomplishment

(exemplo de Fillmore; 1974)

(6.49)

Português

Eu li o livro < =a. fiz a leitura do livro -> atividade
 =b. li o livro inteiro -> accomplishment

(6.50)

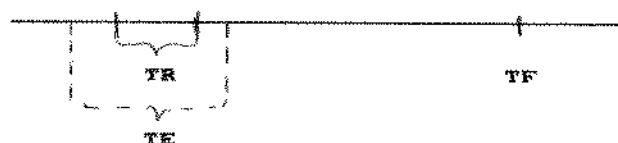
Russo

- a. *Ja čital* (Imp.) *knigu* - atividade
- b. *Ja pročital* (Perf.) *knigu* - accomplishment
- c. *Ja počital* (Perf.) *knigu* - atividade

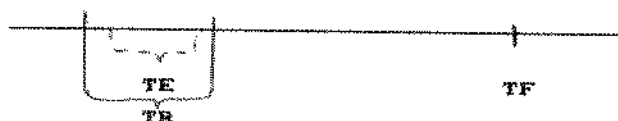
(6.50) a. e b. correspondem às duas leituras mencionadas por Fillmore. Seus respectivos esquemas temporais são:

(6.50')

a.



b.



Como (6.50) c. também é uma eventualidade perfectiva, seu esquema temporal será idêntico ao (6.50') b. Qual, então será a diferença entre as duas? Nos modos de ação, sendo (6.50) b. *resultativo* e (6.50) c. *delimitativo*? Como indicamos acima, (6.50) b. é um *accomplishment* e (6.50) c., uma atividade. Assim, a diferença entre as duas está na estrutura do TE: enquanto em (6.50) b., no intervalo I, em que a sentença é verdadeira, já aconteceu a passagem de $\Delta\phi$ para ϕ (*accomplishment*), em (6.50) c., no intervalo I, em que a sentença é verdadeira, permanece $\Delta\phi$, o que caracteriza uma atividade.

6.6 O problema do "uso perfectivo" do aspecto imperfectivo em russo

Existe um outro problema com essas sentenças. A sentença com o verbo imperfectivo (6.50) a. corresponderá muito bem a *Eu li o livro*, e o esquema temporal correspondente está de acordo com o que já mostramos para as sentenças com o pretérito imperfecto em português. No entanto, a mesma sentença também corresponde a *Eu li o livro*. Cf.:

(6.51)

- Você leu este livro?

- Li.

- Ty čital etu knigu?

- Čital.

Este fato já deixou (e continua deixando) perplexos os professores e estudantes do russo. Soares (1984: 173) expressa muito bem esta perplexidade, discutindo o ensino do aspecto russo:

... podemos partir dos contextos em que o imperfectivo russo corresponde ao imperfeito do indicativo português, e o perfectivo russo corresponde ao perfeito do indicativo português. Mas, para que não se firme a falsa noção de que essa correspondência seria absoluta, imediatamente deve-se dar exemplos do imperfectivo russo expressando *fato de maneira geral*, caso em que ele corresponde geralmente ao perfeito, em português, como já se viu (frases como *Ja ne čital etu knigu* "Eu não li este livro"; *Ja uže obedal* "Eu já almocei"; *Ja ješ'ë ne zavtrakal* "Eu ainda não tomei o café da manhã", etc.). Se não fizermos isso desde o início e trabalharmos apenas com os casos em que há coincidência com o português, na etapa mais adiantada os estudantes poderão ficar perturbados quando encontrarem nos livros frases que aparentemente "não seguem a regra" que eles formaram na sua mente no primeiro contato com a língua, e podem até formar a opinião de que na língua russa são abundantes as exceções às regras, ou de que não há muita regularidade no emprego dos aspectos.

Resta saber o que quer dizer "expressando *fato de maneira geral*"...

Como, então, é possível que uma sentença russa com o verbo imperfectivo corresponda a uma sentença portuguesa com o verbo no pretérito perfeito, que é, conforme já mostramos, essencialmente perfectivo? Soares não tem resposta a esta pergunta. Pelo contrário, contradizendo-se, Soares insiste nas descrições dos aspectos baseadas nos *Aktionzarten*, as únicas que a lingüística russa oferece:

Excetuando-se os casos acima (*justamente aqueles que estamos discutindo - E.G.*) que devem ser explicados à parte, o que é importante frisar desde o início e sempre, é que o perfectivo expressa uma *ação concreta, única, geralmente terminada*, e o imperfectivo expressa ou uma *ação em curso (cursivo)*, ou uma *ação prolongada (durativo)*, ou uma *ação repetida (iterativo)* (Soares; 1984: 174).

Uma tentativa feita pelo estruturalismo para dar conta dessa situação é a introdução da oposição *marcado/não-marcado* (cf. Comrie; 1976). Resumindo a posição dos aspectólogos russos, diz Soares (*idem*: 189):

os significados do perfectivo são mais nítidos, mais delimitados e restritos, por ser ele o membro marcado do par opositivo, ao contrário do imperfectivo, que tem âmbito de emprego muito maior, concorrendo em contextos do perfectivo, e significado aspectual mais variado, apresentando uma gama maior de valores secundários,

inclusive chegando a um uso quase neutro do ponto de vista aspectual, como no caso do *fato de maneira geral*, em que menos se sente a categoria de Aspecto e a própria ação verbal passa a primeiro plano.

Para responder à nossa pergunta, voltemos aos exemplos (5.10) e (5.8) discutidos no capítulo anterior:

(6.52) (5.10)

On žil (Imp.) v Moskve tri goda i perejexal v Leningrad.

Ele viveu em Moscou três anos e mudou-se para Leningrado.

(6.53) (5.8)

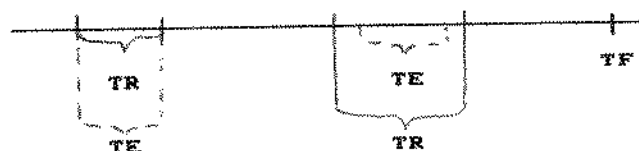
On prožil (Perf.) v Moskve tri goda i perejexal v Leningrad.

Ele viveu em Moscou três anos e mudou-se para Leningrado.

Como vimos no capítulo 5, uma eventualidade imperfectiva em russo pode ter os EPs devido à possibilidade da inclusão imprópria do TR no TE.

Esquemmatizando:

(6.52')



On žil v Moskve tri goda i (on) perejexal v Leningrad.

Esta possibilidade inexistente para as sentenças com o pretérito imperfeito em português. Observe:

(6.54)

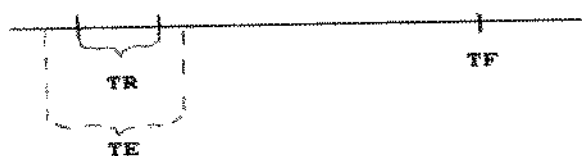
**Ele vivia/morava em Moscou três anos e mudou-se para
Leningrado.*

Assim,

(6.55) *Eu lia o livro*

terá obrigatoriamente o esquema com a inclusão própria:

(6.55')



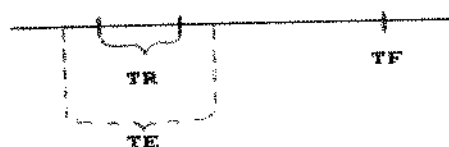
A sentença análoga com o verbo imperfectivo em russo, como em (6.50) a.:

(6.50) a. *Ja čital knigu.*

Eu lia/li o livro.

terá as duas possibilidades. A primeira possibilidade é como em (6.50') a. e em (6.55'). Cf.:

(6.50') a. / (6.55')



Neste caso, o imperfectivo russo terá a mesma função ('não-global' - Sabr[✓]sula 1972) num 'esquema de incidência' que o pretérito imperfeito (ou o progressivo com o auxiliar no pretérito imperfeito⁶) em português, como em:

(6.56)

- a. Eu lia o livro, quando o gato miou.
- b. Ja čital knigu, kogda kot m'auknul

Esta mesma função é desempenhada pelo imperfectivo tcheco, pelo imparfait francês e pelo progressivo inglês. Cf.:

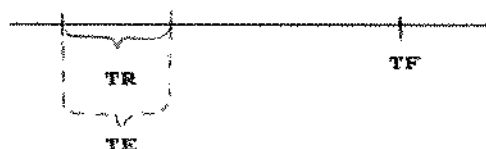
(6.57)

- a. tcheco Psal jsem, když vstoupil.
- b. francês J'écrivais quand il entra.
- c. inglês I was writing when he came in.

Eu escrevia/estava escrevendo quando ele entrou.

A segunda possibilidade da relação temporal é a seguinte:

(6.58)



Neste caso, o imperfectivo russo, com os EPs fechados, terá a mesma função do pretérito perfeito em português na leitura-atividade (ou na situação-estado, que não apresenta

ambigüidades). Cf.:

(6.59)

- a. Eu li o livro (durante quatro dias) due não gostei.
- b. Ja čital knihu (četyre dn'a), i ona mne ne
ponravilas'.

Assim, a nossa abordagem permite explicar o fenômeno chamado pelos aspectólogos russo de "concorrência dos aspectos". Este termo, como explica Soares (1984: 179),

"já consagrado na Aspectologia eslava, refere-se à possibilidade dos dois aspectos ocuparem o mesmo lugar num determinado contexto",

como nos nossos exemplos (6.53)/(5.8) e (6.52)/(5.10) ou como em (6.60):

- a. Vy dolžny znat' eto pravilo, ja daval (Imp., At.)
Vocês devem saber esta regra+Acc, eu dei
jego/ela+Acc.
- b. Vy dolžny znat' eto pravilo, ja dal (Perf., Acc.)
jego/ela+Acc.
Vocês devem saber esta regra: eu já a passei.

6.7 Casos problemáticos da análise do aspecto nas outras línguas eslavas

A nossa abordagem do aspecto permite dar conta de alguns outros fatos das línguas eslavas que receberam várias - e, às

vezes, contraditórias - interpretações na aspectologia eslava.

6.7.1 O aspecto em búlgaro

Um dos casos controvertidos é o da coexistência das formas do imperfeito e do aoristo (perfectivo e imperfectivo) em búlgaro. Lindstedt (1985) afirma que "aorist forms in Bulgarian denote essentially bounded situations (Events), each with its beginning and end" (p.81). Desclés e Guentchéva (1990) desenvolvem esta idéia, dizendo que

while aorist forms always denote Events, IMP(erfect) never denote a single Event on a plot line but rather a State, a Process, an Open Class of Events...(p.258);

IMP is not compatible with the value of an occurrence of an Event (assumed by aoristic forms) (p.257).

Sendo assim, por que o búlgaro teria duas formas de aoristo? Será uma espécie de "concorrência dos aspectos" no aoristo? Analisemos algumas ocorrências do aoristo búlgaro:

(6.61)

- a. *Tja pisa* (imp., AOR) *pismoto* *dva časa*
 Ela escrevia/escreveu (a) carta+ACC (durante) duas horas
- b. *Tja napisa* (perf., AOR) *pismoto* *za dva časa*
 Ela escreveu (a) carta+ACC em duas horas

Como se vê, de acordo com nossas definições das classes

aspectuais, em (6.61) a. temos, inconfundivelmente, uma atividade, enquanto em (6.61) b., sim, um evento (um accomplishment). Vejamos, agora, um exemplo com o verbo no imperfeito:

(6.62)

Tja písas^ěe (imp., IMP) pís^ěmo to ka^ěo za^ěpo^ěna
Ela escrevia/estava escrevendo (a) carta quando come^ěou
(perf., AOR) da vali
a cho^ěver

Em (6.62), estamos claramente diante de um caso de um 'esquema de incidência'. A primeira situação descrita é uma atividade, como mostra o teste:

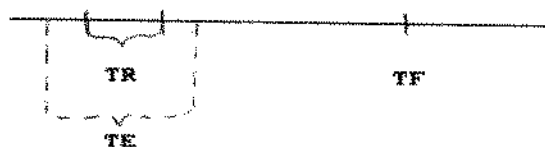
(6.63)

Tja pisaše (imp., IMP) pismoto dva časa
Ela escrevia/estava escrevendo (a) carta duas horas

Daremos agora os esquemas temporais dessas situações, indicando as relações entre o TR e o TE.

Para dar conta do 'esquema de incidência' em (6.62), teremos, para a situação no imperfeito, que o TR (a situação no perf.AOR) é incluído no TE:

(6.62')



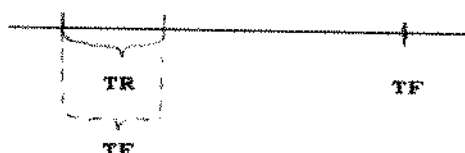
Em (6.61) b., temos um accomplishment. Assim, como argumentamos no capítulo 5, a relação será obrigatoriamente $TE \subset TR$ ou $TE \subseteq TR$, i.e., o accomplishment tem que ser perfectivo, como, de fato, é. Em (6.61) a., a situação é uma atividade e o aoristo, como já observamos, expressa uma situação "with its beginning and its end". Assim, neste caso, poderíamos ter a mesma relação de inclusão própria que se mantém em (6.61) b. Entretanto, de acordo com Desclés e Guentchéva (1990),

by means of imperfective aorist forms, one signals the occurrence of an Event, an Event not necessarily considered in its completion ('achèvement') but only as a whole with a boundary at the moment of interruption of the Process; grammatically, completion is not marked (p.249).

Deixando de lado a imensa confusão que os autores fazem ao lidar com os termos 'event', 'process' e 'achievement' ('achèvement' em francês), suas observações são muito semelhantes às que se fazem na aspectologia russa a respeito do "uso perfectivo" do aspecto imperfectivo em russo (cf. acima). Podemos, então, supor que o esquema das relações entre o TR e o

TE (6.61) a. é o seguinte:

(6.64)



Em outras palavras, temos a relação de inclusão imprópria do tempo de referência no tempo de evento, o que faz com que o evento tenha seus pontos finais (EPs), correspondendo, assim, às intuições.

6.7.2 O aspecto em sérvio-croata

Já observamos, tratando da tipologia das línguas eslavas, que o sérvio-croata representa um tipo à parte, que às vezes é chamado de "semi-acrístico", de intermediário entre o tipo meridional, mais "conservador", mais próximo do eslavo antigo, e o setentrional, mais "inovador". Em sérvio-croata, o aoristo e o imperfeito são mais conservados no sul da região, em Tchernogória (Monte Negro) e em Hertsegovina.

A perda do aoristo e do imperfeito não acontece de maneira uniforme, no sentido de que o aoristo imperfectivo é muito mais raro do que o imperfeito imperfectivo; este último é mais raro do que o aoristo perfectivo, e o imperfeito perfectivo já inexistente há mais de um século.

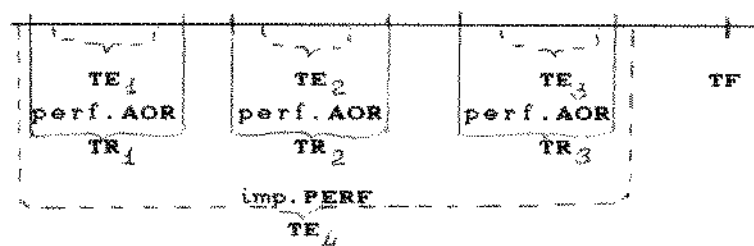
O aoristo perfectivo, por conter seu TE no seu TR (própria

rakiske boce, pijucnu (perf., AOR) malo rakije,
 de-vodka garrafa+GEN, bebeu pouco vodka+GEN
namršti (perf., AOR) se i odmahnu (perf., AOR) rukom.
 contorceu- se e agitou (a) mão+INSTR

Tia Mara, que estava sentada perto de uma grande garrafa de vodka, bebeu um pouco de vodka, contorceu-se e agitou a mão.

O esquema temporal correspondente é:

(6.66')



A situação atual do sérvio-croata é de dar preferência aos dois tempos perfeitos (passados): o perfectivo e o imperfectivo. Em outras palavras, o sérvio-croata está desenvolvendo um sistema aspecto-temporal análogo ao das línguas eslavas do tipo setentrional (russo, polonês, ucraniano, etc.). Cf.:

(6.67)

U ponedjeljak ujutru, kad je otvorio (perf., PERF)

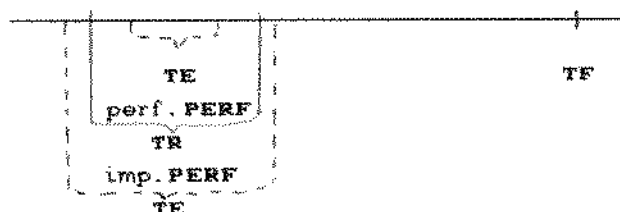
Na segunda-feira de-manhã quando abriu

magazu, Stojan je bio zamišlen (imp., PERF).

(a) loja, Stojan estava pensativo

A este exemplo corresponde o esquema seguinte:

(6.67')



6.8 Resumo do capítulo 6

Neste capítulo, fizemos uma breve "excursão" pelas línguas eslavas. Mostramos que, à diferença das línguas românicas, por exemplo, a expressão do aspecto nas línguas eslavas se dá principalmente por prefixação, não sendo, entretanto, os prefixos meros marcadores aspectuais mas funcionando quase como verdadeiros advérbios. Graças a este "mecanismo", o verbo eslavo se torna muito mais "autônomo" se comparado com o verbo português ou inglês, não deixando lugar a ambigüidades tanto no sentido da determinação da classe aspectual como na determinação do aspecto propriamente dito. A nossa abordagem do aspecto desenvolvida no capítulo 5 permitiu dar conta de alguns fatos do russo e de algumas outras línguas eslavas até agora mal explicados.

NOTAS

1. Esta idéia de Martinet é uma clara herança de I. Netušil (1891), que, procurando aquela base conceitual espacial, que, na sua opinião, serviu para a elaboração dos conceitos temporais nas línguas indo-européias, escreve:

Os numerosos fatos das línguas indo-européias provam que... o homem indo-europeu imaginava o tempo como espaço, i.e., transferia seus conhecimentos sobre as circunstâncias espaciais concretas para o conceito de tempo. Assim, por exemplo, as preposições, na sua maioria, funcionavam como advérbios e depois passaram a ser usadas para indicar o tempo (p.86 - trad. EG).

Observe-se como Netušil termina seu raciocínio:

Assim, os aspectos verbais não são outra coisa que a expressão dos conhecimentos do homem indo-europeu primitivo sobre o tempo da ação, que se distinguia fortemente de tudo que agora chamamos de "tempo de ação", entendendo com isso a relação entre a ação e o momento em que o falante menciona esta ação (idem).

2. Ilari, em comunicação pessoal, lembrou-nos que estas observações evocam a idéia de Jakobson de que as línguas se distinguem não pelo que podem dizer - elas podem dizer tudo - mas pelo que não podem não dizer.

3. Em Godoy (1989) tínhamos chegado à conclusão errônea de que todas as situações perfectivas seriam automaticamente eventos. Esta afirmação é semelhante à de Timberlake (1982) e à de Sabr^všula (1972). Como mostram os exemplos, existem situações não-eventos com verbos perfectivos, o que está de acordo com as conclusões de Hata^v (1989).

4. Fica claro, a partir dos exemplos, que a "significação mais nítida e constante" dos prefixos não é a que menciona Soares: "po- "começo da ação" (em verbos perfectivos dinâmicos) e "delimitação da ação" (em verbos perfectivos estáticos) (Soares; 1984: 177).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos perseguir dois objetivos: o primeiro foi o de "organizar" o quadro caótico das teorias pertencentes às duas tradições principais de estudos aspectológicos.

O segundo objetivo foi o de postular uma hipótese sobre a natureza temporal do aspecto, definindo-o formalmente e definindo também alguns conceitos aspectuais fundamentais.

Os históricos dos estudos aspectológicos que apresentamos nos três primeiros capítulos revelam a existência de dois paradigmas. As teorias "ocidentais", trabalhando com uma lógica de base, desenvolvem a "decomposição lexical" e o cálculo aspectual. Os trabalhos "orientais", inspirados nos estudos sobre o aspecto nas línguas eslavas, negando o caminho dedutivista, buscam uma taxionomia de noções aspectuais. Paradoxalmente, esta orientação indutivista norteia os trabalhos mais influentes sobre o aspecto em português.

Tendo demonstrado os problemas que apresenta o indutivismo na análise do aspecto, passamos à revisão e redefinição dos conceitos necessários para realizar um cálculo aspectual válido para línguas de diferentes tipos. Não foi nosso intuito apresentar o estudo comparativo do aspecto. Entretanto, ao longo da nossa discussão, incluímos exemplos de várias línguas.

O aspecto foi definido por nós rigorosamente como a relação entre o tempo de referência e o tempo de evento. As relações

específicas de inclusão estabelecidas entre esses dois tempos levam à definição dos aspectos perfectivo e imperfectivo.

Tratando o aspecto como um sistema universal de relações temporais com suas funções básicas de perspectiva temporal de uma situação, mostramos - ao contrário do sugerido por alguns autores de que apenas algumas línguas possuem o mecanismo aspectual ou, então, de que apenas algumas sentenças de uma língua têm características aspectuais - que, sendo o tempo de fala, o tempo de evento e o tempo de referência necessariamente presentes numa situação, o aspecto é sua característica obrigatória.

Se a nossa hipótese é correta, o aspecto é necessariamente uma categoria semântica universal sujeita a variações tipológicas e específicas das línguas particulares principalmente no que diz respeito a configurações morfossintáticas. Acreditamos assim que nossa proposta poderá contribuir para os estudos tipológicos, que fogem dos objetivos do presente trabalho.

Não pretendemos desenvolver o estudo completo e exaustivo do aspecto em nenhuma língua particular. Nosso capítulo 6 representa apenas uma ilustração da possibilidade da aplicação da nossa proposta para esclarecer alguns pontos que permanecem "obscuros" nas análises feitas dentro da tradição "oriental".

Limitamo-nos conscientemente ao estudo das características aspectuais das situações únicas que se encontram à esquerda

do ponto de fala. São vários os problemas dos quais não tratamos neste trabalho e outros, para os quais apenas apontamos: a iteratividade, o progressivo, os tempos compostos, as perífrases verbais, o papel dos advérbios temporais e aspectuais, o aspecto e a modalidade, etc.

Acreditamos que as nossas hipóteses poderão servir de ponto partida para os futuros trabalhos sobre o aspecto que tratem dos problemas mencionados aqui ou de outros que talvez por ora nem imaginamos.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKIMOVA, T. 1985. Semantičeskije priznaki v sfere kačestvennoj aspektual'nosti i funkcionirovanije vido-vremennyx form anglijskogo glagola (Os traços semânticos da aspectualidade qualitativa e o funcionamento das formas aspecto-temporais do verbo inglês). In: A. Bondarko (ed.), *Teorija grammatičeskogo značenija i aspektologičeskije issledovanija*. Leningrad, Nauka, 71-90.
- ALLEN, R. 1966. *The Verb System of Present-Day American English*. The Hague, Mouton.
- ANDERSSON, S.-G. 1972. *Aktionalität im Deutschen: Eine Untersuchung unter Vergleich mit dem Russischen Aspektsystem*. Uppsala, Acta Universitatis Upsaliensis.
- AQVIST, L. 1977. A System of Chronological Tense Logic. *Proceedings from Colloquium at the Reimer Stiftung, Bad Homburg, June 1976*.
- ARISTOTLE. (1984) *Metaphysics*. In: *The Complete Works of Aristotle: The Revised Oxford Translation II, 1582-1728*, Princeton.
- AVILOVA, N. 1975. Spornyje voprosy teorii vida glagola v sovetskom jazykoznanii (Questões problemáticas da teoria do aspecto verbal na lingüística soviética). *Russkij jazyk za rubežom* 4. Moskva, 55-60.
- BACH, E. 1981. On Time, Tense and Aspect: An Essay in English

- Metaphysics. In: P.Cole (ed.) *Radical Pragmatics*. Academic Press, New York, 62-81.
- _____ 1986 *Algebra of Events*. *Linguistics and Philosophy*, 9, 5-16.
- BACK, E. e G. Mattos. 1972. *Gramática construtural da língua portuguesa*. 1.ed., São Paulo, FTD. 2v.
- BELOSAPKOVA, A. 1981. *Souremennyj russkij jazyk* (Língua russa moderna). Moskva, Vyssšaja škola.
- BENNETT, M. 1981. On Tense and Aspect: One Analysis. In: *Syntax and Semantics*, 14, New York, Academic Press, 13-30.
- _____ and B.Partee. 1972. *Towards the Logic of Tense and Aspect in English*. Bloomington, Indiana University Linguistic Club.
- BONDARKO, A.V. 1971. *Vid i vremja russkogo glagola*. (O aspecto e o tempo do verbo russo). Moskva, Prosveščeniye.
- _____ 1975. O vidax russkogo glagola (Sobre os aspectos do verbo russo). *Russkij jazyk za rubežom*, 5: 63-5 e 6: 63-6.
- _____ 1981. Osnovy postrojenija funktsional'noj grammatiki (Os fundamentos da gramática funcional). *Izvestija AN SSSR, ser. lit. i jaz.*, t.40, N 6, 481-98.
- _____ 1983. *Printsipy funktsional'noj grammatiki i voprosy aspektologii* (Os princípios da gramática funcional e os problemas da aspectologia). Leningrad, Nauka.
- _____ 1984. Teorija značeniya v aspektologičeskix issledovanijax (Teoria do significado nas pesquisas aspectológicas). In:

- Bondarko, A.V. (ed.) *Teorija grammatičeskogo značeniya i aspektologičeskije issledovaniya*. Leningrad, Nauka, 5-21.
- _____. 1985. K teorii funktsionalnyx podxodov k izučeniju jazyka. (Para a teoria das abordagens funcionais da análise .lingüística). In: Jartseva, V.N. *Problemy funktsionalnoj grammatiki*. (Problemas da gramática funcional). Moskva, Nauka, 16-29.
- BONDARKO, A., L.Bulanin. 1967. *Russkij glagol* (Verbo russo). Leningrad.
- BRUGMANN, K. 1904. *Kurze vergleichende Grammatik der Indogermanischen Sprachen*. Strassburg.
- BULL, W. 1963. *Time, Tense and the Verb*. University of California Publications in Linguistics 19.
- CARLSON, G. 1977. A unified analysis of the English bare plural. *Linguistics and Philosophy* 1, 413-56.
- CASTILHO, A.T. de. 1967. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 12, 7-135.
- CHIERCHIA, G. 1985. Formal Semantics and the Grammar of Predication. *Linguistic Inquiry*, vol.16, n^o 3.
- CHOMSKY, N. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge (Mass.).
- CHVANY, C. 1980. The role of verbal tense and aspect in the narration of *The Tale of Igor's Campaign*. In: Kodjak, A et al. (eds.). *The Structure Analysis of Narrative Texts*.

Columbus, Slavica, 7-23.

COMRIE, B. 1976. *Aspect*, Cambridge University Press.

_____ 1985. *Tense*, Cambridge University Press.

COOPER, R. 1986. Tense and discourse location in situation semantics. *Linguistics and Philosophy* 9, 17-36.

CORBETT, G. 1987. Serbo-Croat. In: Comrie, B. (ed.). *The World's major Languages*. London, Routledge, 391-409.

COSTA, S.B.B. *O Aspecto em português*. São Paulo, Contexto, 1990.

DAHL, Ö. 1981. On the Definition of the Telic-Atelic (Bounded - Nonbounded) Distinction. In: Ph.Tedeschi and A. Zaenen (eds.). *Syntax and Semantics*, vol.14, New York, Academic Press, 79-90.

_____ 1983. Temporal Distance: Remoteness Distinctions in Tense-Aspect Systems. *Linguistics*, 21, 105-128.

_____ 1985. *Tense and Aspect Systems*. Oxford.

DAVIDSON, D. 1967. Truth and Meaning, *Synthese* 17, 304-323.

DECLERCK, R. 1979a. On the Progressive and the 'Imperfective Paradox'. *Linguistics and Philosophy*, 3, 267-272.

_____ 1979b. Aspect and the Bounded/Unbounded (Telic/Atelic) Distinction. *Linguistics*, 17,

_____ 1986. From Reichenbach (1947) to Comrie (1985) and beyond: Toward a Theory of Tense. *Lingua*, 70, 305-364.

DESCLES, J.-P., Z. Guentchéva. 1990. Discourse Analysis of Aorist and Imperfect in Bulgarian and French. In: Thelin, N. (ed.). *Verbal Aspect in Discourse*. Amsterdam, J. Benjamin,

237-261.

DELBRÜCK, B. 1897. *Vergleichende Syntax der Indogermanischen Sprachen*. II, Strassburg.

DESHERIEVA, T.A. 1979. *Issledovaniye vido-vremennoj sistemy v naxskix jazykax*. (Análise do sistema aspecto-temporal nas linguas nakh). Moscou, Nauka.

_____. 1988. *Kategorija modal'nosti v naxskix i inostrukturnyx jazykax* (A categoria da modalidade nas linguas nakh e nas linguas de outras estruturas). Moskva, Nauka.

DOWTY, D. 1977. Toward a Semantic Analysis of Vreb-Aspect and the English 'Imperfective' Progressive. *Linguistics and Philosophy*, 1, 45-77.

_____. 1979. *Word Meaning and Montague Grammar*. Reidel, Dordrecht.

_____. 1982. Tenses, Time Adverbs and Compositional Semantic Theory. *Linguistics and Philosophy*, 5, 23-55.

_____. 1986. The Effects of Aspectual Class on the Temporal Structure of Discourse: Semantics or Pragmatics? *Linguistics and Philosophy* 9, 37-61.

DRY, H. 1981. Sentence aspect and the movement of narrative line. *Text* 1 (3), 233-240.

ENGELS, F. 1873 [1955]. [Correspondência]. In: Marx, K., Engels, F. *Sočinenija* (Obras). Trad. russa. Moskva, Politizdat.

FILLMORE, Ch. 1971. *Lectures on Deixis*. Indiana University Linguistic Club, Bloomington.

FORSYTH, J. 1970. *A grammar of aspect: usage and meaning in the*

- Russian verb*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GABBAY, D. and J. Moravcsik. 1980. Verbs, events and the flow of time. In: Rohrer, C. (ed.), *Time, Tense and Quantifiers*. Tübingen, 59-83.
- GAREY, H. 1967. Verbal aspect in French. *Language* 33, 91-110.
- GIVON, T. 1977. The drift from VSO to SVO in Biblical Hebrew: the pragmatic of tense-aspect. In: Li, Ch. (ed.), *Mechanisms of Syntactic Change*, Austin: University of Texas Press, 82-97.
- _____. 1982. Tense-aspect modality; the creole prototype and beyond. In: Hopper, P. (ed.), *Tense-Aspect*, Amsterdam, Benjamins, 115-166.
- GODOY, E. 1989. Sobre o aspecto em russo. Ms.
- _____. 1990. O progressivo: além do aspecto. Comunicação no IX Congresso da ALFAL, UNICAMP, 06-10 de agosto.
- _____. 1992. O significado lingüístico e o materialismo dialético. *Letras* 40 (no prelo).
- GOLDSMITH, J., E. Woiwetschlager. 1982. The Logic of the English Progressive. *Linguistic Inquiry*, vol 13, n^o 1, 79-89.
- GRUBER, J.S. 1967. *Functions of the Lexicon in Formal Descriptive Grammars*, Technical Memorandum, SDC, Santa Monica (Cal.).
- GUILLAUME, G. 1929. *Temps et Verbe. Théorie des aspects, des modes et des temps*. Paris, Champion.
- _____. 1963. *Langage et Science du langage*. Paris, Nizet et Québec Presses de l'Université Laval.
- GUENTNER, F., Hoepelman, J., Rohrer, C. 1978. A note on the passé

- simple. In: C. Rohrer (ed.), *Papers on Tense, Aspect and Verb Classification*. Tübingen, Narr, 11-36.
- HALTOF, B. 1967. Die Aspekte des modernen Russischen. *Zeitschrift für Slawistik* 12, 735-743.
- _____. 1968. Ein semantisches Modell zur Aspekt determinierung im modernen Russischen. In: R. Růžicka (ed.), *Probleme der strukturellen Grammatik und Semantik*. Leipzig, Karl-Marx-Universität, 132-150.
- HAMBURGER, H. 1984. Aktionsart and Aspect in Russian. *Russian Linguistics* 8, 129-146.
- HATAV, G. 1989. Aspects, Aktionsarten, and the Time Line. *Linguistics* 27, 487-516.
- HENY, F. 1982. Tense, Aspect and Time Adverbials, Part II. *Linguistics and Philosophy* 5,
- HERBIG, G. 1896. Aktionsart und Zeitstufe. Beiträge zur Funktionslehre des Indogermanischen Verbums, *Indogermanische Forschungen* 6, 157-269.
- HINRICHS, E. 1986. Temporal Anaphora in Discourse of English. *Linguistics and Philosophy* 9, 63-82.
- HJELMSLEV, L. 1953. *Prolegomena to a Theory of Language*. Indiana University Press.
- HOEPELMAN, J Ph. 1974. Tense-Logic and the Semantics of the Russian Aspects. *Theoretical Linguistics* 1,
- _____. 1978. A Note on the Treatment of the Russian Aspects in a Montague Grammar. In: Ch. Rohrer (ed.) *Papers on Tense,*

Aspect and Verb Classification. Tübingen, Narr, 49-98.

HOEPELMAN and C. Rohrer. 1980. On the mass-count distinction and the French imparfait and passé simple. In: Rohrer, C. (ed.). *Time, Tense and Quantifiers*. Tübingen, 85-112.

HOPPER, P. 1979a. Some observation on the typology of focus and aspect in narrative language. *Studies in Language* 3 (1), 37-64.

_____. 1979b. Aspect and foregrounding in discourse. In: Givón, T. (ed.) *Syntax and Semantics*, vol. 12. New York, Academic Press, 213-241.

_____. 1982. Aspect between Discourse and Grammar. In: P. Hopper (ed.) *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, vol. 1. Amsterdam, John Benjamins, 3-18.

IKEDA, S.N. 1992. O pretérito imperfeito: a importância da superestrutura na sua interpretação. *D.E.L.T.A.*, vol.8, n° 1, 43-70.

ILARI, R. 1981. Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português. in: Borba (org.), *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo, EDUSP, 181-193.

1989. *Sobre os advérbios aspectuais*. (Ms.).

_____. *Roteiro prévio para o estudo das expressões temporais em português*. ms. s.d.

ILARI, R., I.Mantoanelli. 1983. As formas progressivas do Português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n° 5, 27-60.

ILARI, R., R.Oliveira, E.Godoy. 1989. Falando numas...

XXXVI Seminário de Linguística do GEL, USP, São Paulo.

ISACENKO, A. 1968. *Grammaticeskij stroj russkogo jazyka v sopostavlenii slovatskim* (A estrutura gramatical da língua russa em comparação com a eslovaca). Bratislava.

JACKENDOFF, R.S. 1983. *Semantics and Cognition*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.

JAKOBSON, R. 1931 [1981]. Zur Struktur des russischen Verbums.

Trad. inglesa in: Waugh, L. and M.Halle (eds.) *Russian and Slavic Grammar Studies*. Berlin.

_____. 1955. *Slavic Languages: A Condensed Survey*. King's Crown Press, New York.

_____. 1956 [1981]. Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb. In: Waugh, L. and M.Halle (eds.) *Russian and Slavic Grammar Studies*. Berlin.

JANKO-TRINITSKAJA, V. 1982. *Russkaja morfologija* (Morfologia russa). Moskva, Russkij jazyk.

JASNOVA, M. 1977. *Vidy glagola v russkom jazyke* (Os aspectos verbais na língua russa). Moskva, Universitet Družby Narodov.

JESPERSEN, O. 1924. *The philosophy of grammar*. London, Allen & Unwin, 1924.

JOHNSON, M.R. 1981. A Unified Temporal Theory of tense and Aspect. In: *Syntax and Semantics*, vol. 14, New York, Academic Press, 145-176.

JOSMAN, B. 1986. *The linguistic encoding of temporality in the*

- Hebrew narrative. M.A. Thesis, Departament of Linguistic, Tel Aviv University.
- KAMP, H. 1981. Événements, représentations discursives et référence temporelle. *Language* 64, 39-64.
- KAMP, H. and Ch. Rohrer. 1983. Tense in text. In: Baurle, R. et al. (eds.) *Meaning, Use and Interpretation of Language*. Berlin, De Gruyer, 39-64.
- KATZ, J. 1972. *Semantic Theory*. Harper and Row, New York.
- KENNY, A. 1963. *Action, Emotion and Will*. London.
- KOSMIDER, E. 1962. Očerk nauki o vidax pol'skogo glagola (Um ensaio da ciência sobre os aspectos do verbo polonês). In: *Voprosy glagol'nogo vida*. Moskva, 105-167.
- KOZINTSEVA, N. 1984. Vido-vremennyye formy predel'nyx i nepredel'nyx glagolov v sovremennom armjanskom jazyke (As formas aspecto-temporais dos verbos limitados e ilimitados em língua arménia moderna). In: V. Bondarko (ed.), *Teorja grammatičeskogo vida i aspektologičeskiye issledovanija*. Leningrad, Nauka, 109-127.
- KRAAK, A. 1967. Perfectief en duratief als syntactische en morfologische categorie. *Handelingen van het XXVI Filologencongres*. Gent, 589-602.
- LAKOFF, G. 1965. *On the Nature of Syntactic Irregularity*, Doctoral dissertation, Indiana University.
- 1968. Instrumental Adverbs and the Concept of Deep Structure, *Foundations of Language* 4, 4-29.

- _____. 1971. On Generative Semantics. In: L. Jakobovitz and D. Steinberg (eds.), *Semantics of Natural Language*, Reidel, Dordrecht, 545-665.
- LEECH, G. 1969. *Towards a Semantic Description of English*. London, Longmans.
- LEONTIEV, A. 1983. K teoretičesk^yomu obosnovaniju universal'no-sopostavitel'noj funktsional'noj grammatiki (Para a fundamentação teórica da gramática comparada universal funcional). In: *Problemy funktsional'noj grammatiki: Tezisy konferentsii*. Moskva, 22-31.
- LESKIEN, A. 1919. *Grammatik der altburgarischen (altkirchenslavischen) Sprache*, Heidelberg.
- LINDSTEDT, J. 1985. *On the Semantics of Tense and Aspect in Bulgarian* (Slavica Helsingiensia 4). Helsinki.
- LONGACRE, R. 1981. A spectrum profile approach to discourse analysis. *Text* 1 (4), 337-59.
- LOPES, M. A. G. 1987. *As categorias verbais de tempo e aspecto no Português: dos valores básicos ao uso*. Diss. de Mestrado, PUC, São Paulo.
- MANTOANELLI, I. F. 1982. *Tempo e aspecto em Português e Francês*. Diss. de Mestrado, Unicamp, Campinas, 1982.
- MARIN, F. M. 1987. *Curso de gramática española*. Madrid, Cincel.
- MARTIN, R. 1971. *Temps et Aspects*. Paris, Klincksieck.
- MARTIN, R. et F. Nef. 1981. Temps linguistique et temps logique. *Langages* 64, 7-20.

- MASLOV, Ju. 1962. *Voprosy glagol'nogo vida* (Problemas do aspecto verbal). Moskva, Izd. Inostrannoj literatury.
- _____. 1965. Sistema osnovnyx ponjatij i terminov slavjanskoj aspektologii (Sistema dos conceitos e termos principais da aspectologia eslava). In: *Voprosy obščego jazykoznanija* Leningrad, Izd. Leningradskogo Universiteta, 53-80.
- _____. 1973. Universal'nyje semantičeskiye komponenty v soderžanii grammaticeskoy kategorii soversěnnogo/nesoversěnnogo vida (Componentes semânticos universais no conteúdo da categoria gramatical de aspecto perfectivo/imperfetivo). *Sovetskoje slavyanovedeniye* 4, 73-83.
- _____. 1978. K osnovanijam sopostavitel'noj aspektologii (Sobre as bases da aspectologia comparada). In: *Voprosy sopostavitel'noj aspektologii*. Leningrad, 12-25.
- MATEUS, M.H.M. et al. 1983. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Almedina.
- McCAWLEY, J. 1968. Lexical Insertion in a Transformational Grammar without Deep Structure, *CLS* 4, 71-80.
- MITTWOCH, A. 1982. On the Difference between *Eating* and *Eating Something*: Activities versus Accomplishments. *Linguistic Inquiry*, vol. 13, n° 1, 113-122.
- _____. 1988. Aspects of English Aspect: on the Interaction of Perfect, Progressive and Durational Phrases. *Linguistics and Philosophy* 11, 203-254.
- MONTAGUE, R. 1974. The proper Treatment of Quantification in

- Ordinary English. In: *Formal Philosophy*, Yale, New Haven.
- MOURELATOS, A. 1981. Events, Processes and States. In: *Syntax and Semantics*, vol. 14. Tense and Aspect. New York, Academic Press, 415-434.
- NERBORNNE, J. 1986. Reference and time in narration. *Linguistics and Philosophy* 9 (1), 83-95.
- ^vNETUSIL, I. 1991. Ob osnovnyx značeni^vjax grečeskix vrem'on (Sobre os principais significados dos tempos gregos). ^vZMNP, junho, 84-97.
- OVERSTEEGEN, L. 1986. On Tense and Aktionsart: The Two Track Theory of Time. *Lingua*, 69, 197-218.
- ^vPADUCEVA, E.V. 1990. Vid i leksičeskoje značeni^ve glagola (O aspecto e o significado lexical do verbo). *Russian Linguistics* 14, 2-18.
- PARSONS, T. 1989. The Progressive in English: Events, States and Processes. *Linguistics and Philosophy* 12, 213-241.
- PARTEE, B. 1984. Nominal and Temporal Anaphora. *Linguistics and Philosophy* 7, 243-286.
- PAVLOV, V.M. 1984. Temporalnyje i aspektualnyje priznaki v semantike "vremennyx form" nemetskogo glagola (Os traços temporais e aspectuais na semântica das "formas temporais" do verbo alemão). In: A. Bondarko (ed.), *Teori^va grammatičeskogo značeni^va i aspektologičeskije issledovanija*. Leningrad, Nauka, 42-70.
- ^vPLUZNİKOVA, S., Je. Vladimirskij. 1982. Russkij jazyk (Lingua

russo). Moskva, Russkij jazyk.

POUTSMA, H. 1926. *A Grammar of Late Modern English*. Groningen.

PRIOR, A. 1967. *Past, Present and Future*. Oxford, Oxford University Press.

REFEROVSKAJA, E. 1984. Aspektualnyje znač^ěenija frantsuzskogo glagola (Os significados aspectuais do verbo francês). In: Bondarko, A.V. *Teorija grammatičeskogo znač^ěenija i aspektologičeskije issledovanija*. Leningrad, Nauka, 91-108.

REICHENBACH, H. 1947. *Elements of Symbolic Logic*. Berkeley, CA, University of California Press.

REINCHART, T. 1984. Principles of gestalt perception in the temporal organization of narrative texts. *Linguistics* 22, 779-809.

_____. 1986. States, events and reference time. Handout of a lecture given at MIT.

ROZENTAL, D. 1984. *Souremennyj russkij jazyk* (Lingua russa moderna). Moskva, Vyssšaja škola.

RUIZ, T.M.B. 1992. *Aspecto: um estudo de sua expressão pelas flexões verbais*. Diss. de Mestrado, UFPR, Curitiba.

RYLE, G. 1949. *The Concept of Mind*. London, Barnes and Noble.

SABRSULA, J. 1972. Verbal Aspect and Manner of Action in French - a Slavonic/Czech view. In: Fried (ed.). *Prague School of Linguistics and Language Teaching*. London, Oxford University Press, 95-111.

- SLUSAREVA, N.A. 1985. Funktsionalnaja grammatika i kognitivnost morfologii (A gramática funcional e a cognitividade da morfologia). In: V.Jartseva, (ed.) *Problemy funktsionalnoj grammatiki*. Moscou, Nauka, 56-65.
- SHI, Z. 1990. On the Inherent Aspectual Properties of NPs, Verbs, Sentences and the Decompositions of Perfectivity and Inchoativity. *World*, vol 41, n° 1, 47-67.
- SMELEV, D. 1959. O značenii vida v povelitel'nom naklonenii (Sobre o significado aspectual no imperativo). *Russkij jazyk v škole* 4, 13-7.
- SMITH, C. 1981. Semantic and Syntactic Constraints on Temporal Interpretation. In: *Syntax and Semantics*, vol 14, Tense and Aspect, New York, Academic Press, 213-238.
- 1983. A Theory of Aspectual Choice. *Language*, 59, 497-501.
- 1986. A speaker-based Approach to Aspect. *Linguistics and Philosophy* 9, 97-115.
- SOARES, M.A.R.P. 1984. *A semântica do aspecto verbal em russo e em português*. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro.
- STEN, H. 1952. *Les temps du verbe fini (indicatif) en français moderne*. Copenhagen.
- STREITBERG, W. 1889. *Perfective und imperfective Aktionsart in Germanischen*. I, Halle a.S.
- SZULMAJSTER-CELNIKER, A. 1986. Un phénomène de fusion linguistique: l'aspect en Yidich. *La Linguistique*, vol. 22, fasc. 1.

- TAYLOR, B. 1977. Tense and Continuity. *Linguistics and Philosophy* 1, 199-220.
- THELIN, N. 1990. Introduction. Verbal Aspect in Discourse: On the State of the Art. In: Thelin, N. (ed.) *Verbal Aspect in Discourse*. Amsterdam, J. Benjamin, 3-90.
- TICHY, P. 1985. Do We Need Interval Semantics? *Linguistics and Philosophy*, 8,
- TIMBERLAKE, A. 1982. Invariance and the Syntax of Russian Aspect. In: Hopper, P.J. (ed.). *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, Amsterdam, John Benjamins, 305-334.
- TRAVAGLIA, L.C. 1985. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Edição revisada, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia.
- VENDLER, Z. 1967. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, New York, Cornell University Press.
- VERKUYL, H.J. 1972. *On the Compositional Nature of the Aspects*. Doct. Diss., Dordrecht.
- _____. 1989. Aspectual Classes and Aspectual Composition. *Linguistics and Philosophy*, 12, 39-94.
- VERKUYL, H., J. Le Loux-Churinga. 1988. Once upon a Tense. *Linguistics and Philosophy*, vol.8, n° 2, 237-61.
- VET, C. 1981. La notion de "monde possible" et le système temporel et aspectuel du français. *Langages* 64, 109-24.
- VIKNER, C. 1985. L'aspect comme modificateur du mode d'action: à propos de la construction être + participe passé. *Langue*

Française 67, 95-113.

- VLACH, F. 1981a. The Semantics of the Progressive. In: Ph. Tedeschi and A. Zaenen (eds.), *Syntax and Semantics*, vol. 14, Tense and Aspect, New York, Academic Press, 271-292.
- _____. 1981b. La sémantique du temps et de l'aspect en anglais. *Langages* 64, 65-80.
- WALLACE, S. 1982. Figure and Ground: The Interrelationships of Linguistic Categories. In: P. Hopper (ed.), *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam, John Benjamin, 201-26.
- WEINRICH, H. 1964. *Tempus*. Stuttgart.
- WRIGHT, G. von. 1963. *Norm and Action*. Humanities Press.
- _____. 1968. *An Essay in Deontic Logic and the General Theory of Aktion (Acta Philosophica Fennica)*.
- XOLODOVITCH, A. 1979. *Problemy grammatičeskoj teorii* (Problemas da teoria da gramática). Leningrad.
- XRAKOVSKIJ, V. 1985. Tipy grammatičeskix opisaniy i osobennosti funktsional'noj grammatiki (Os tipos de descrições gramaticais e as particularidades da gramática funcional). In: V. Jartseva (ed.), *Problemy funktsional'noj grammatiki*. Moskva, Nauka, 65-76.